

Apostila do Curso de Espiritismo e Evangelho

**Centro Espírita Amor e Caridade
Goiânia - GO**

**Trabalho realizado em 1997 pelo
Grupo de Estudos desta Casa Espírita
com a coordenação de Cláudio Fajardo**

Divulgação

AUTORES ESPÍRITAS CLÁSSICOS
www.autoresespirtasclassicos.com

Índice

Semeando...	4
Módulo I – Introdução à Doutrina Espírita	5
1 – O que é o Espiritismo?	5
2 – História do Espiritismo	8
3 – Allan Kardec	11
4 – Obras Básicas	14
Módulo II – Deus	18
1 – Evolução da idéia de Deus	18
2 – Visão Espírita de Deus	20
3 – Lei de Deus	22
4 – Providência Divina	24
Módulo III – Livre-arbítrio e Lei de Causa e Efeito	26
1 – Governador Espiritual da Terra	26
2 – A vida de Jesus - Contexto Histórico	28
3 – Fatos extraordinários da vida de Jesus	31
4 – Moral Cristã	34
Módulo IV – Espírito	36
1 – Dos elementos gerais do Universo	36
2 – Origem e natureza dos Espíritos	38
3 – Escala Espírita	39
4 – Anjos e Demônios	42
Módulo V – Perispírito	45
1 – Introdução ao estudo do Corpo Espiritual	45
2 – Funções e propriedades do Perispírito	47
3 – Centros de Força	49
4 – Percepções, Sensações e Sofrimentos dos Espíritos	51
Módulo VI – Evolução	53
1 – Evolução do Princípio Inteligente	53
2 – Evolução do Espírito	55
3 – Lei do Progresso	60
4 – Da Perfeição Moral	62
Módulo VII – Livre-arbítrio e Lei de Causa e Efeito	64
1 – Livre-arbítrio e Lei de Liberdade	64
2 – Lei de Causa e Efeito	67
3 – Influência do Meio e Livre-arbítrio	71
4 – Tudo me é lícito, mas nem tudo edifica	74
Módulo VIII – Reencarnação	76
1 – Conceito e visão de outras Doutrinas Espiritualistas	76
2 – Justiça da Reencarnação	78
3 – Reencarnação na Bíblia	82
4 – Mecanismos da Reencarnação	85

Módulo IX – Há muitas moradas na Casa do Pai	91
1 – Introdução	91
2 – Diferentes estados do Espírito após o Desencarne	92
3 – Mundo Espiritual	94
4 – Diferentes Categorias de Mundos Habitados	98
5 – Final dos Tempos - Visão Espírita	101
Módulo X – Imortalidade da Alma e Vida Futura	103
1 – Imortalidade da Alma	103
2 – Processo Desencarnatório	105
3 – Preparação do Espírito para o Desencarne	108
4 – As Penas Futuras segundo o Espiritismo.....	110
Módulo XI – Mediunidade.....	113
1 – Conceito e Histórico	113
2 – Tipos de Mediunidade.....	116
3 – Objetivos da Mediunidade	118
4 – O Passe	120
Módulo XII – Influência dos Espíritos na Nossa Vida.....	124
1 - Influência dos Espíritos em Nossos Pensamentos.....	124
2 – Espíritos Protetores	127
3 – Obsessão	129
4 – Rituais, Símbolos e Feitiçaria	133
Módulo XIII – Novo Testamento.....	135
1 – Por que e para que estudá-lo à luz da Doutrina Espírita	135
2 – Introdução ao Novo Testamento	137
3 – Como estudar o Evangelho à luz da Doutrina Espírita	140
Anexo 1 – Estudo e Interpretação do Evangelho.....	144
Bibliografia	153

Semeando...

“Eis que o semeador saiu a semear...” – *Jesus. Mateus, 13: 3*

As palavras de Jesus, ao iniciar a Parábola do Semeador, trazem em si valiosos ensinamentos.

“A semente é a palavra de Deus”, já nos dizia o Mestre segundo as anotações de Lucas no capítulo 8, versículo 11. Desta forma, foi Ele o Semeador por excelência. Ninguém mais do que o Cristo divulgou a palavra de Deus através da exemplificação e, assim, ensinou-a a todos sem discriminação.

Mas, se foi Ele o maior de todos, compete a cada um de nós, candidatos a discípulos que somos, assumir a nossa parcela de responsabilidade diante do “ide e pregai ...”.

Portanto, ao reconhecermos que somos sempre semeadores, cabe definirmos sobre a qualidade da semeadura a que estamos vinculados.

O crente semeia a vida eterna

O manso, a mansuetude.

O professor, novos conhecimentos.

O sábio, a sabedoria.

O Cristo semeou o amor.

E nós, o que estamos semeando?

É uma verdade que não podemos refutar: só damos o que possuímos. Assim, se queremos semear, é preciso possuímos a semente. E semear com o Cristo é termos em nós a semente que Ele tão bem definiu: “a palavra de Deus”, e esta só pode existir em nós através do estudo e da vivência de suas leis.

É porque a Doutrina Espírita traz em seu bojo o instrumental, que necessitamos para a compreensão e a vivência evangélica, que podemos seguramente afirmar:

Estudemos o Espiritismo à luz do Evangelho do Cristo e estudemos o Evangelho do Cristo à luz do Espiritismo. Assim, estaremos nos capacitando a sermos semeadores da palavra divina.

Módulo I

Introdução à Doutrina Espírita

1 – O que é o Espiritismo?

Espiritismo é uma doutrina de caráter científico, filosófico, de conseqüências morais e religiosas, codificada por Allan Kardec nos meados do Século XIX. Trata da natureza, da origem e da destinação dos Espíritos e das relações desses com o mundo corporal.

Como ciência prática, ele consiste nas relações que se pode estabelecer com os Espíritos; como filosofia, compreende todas as conseqüências morais que decorrem dessas relações; e como religião, temos de entendê-lo não como organização religiosa, mas no seu real sentido de religar a criatura ao Criador.

Sobre este tema, Emmanuel em sua genial obra “O Consolador”, nos afirma o seguinte:

“Podemos tomar o Espiritismo, simbolizado desse modo, como um triângulo de forças espirituais. A Ciência e a Filosofia vinculam à Terra essa figura simbólica, porém a Religião é o ângulo divino que a liga ao céu. No seu aspecto científico e filosófico, a doutrina será sempre um campo nobre de investigações humanas, como outros movimentos coletivos, de natureza intelectual, que visam o aperfeiçoamento da Humanidade. No aspecto religioso, todavia, repousa a sua grandeza divina por constituir a restauração do Evangelho de Jesus Cristo, estabelecendo a renovação definitiva do homem, para a grandeza do seu imenso futuro espiritual.”¹

Por que Espiritismo?

No início da introdução de “O Livro dos Espíritos”, o Codificador nos explica porque deu este nome à doutrina que então se iniciava.

“Para se designarem coisas novas são precisos termos novos. Assim o exige a clareza da linguagem, para evitar a confusão inerente à variedade de sentidos das mesmas palavras. Os vocábulos espiritual, espiritualista, espiritualismo têm acepção bem definida. Dar-lhes outra, para aplicá-los à doutrina dos Espíritos, fora multiplicar as causas já numerosas de anfibologia. Com efeito espiritualismo é o oposto do materialismo. Quem quer que acredite haver em si alguma coisa mais do que matéria, é espiritualista. Não se segue daí, porém que creia na existência dos Espíritos ou em suas comunicações com o mundo visível. Em vez das palavras espiritual, espiritualismo, empregamos, para indicar a crença a que vimos de referir-nos, os termos espírita e espiritismo, cuja forma lembra a origem e o sentido radical e que, por isso mesmo apresentam a vantagem de ser perfeitamente inteligíveis, deixando ao vocábulo espiri-

¹ “O Consolador”, Introdução.

tualismo a aceção que lhe é própria(...) Os adeptos do Espiritismo serão os espíritas, ou se quiserem, os spiritistas.”²

As Três Revelações

Revelar significa tirar o véu, mostrar, tomar conhecimento do que é secreto, mas todo conhecimento deve ser progressivo e ajustado à mente a que se destina.

Desta forma, os Espíritos nos afirmam que a Humanidade recebeu a grande Revelação em três aspectos essenciais:

– Revelação de Moisés:

Através desta revelação, Moisés nos traz a missão da Justiça.

Na lei mosaica, há duas partes distintas: a lei de Deus, que está formulada nos dez mandamentos, e a lei civil ou disciplinar, decretada por Moisés. Se a primeira é invariável, a segunda é apropriada aos costumes e ao caráter do povo, e se modifica com o tempo.

Por ser o povo hebreu indisciplinado e preconceituoso, Moisés precisou usar da força para combater os abusos e preconceitos adquiridos durante a escravidão do Egito. Só a idéia de um Deus terrível podia impressionar criaturas ignorantes.

Por isso afirma Kardec: “As leis mosaicas, propriamente ditas, revestiam, pois um caráter essencialmente transitório.”.

– Revelação de Jesus:

Jesus nos trouxe a revelação insuperável do Amor. Ele não veio destruir a lei, isto é, a lei de Deus, veio cumpri-la e desenvolvê-la; dar-lhe o verdadeiro sentido e adaptá-la ao grau de adiantamento dos homens.

O Mestre nos desvendou a vida futura e nos revelou um Deus-Pai, todo Amor e Misericórdia.

Seu Evangelho é o mais perfeito código de conduta moral que se conhece, mas para compreender o sentido oculto de suas palavras, seria preciso que novas idéias e novos conhecimentos viessem dar-lhes a chave, e essas idéias não poderiam vir antes de um certo grau de maturidade do espírito humano. Meditemos em suas palavras:

“Ainda tenho muito que vos dizer, mas vós não podeis suportar agora. Mas quando vier aquele Espírito de Verdade, ele vos guiará em toda verdade; porque não falará de si mesmo, mas dirá tudo o que tiver ouvido, e vos anunciará o que há de vir.” (João 16: 12 e 13)

– Revelação Espírita:

O Espiritismo, em sua feição de Cristianismo redivivo, traz, por sua vez, a sublime tarefa da Verdade.

² “O Livro dos Espíritos”, Introdução.

O século XIX trouxe novas clarezas para o mundo, encaminhando-o para as reformas úteis e preciosas. A ciência nessa época desfere os vãos soberanos que a conduziriam às culminâncias do século atual.

Decretada a maturidade espiritual da coletividade em evolução no planeta, novas luzes chegam ao campo terrestre marcando o advento da terceira revelação.

Se a primeira Revelação teve em Moisés a sua personificação, e a Segunda tem-na no Cristo, a terceira – o Espiritismo – não tem um só elemento a personificá-la, visto não ser fruto do ensinamento de nenhum homem, mas sim dos Espíritos.

Assim como o Cristo disse: “Não vim destruir a lei, porém cumpri-la”, também o Espiritismo diz: “Não venho destruir a lei cristã, mas dar-lhe execução.”

Vem cumprir, nos tempos preditos, o que o Cristo anunciou e preparar a realização das coisas futuras. Ele é, pois obra do Cristo, que preside, conforme igualmente o anunciou, à regeneração que se opera e prepara o reino de Deus na Terra.

Allan Kardec³

³ “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, Cap. I item 7.

2 – História do Espiritismo

Ao falarmos sobre História do Espiritismo, devemos diferenciar os fatos espíritas do Espiritismo propriamente dito. Os fenômenos espíritas aconteceram em todas as épocas da Humanidade. No livro do Velho Testamento, encontramos inumeráveis casos de prática mediúnica, obsessão, curas, que se naquele instante foram tidos como sobrenaturais, hoje, à luz da doutrina consoladora, são explicados com muita tranquilidade. Por isso, quando falamos em história do Espiritismo, queremos falar daquele instante em que Arthur Conan Doyle nos afirma ter havido uma “invasão” das entidades desencarnadas.

O fato mais marcante deste período é sem dúvida o episódio de Hydesville, mas antes gostaríamos de citar dois médiuns maravilhosos que foram Emanuel Swedenborg e Andrew Jackson Davis, que tiveram importante atuação como precursores do Espiritismo.

O primeiro foi um sábio sueco que viveu no século XVIII, e que em suas incursões pela espiritualidade, nos antecipa o mundo que mais tarde Allan Kardec iria metodicamente estudar. O segundo, Jackson Davis, foi um excepcional médium americano contemporâneo das irmãs Fox. Dono de uma grande força profética, tem em seu currículo as profecias detalhadas que fez antes de 1856 do automóvel e da máquina de escrever.

O próprio aparecimento do Espiritismo foi por ele previsto nos seus “Princípios da Natureza”, publicados em 1847, onde ele diz:

“É verdade que os Espíritos se comunicam entre si, quando um está no corpo e outro em esferas mais altas, e, também, quando uma pessoa em seu corpo é inconsciente do influxo e, assim, não se pode convencer do fato. Não levará muito tempo para que essa verdade se apresente como viva demonstração. E o mundo saudará com alegria o surgimento dessa era, ao mesmo tempo em que o íntimo dos homens será aberto e estabelecida a comunicação espírita, tal qual a desfrutaram os habitantes de Marte, Júpiter e Saturno”.

Hydesville

O episódio de Hydesville, vilarejo situado próximo à cidade de Rochester, no condado de Wayne, nos Estados Unidos, passou à história como um marco do Espiritismo.

Numa tosca cabana residia uma família protestante composta por John Fox, sua mulher Margareth e as filhas menores Margareth e Catherine (Kate).

Nessa modesta residência, se verificaram fatos estranhos que alarmaram seus moradores e toda a vizinhança: ruídos, pancadas, batidas, punham todos em desassossego. Ninguém descobria sua origem.

As filhas do casal Fox, Margareth e Kate, no dia 31 de Março de 1848 quando as pancadas (em inglês chamadas raps) se tornaram mais persistentes e fortes, resolveram desafiar o mistério travando um diálogo com o que todos julgavam fosse o diabo.

O batedor invisível contou sua história: Chamava-se Charles Rosma, fora um vendedor ambulante hospedado naquela casa pelo casal Bell (antigos moradores), que ali o assassinaram para roubar-lhe a mercadoria e o dinheiro que trazia. Seu corpo fora sepultado no porão.

Graças ao depoimento de Lucrécia Pelves, criada dos Bell, Fox e outros desceram à adega, onde cavaram, encontrando tábuas, alcatrão, cal e cabelos humanos, bem como utensílios do mascate. Seu corpo, todavia, só apareceu em 1904 (56 anos depois), quando uma parede da casa ruíu, deixando descoberto o esqueleto do morto.

Assim, os fatos vieram confirmar a estranha denúncia de um morto, que saía das trevas para relatar a ação criminosa de que fora vítima, havia anos.

Entretanto é preciso considerar o episódio em suas verdadeiras finalidades: “É para unir a humanidade e convencer as mentes céticas da imortalidade da alma”, disseram os espíritos; era de fato o início de um movimento de caráter quase universal tendente a despertar a humanidade para a vida espiritual, que seria revelada, pouco depois, pela codificação Espírita, tarefa gigantesca a ser realizada pelo grande missionário Allan Kardec.

Como queriam os espíritos, o acontecimento repercutiria na Europa, despertando as consciências e, ao lado dos fenômenos das “Mesas Girantes”, prepararia o advento do Espiritismo.

As Mesas Girantes

Paralelamente ao episódio das irmãs Fox, a Europa e também os Estados Unidos puderam observar outros fenômenos de causa até então desconhecida. Eram pancadas, ruídos e movimentos de objetos, a partir da influência de certas pessoas, designadas Médiuns, que podiam de alguma sorte provocá-los à vontade, o que permitiu repetir-se as experiências. Serviu-se, para isso, sobretudo, de mesas; não que fosse esse o único objeto possível a dar condições a tais fenômenos, mas por seu caráter de comodidade e de facilidade para se assentar à sua volta. Obteve-se, dessa maneira, a rotação da mesa, em seguida de movimentos em todos os sentidos, erguimentos, pancadas com violência, etc.

Até então, os fatos eram explicados somente por uma suposta ação magnética ou de uma corrente elétrica, mas não tardou a se reconhecer nesses fenômenos, efeitos inteligentes, porque o movimento obedecia a uma vontade; a mesa se dirigia à direita ou à esquerda, sobre um ou dois pés, batendo o número de pancadas convencionadas para a obtenção de respostas, etc. Desde então ficou evidente que a causa não era puramente física, e segundo o axioma: “todo efeito tem uma causa, todo efeito inteligente deve ter uma causa inteligente”, concluiu-se que a causa desse fenômeno deveria ser uma inteligência.

A princípio pensou-se que a natureza desta inteligência seria um reflexo da própria inteligência do médium ou dos assistentes, mas estudos posteriores revelaram a impossibilidade destas afirmativas. Foi demonstrado pelos próprios Espíritos que ninguém mais eram, que homens que já não viviam sob a roupagem física deste planeta; que a matéria poderia ser influenciada por eles, usando fluidos fornecidos pelos médiuns, gerando assim as manifestações físicas e inteligentes.

As comunicações por pancadas eram lentas e incompletas; reconheceu-se que adaptando-se um lápis a uma cesta ou a uma prancheta ou a outro objeto qualquer sob o qual colocavam-se os dedos, esse objeto se punha em movimento e traçava caracteres. Mais tarde, certificou-se que esses objetos não eram senão acessórios os quais podia-se dispensar. A experiência demonstrou que o espírito agindo sobre um corpo inerte para dirigi-lo à vontade, poderia agir do mesmo modo sobre o braço ou a mão, a fim de conduzir o lápis.

Desde este momento, as comunicações não tiveram mais limites e a troca de idéias pôde ser feita com tanta rapidez e desenvolvimento quanto entre os vivos. Era um vasto campo aberto à exploração, à descoberta de um mundo novo: **O mundo dos Espíritos.**

3 – Allan Kardec

A missão

Emmanuel, Espírito que teria participado da equipe de Espíritos orientadores durante o período de atividades de Allan Kardec no plano físico, nos afirma nos capítulos XXII e XXIII do livro “A Caminho da Luz”, o seguinte:

*“(...)nascia Allan Kardec (...), com a sagrada missão de abrir caminho ao Espiritismo, a grande voz do Consolador prometido ao mundo pela misericórdia de Jesus Cristo.”*⁴ *“Consolador da Humanidade, segundo as promessas do Cristo, o Espiritismo vinha esclarecer os homens, preparando-lhes o coração para o perfeito aproveitamento de tantas riquezas do Céu.”*⁵

E no livro “O Consolador”, completa: *“O Espiritismo não pode guardar a pretensão de exterminar a outras crenças, parcelas da verdade que a sua doutrina representa, mas, sim, trabalhar por transformá-las, elevando-lhes as concepções antigas para o clarão da verdade imortalista. A missão do Consolador tem que verificar junto das almas e não ao lado das gloriolas efêmeras dos triunfos materiais.(...)”*⁶

Voltando ao livro “A Caminho da Luz”, ao segundo dos capítulos indicados temos:

“A tarefa de Allan Kardec era difícil e complexa. Competia-lhe reorganizar o edifício desmoronado da crença, reconduzindo a civilização às suas profundas bases religiosas.” E no capítulo XXIV continua: “Somente o Espiritismo, prescindindo de todas as garantias terrenas, executa o esforço tremendo de manter acesa a luz da crença, nesse barco frágil do homem ignorante do seu verdadeiro destino(...).”

Dados Biográficos

Hippolyte Léon Denizard Rivail nasceu em Lyon, na França, a 3 de outubro de 1804, de uma família antiga que se distinguiu na magistratura e na advocacia. Apesar disso não seguiu essas carreiras, desde a primeira juventude, sentiu-se inclinado ao estudo das ciências e da filosofia.

Educado na Escola de Pestalozzi, em Yverdun (Suíça), tornou-se um dos mais eminentes discípulos desse célebre professor e um dos zelosos propagandistas do seu sistema de educação, que tão grande influência exerceu sobre a reforma do ensino na França e na Alemanha.

Dotado de notável inteligência e atraído para o ensino pelo seu caráter e pelas suas aptidões especiais, já aos catorze anos ensinava o que sabia àqueles seus condiscípulos que haviam aprendido menos do que ele. Foi nessa escola que lhe desabrocharam as idéias que mais tarde o colocariam na classe dos homens progressistas e dos livres pensadores.

⁴ “A Caminho da Luz”, Cap. XXII.

⁵ Idem, Cap. XXIII

⁶ “O Consolador”, questão 353

Nascido sob a religião católica, mas educado num país protestante, os atos de intolerância que por isso teve de suportar, no tocante a essa circunstância, cedo o levaram a conceber a idéia de uma reforma religiosa, na qual trabalhou em silêncio com o intuito de alcançar a unificação das crenças. Faltava-lhe, porém, o elemento indispensável à solução desse grande problema.

O Espiritismo veio, a seu tempo, imprimir-lhe especial direção aos trabalhos.

Concluídos seus estudos, voltou para a França. Conhecendo a fundo a língua alemã, traduzia para a Alemanha diferentes obras de educação e de moral e as obras de Fénelon, que o tinham seduzido de modo particular.

Era membro de várias sociedades sábias, entre outras, da Academia Real de Arras, que no concurso de 1831 lhe premiou uma notável memória sobre a seguinte questão: **Qual o sistema de estudos mais de harmonia com as necessidades da época?**

De 1835 a 1840, fundou em sua casa, cursos gratuitos de Química, Física, Anatomia Comparada, Astronomia, etc..

Preocupado sempre com o tornar atraentes e interessantes os sistemas de educação, inventou, ao mesmo tempo, um método engenhoso de ensinar a contar e um quadro mnemônico da História da França, tendo por objetivo fixar na memória as datas dos acontecimentos de maior relevo e as descobertas que iluminaram cada reinado. Entre suas numerosas obras de educação, se destacam as seguintes: Plano proposto para melhoramento da instrução pública (1828); Curso Prático e teórico de Aritmética (1824); Gramática Francesa Clássica (1831); entre outras.

Pelo ano de 1855, posta em foco a questão das manifestações dos Espíritos, o professor Rivail entregou-se a observações perseverantes sobre esse fenômeno, cogitando principalmente de lhe deduzir as conseqüências filosóficas. Entreviu, desde logo, o princípio de novas leis naturais: as que regem as relações entre o mundo visível e o mundo invisível. Reconheceu, na ação deste último, uma das forças da natureza, cujo conhecimento haveria de lançar luz sobre uma imensidade de problemas tidos por insolúveis, e lhe compreendeu o alcance, do ponto de vista religioso.

Em 1857, quando da publicação da primeira edição de “O Livro dos Espíritos” foi que surgiu pela primeira vez o nome Allan Kardec. Vendo a necessidade de diferenciar suas obras exclusivamente didáticas das espíritas, o até então professor Rivail teve a idéia de usar um pseudônimo. Foi aí que seu guia espiritual lhe sugeriu o nome Allan Kardec, lhe dizendo ter sido um companheiro seu nos tempos dos druidas, quando ele tinha este nome.

Fundou em Paris, a 1º de abril de 1858, a primeira Sociedade Espírita regularmente constituída, sob a denominação de “Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas”, cujo fim exclusivo era o estudo de quanto possa contribuir para o progresso da nova ciência. Allan Kardec se defendeu, com inteiro fundamento, de coisa alguma haver escrito debaixo da influência de idéias preconcebidas ou sistemáticas. Homem de caráter frio e calmo observou os fatos e, de suas observações, deduziu as leis que os regem. Foi o primeiro a apresentar a teoria relativa a tais fatos e a formar com eles um corpo de doutrina, metódico e regular.

Data do aparecimento de “O Livro dos Espíritos” a fundação do Espiritismo que, até então, só contara com elementos esparsos, sem coordenação, e cujo alcance nem toda gente pudera apreender.

Trabalhador infatigável, sempre o primeiro a tomar da obra e o último a deixá-la, Allan Kardec sucumbiu, a 31 de março de 1869, quando se preparava para uma mudança de local, imposta pela extensão considerável de suas múltiplas ocupações.

Morreu conforme viveu: trabalhando. Sofria, desde longos anos, de uma enfermidade do coração, que só podia ser combatida por meio do repouso intelectual e pequena atividade material. Consagrado, porém, todo inteiro à sua obra, recusava-se a tudo o que pudesse absorver um só que fosse de seus instantes, à custa das suas ocupações prediletas. Deu-se com ele o que se dá com todas as almas de forte têmpera: a lâmina gastou a bainha.

Um homem houve de menos na terra; mas, um grande nome tomava lugar entre os que ilustraram este século ; um grande Espírito fora retemperar-se no infinito, onde todos os que ele consolara e esclarecera lhe aguardavam impacientes a volta!

(Texto parcialmente transcrito da Revista Espírita, maio de 1869.)⁷

⁷ “Obras Póstumas”, Biografia de Allan Kardec.

4 – Obras Básicas

A codificação do Espiritismo, em seus aspectos inseparáveis e inalienáveis de Filosofia, Ciência e Religião, compreende as seguintes obras, o chamado “Pentateuco Espírita”:

- 1) O Livro dos Espíritos
- 2) O Livro dos Médiuns
- 3) O Evangelho Segundo o Espiritismo
- 4) O Céu e o Inferno ou A Justiça Divina Segundo o Espiritismo
- 5) A Gênese (Os Milagres e as Predições Segundo o Espiritismo)

A ordem de publicação das obras da Codificação não foi arbitrária, tendo obedecido à orientação da equipe de Espíritos Superiores que assistiam Kardec.

O Livro dos Espíritos

O Livro dos Espíritos, a primeira obra que levou o Espiritismo a ser considerado de um ponto de vista filosófico, pela dedução das conseqüências morais dos fatos; considerou todas as partes da doutrina, tocando nas questões mais importantes que ela suscita, foi, desde os seus aparecimentos, o ponto para onde convergiram espontaneamente os trabalhos individuais.

Contém a doutrina completa, como ditaram os próprios Espíritos, com toda a sua filosofia e todas as suas conseqüências morais. É a revelação do destino do homem, a iniciação no conhecimento da natureza dos Espíritos e nos mistérios da vida de além túmulo. Quem o lê compreende que o Espiritismo objetiva a um fim sério, que não constitui frívolo passatempo.

Os princípios básicos da doutrina espírita são ali expostos de forma lógica, por meio de diálogo com os Espíritos, às vezes comentados por Kardec, e, embora constitua, pelas importantes matérias que versa, o mais completo tratado de Filosofia que se conhece, sua linguagem é simples e direta, não se prendendo a preciosismos de sistemas dificilmente elaborados.

Os assuntos tratados na obra, com a simplicidade e a segurança das verdades evangélicas, distribuem-se homogeneamente, constituindo, por assim dizer, um panorama geral da Doutrina, desenvolvida, nas suas facetas específicas, nos demais volumes da codificação, que resulta, assim, como um todo granítico e conseqüente demonstrativo de sua unidade de princípios e conceitos, características de sua grandeza.

A sua primeira edição era em formato grande, in-8º, com 176 páginas de texto, e apresentava o assunto distribuído em duas colunas. Quinhentas e uma perguntas e respectivas respostas estavam contidas nas três partes em que então se dividia a obra: “Doutrina Espírita”, “Leis Morais”, “Esperanças e Consolações”.

A partir da 2ª edição, “O Livro dos Espíritos” saiu modificado, já igual ao que temos hoje. São 1019 perguntas e respostas divididas em 4 partes: “Das causas primárias”, “Do mundo espírita ou mundo dos espíritos”, “Das leis morais” e “Das esperanças e consolações”. Partes estas que são desenvolvidas nas suas outras 4 obras:

“Das causas primárias” » “A Gênese”

“Do mundo espírita ou mundo dos espíritos” » “O Livro dos Médiuns”

“Das leis morais” » “O Evangelho Segundo o Espiritismo”

“Das esperanças e consolações” » “O Céu e o Inferno”

O Livro dos Médiuns

O Livro dos Médiuns, destina-se a guiar os que queiram entregar-se à prática das manifestações, dando-lhes conhecimento dos meios próprios para se comunicarem com os espíritos. É um guia, para os médiuns; e o complemento do Livro dos Espíritos.

Sua primeira edição deu-se em janeiro de 1861, que englobava, outrossim, as “Instruções Práticas sobre as Manifestações Espíritas”, publicadas em 1858. A edição definitiva é a segunda, de outubro de 1861.

Lê-se no frontispício da obra que ela “contém o ensino especial dos Espíritos sobre a teoria de todos os gêneros de manifestações, os meios de comunicação com o Mundo Invisível, o desenvolvimento da mediunidade, as dificuldades e os escolhos que se podem encontrar na prática do Espiritismo.”

Nesse livro expõe-se, conseqüentemente, a parte prática da Doutrina, mediante o estudo sistemático e perseverante, como queria Kardec, de sua rica e variada fenomenologia, com base na pesquisa, por método científico próprio, o que não exclui a experimentação e a observação, enfim, todos os cuidados para se evitar a fraude e chegar-se à evidência dos fatos.

Quase cento e cinqüenta anos depois de publicado, “O Livro dos Médiuns” é ainda o roteiro seguro para médiuns e dirigentes de sessões práticas. Os doutrinadores encontram em suas páginas abundantes ensinamentos, preciosos e seguros, que a todos habilitam à nobre tarefa de comunicação com os Espíritos, sem os perigos da improvisação, das credices e do empirismo rotineiro, fruto do comodismo e da fuga ao estudo.

O Evangelho Segundo o Espiritismo

Passada a fase de “revolução espiritual” com a publicação de “O Livro dos Espíritos” - contendo a filosofia e os princípios da doutrina -, e de “O Livro dos Médiuns” contendo a parte científica, era chegada a hora de lançar “O Evangelho Segundo o Espiritismo” - terceira obra da Codificação -, trazendo a explicação das máximas morais do Cristo à luz do Espiritismo.

Kardec não pretendeu com esta obra substituir o Evangelho de Jesus, como muitos possam pensar, mas dar-lhe uma explicação em concordância com a Nova Revelação.

São os próprios Espíritos quem nos afirmam no livro “Obras Póstumas”:

“Com esta obra, o edifício começa a libertar-se dos andaimes e já se lhe pode ver a cúpula a desenhar-se no horizonte”⁸

Esta obra provocou a reação daqueles acostumados a ensinar a moral cristã à força de dogmas e explicações enigmáticas, ridículas e fantasiosas, e o que é pior, adulte-

⁸ “Obras Póstumas”, pág. 309.

rando seus ensinamentos tendo como base interesses próprios, mesquinhos e criminosos.

Data de 1864 a primeira edição do Evangelho sob o título de “Imitação do Evangelho Segundo o Espiritismo”, sendo que a partir da 2ª edição passou a ter o título que hoje conhecemos, e só depois da 3ª edição (1865) com o texto novamente modificado por orientação dos Espíritos, teve seu conteúdo definitivo.

O Céu e o Inferno (ou A Justiça Divina Segundo o Espiritismo)

A quarta obra da Codificação foi lançada em agosto de 1865.

Já na “Revista Espírita” do mês seguinte afirma o Codificador sobre sua mais nova publicação:

“O título desta obra indica claramente o seu objetivo. Aí reunimos todos os elementos próprios para esclarecer o homem sobre o seu destino. Como nos nossos outros escritos sobre a Doutrina Espírita, aí nada introduzimos que seja produto de um sistema preconcebido, ou de uma concepção pessoal, que não teria nenhuma autoridade: tudo aí é deduzido da observação e da concordância dos fatos.”

Combatendo a idéia, que leva a tristes conseqüências, de que a morte põe fim a tudo, mostrando que o temor da morte, por outro lado, decorre menos do instinto de conservação do que mesmo do conhecimento e do juízo errôneos do que seja a vida espiritual, a que homens são levados por crenças espiritualistas mal informadas e provando o absurdo da doutrina das penas eternas, tendo em vista a bondade e a justiça de Deus, esta obra caracteriza o céu e o inferno, não como lugares de gozos perenes e improdutivos ou de sofrimentos atrozés, que nunca terminam, mas, racionalmente, como estados de consciência que o próprio Espírito cria e nos quais vive.

A Gênese (Os Milagres e as Predições Segundo o Espiritismo)

Em janeiro de 1868, Allan Kardec publicava “A Gênese”, fechando, assim, o ciclo das obras da Codificação.

Notamos que as Revelações Divinas têm uma seqüência lógica. A primeira, a de Moisés, tem como obra inicial o livro “Gênesis”, a terceira, a dos Espíritos, têm como livro final “A Gênese”. Como vemos a revelação divina começa com “Gênesis” e termina com “A Gênese”, nos deixando deduzir de tal fato não só que há interligação entre elas, mas também, que toda a verdade está contida dentro destes valores e que cabe a nós analisá-la com muito carinho para o bem de nossa própria história evolutiva.

Sobre a Gênese escreveu Pedro Franco Barbosa em seu livro “Espiritismo Básico”:

“(...) Encerra, atendidos os métodos de trabalho adotados desde a obra inicial, de observância dos fatos, de sua universalidade e concordância, a série de livros da codificação e apresenta, na Introdução, as razões que fizeram da Doutrina uma obra monolítica, pelas conexões e coerência de seus preceitos, ou seja generalidade e concordância no ensino dos Espíritos, até hoje não refutado pelos homens, nem desmentido pelos acontecimentos.”

Nos próximos capítulos, Kardec nos mostra as características da Revelação Espírita, seu aspecto divino, originada que foi dos Espíritos Superiores; examinando, em

seguida, Deus, e a difícil compreensão de Sua existência por parte dos homens; o papel da Ciência e os problemas de cosmogênese; o espaço; o tempo; os períodos geológicos de formação da terra; a gênese orgânica, a gênese espiritual, inclusive a encarnação e reencarnação dos Espíritos, a gênese mosaica e sua compreensão à luz da Ciência.

A apreciação dos milagres, considerando estes como fatos naturais explicados por leis ainda desconhecidas ou pouco estudadas, é também tema abordado nesta obra, e ainda , os milagres do Evangelho, a natureza de Jesus e os fatos de sua vida na Terra. Sobre as predições e a teoria da presciência, o Codificador faz lúcidas considerações, e na parte final faz uma advertência, suavizada por palavras de esperança, otimismo e fé, alertando a todos para os graves acontecimentos de nossa época de transição e da necessidade de nos enquadrarmos nos ensinamentos do Cristo como forma de realizarmos o nosso progresso e o progresso de todo o orbe.

Como vemos, a Codificação é uma verdadeira enciclopédia de ensinamentos a respeito da “Lei Maior da Vida” que rege nossos destinos, tendo sido realizada consoante com programação bem elaborada dos maiores da Espiritualidade do qual Allan Kardec, fazendo parte, foi seu executor neste plano da vida.

Módulo II

Deus

1 – Evolução da idéia de Deus

É de todos os tempos a crença em uma entidade superior.

Na questão nº 6 de “O Livro dos Espíritos”, Allan Kardec pergunta aos Espíritos, se esse sentimento íntimo que temos da existência de Deus, não é fruto da educação que recebemos. Eles respondem que não: “Se assim fosse, por que existiria nos vossos selvagens esse sentimento ?”

Já no homem primitivo, naquele momento em que podemos chamar de “horizonte agrícola”, ou seja, o mundo das primeiras formas sedentárias de vida social, vemos duas formas gerais de racionalização do universo: a concepção da Terra-Mãe e a do Céu-Pai. O céu é o deus-pai, que fecunda a terra, deusa-mãe.

Na civilização egípcia, há uma inversão de posições; o céu é a mãe e a terra é pai. Isso se dá devido à maior importância da terra ou do céu para a vida das tribos.

Com o desenvolvimento mental do homem, há um progresso natural da divindade, e o surgimento da mitologia popular, impregnada de magia

Num outro momento, encontramos a primeira forma de religião antropomórfica, consequência da experiência concreta do culto dos ancestrais: deuses-lares, manes e deuses-locais, como os deuses dos “nomos” egípcios, ou seja, das regiões do antigo Egito.

Esse entendimento humano de vários deuses, neste momento evolutivo, é explicado por Kardec na questão 521 de “O Livro dos Espíritos”, como uma confusão feita pelos antigos, dos espíritos com o próprio Criador: *Os antigos fizeram, desses Espíritos, divindades especiais. As musas não eram senão a personificação alegórica dos Espíritos protetores das ciências e das artes, como os deuses Lares e Penates, simbolizavam os Espíritos protetores da família.(...)*

Emmanuel, o iluminado guia de Chico Xavier, conta em seu livro, *A Caminho da Luz*, que já no antigo Egito, sabia-se da existência do Deus-Único:

Nos círculos esotéricos, onde pontificava a palavra esclarecida dos grandes mestres de então, sabia-se da existência do Deus Único e Absoluto, Pai de todas as criaturas, e Providência de todos os seres, mas os sacerdotes conheciam igualmente, a função dos Espíritos prepostos de Jesus, na execução de todas as leis físicas e sociais da existência planetária (...)

Desse ambiente reservado de ensinamentos ocultos, partiu então, a idéia politeísta dos numerosos deuses(...) ⁹

Mas foi em Moisés, na sua qualidade de mensageiro Divino, que vimos pela primeira vez a popularização da idéia do Deus Único. Voltemos ao livro já citado de Emmanuel:

⁹ “A Caminho da Luz”, pág. 43.

Todas a raças da Terra devem aos judeus esse benefício sagrado, que consiste na revelação do Deus Único, Pai de todas as criaturas e Providência de todos os seres.

O Grande legislador dos hebreus trouxera a determinação de Jesus, com respeito à simplificação das fórmulas iniciáticas, para compreensão geral do povo. A missão de Moisés foi tornar acessíveis ao sentimento popular as grandes lições que os demais iniciados eram compelidos a ocultar.¹⁰

Apesar da grandeza espiritual do líder hebreu, a inferioridade do povo daquela época, fez a necessidade de um entendimento humanizado de Deus, conforme vemos nos textos do Velho Testamento, onde o Criador é tratado como vingativo, sanguinário; o verdadeiro “Senhor dos Exércitos”.

A história de certa forma se repete com Jesus:

Desce dos Planos Maiores da Espiritualidade, aquele que é o Espírito mais evoluído que já pisou neste planeta, trazendo a idéia mais clara a respeito de Deus: **Pai de toda a Humanidade**.

O Deus do entendimento do Cristo não é o déspota zeloso e parcial, mas o Pai que acolhe a todos com sua infinita Misericórdia.

Ele está presente no amor do “Samaritano”, na recuperação daquela que era obsidiada por “Sete demônios” e na conversão de Saulo de Tarso.

Mas os “ditos cristãos” fizeram Dele, um ser à imagem e semelhança do homem. Novamente o ser vingativo que mandava queimar quem não seguisse seus preceitos, um ser misterioso, complicado, envolvido no “mistério da santíssima trindade”, que ninguém até hoje conseguiu entender.

Por isso, coube ao Espiritismo explicar, à luz da ciência e com a simplicidade dos verdadeiros Cristãos, o entendimento real do Criador.

¹⁰ “A Caminho da Luz”, págs. 68 e 69.

2 – Visão Espírita de Deus

As revoluções comercial e industrial trouxeram para Humanidade um grande desenvolvimento tecnológico e científico, mas também uma grande mudança na maneira de pensar.

A fé e a existência de Deus passaram a ser questionadas, buscando uma lógica e um bom senso apoiado nestas mudanças realizadas.

A igreja, que até então era a dona da verdade, começava a ser desmentida pelos fatos. A idéia da criação em sete dias de 24 horas, o aparecimento do homem na Terra há 4.000 anos antes de Cristo já não tinha apoio científico, e as divergências da moral pregada e da moral praticada começava a jogar por terra a existência de Deus, e o materialismo passou a se tornar uma tendência crescente entre os homens.

É nesse momento de amadurecimento da Humanidade, que os Espíritos nos induzem a ter a verdadeira compreensão de Deus.

A questão é tão importante para a formação de uma nova mentalidade, que o Codificador dedica todo o primeiro capítulo da primeira parte de *O Livro dos Espíritos* a um estudo sobre Deus, aprofundando o tema mais tarde em vários artigos da *Revista Espírita* e em outras obras de sua autoria.

Allan Kardec trata o tema com tanta competência que, já na primeira pergunta de “O livro dos Espíritos”, questiona: “O que é Deus?”

Notamos sua sabedoria já no formular da questão; a pergunta é “O que é Deus”, e não “Quem é Deus”. Desta forma, o grande pensador francês tirou a idéia de personalidade e individualidade do Criador, pensamento este muito bem desenvolvido pelo filósofo italiano Pietro Ubaldi em sua obra *A Grande Síntese*, quando estuda a idéia do Monismo.

É então que os Espíritos nos respondem: *Deus é a Inteligência Suprema, Causa primária de todas as coisas*, nos mostrando o caráter de Criador do Ser Supremo. Tudo o que existe veio Dele, ou seja, Ele é a Causa primária, ou primeira (como querem alguns), de tudo o que existe. E para mostrar aos intelectuais de então que esta afirmativa tem base científica, os Espíritos nos esclarecem sobre a prova da existência de Deus: *um axioma que aplicais às vossas ciências. Não há efeito sem causa*, esta é a prova da existência de Deus. *Procurai a causa de tudo o que não é obra do homem e a vossa razão responderá.*¹¹

Portanto, se há uma casa em algum lugar, alguém a construiu, se existe uma determinada música, houve um compositor que a fez. Desta forma, procuremos o que não pode ser obra do homem, e veremos que houve uma Entidade Superior que assim a fez.

Não importa, como diz o próprio Codificador em seu livro *Obras Póstumas*, se chamamos essa Causa Primária de Deus, Jeová, Alá, Brama, Fo-Hi, Grande Espírito, etc. O que temos que ver é que se os efeitos são inteligentes, é sinal que a causa é inteligente. E é devido à perfeição dos efeitos que os Espíritos nos mostram ser Deus, não um ser inteligente, mas, a Inteligência Suprema.

¹¹ “O Livro dos Espíritos”, questão 4

Uma outra questão tratada pelo Codificador que devemos aqui lembrar, é a da natureza divina. Pode o homem ver Deus? Entender a sua intimidade? E ele responde no item 8, do capítulo 2, do livro “A Gênese”:

Não é dado ao homem sondar a natureza íntima de Deus. Para compreendê-lo, ainda nos falta o sentido próprio que só se adquire por meio de completa depuração do Espírito. Mas se não pode penetrar na essência de Deus, o homem, desde que aceite como premissa a sua existência, pode pelo raciocínio, chegar a conhecer-lhe os atributos necessários, porquanto, vendo o que ele absolutamente não pode ser, sem deixar de ser Deus, deduz daí o que ele deve ser.

Atributos divinos

Deus é eterno. Se tivesse tido começo, alguma coisa havia existido antes dele, ou ele teria saído do nada, ou então, um ser anterior o teria criado. É assim que, degrau a degrau, remontamos ao infinito na eternidade.

É imutável. Se tivesse sujeito à mudança, nenhuma estabilidade teriam as leis que regem o Universo.

É imaterial. Sua natureza difere de tudo a que chamamos matéria, pois do contrário, ele estaria sujeito às flutuações e transformações da matéria e, então, já não seria imutável.

É único. Se houvesse muitos Deuses, haveria muitas vontades e, nesse caso, não haveria unidade de vistas, nem unidade de poder na ordenação do Universo.

É onipotente. Se ele não dispusesse de poder soberano, alguma coisa ou alguém haveria mais poderoso do que Ele; não teria feito todas as coisas e as que ele não houvesse feito seriam obra de outro Deus, então Ele não seria único.

É soberanamente justo e bom. A sabedoria providencial das leis divinas se revela nas mínimas coisas como nas maiores e essa sabedoria não permite se duvide nem da justiça, nem da sua bondade. A soberana bondade implica a soberana justiça, porquanto se Ele procedesse injustamente ou com parcialidade numa só circunstância que fosse, ou com relação a uma só das criaturas, já não seria soberanamente justo, e em consequência, já não seria soberanamente bom.

Deus é infinito em todas as suas perfeições. Se O supuséssemos imperfeito em um só de seus atributos, se Lhe tirássemos a menor parcela de eternidade, de imutabilidade, de imaterialidade, de unidade, de onipotência, de justiça e de bondade, poderíamos imaginar um ser que possuísse o que Lhe faltasse, e esse ser, mais perfeito do que ele, é que seria Deus.

Para finalizar, gostaríamos de lembrar de um outro ponto tratado pelos Espíritos, quando respondem a questão 536 de *O Livro dos Espíritos: (...) Deus não exerce ação direta sobre a matéria (...)*, como a definir para todos nós que o Criador tem em seus Filhos já mais evoluídos, verdadeiros co-criadores a auxiliá-Lo na execução de Suas Leis.

3 – Lei de Deus

Conceito de Lei: Regra de direito ditado pela autoridade estatal e tornada obrigatória para manter numa comunidade a ordem e o desenvolvimento.

O que é a Lei de Deus?

Também chamada Lei Divina ou Natural, é a Lei com a qual o Criador regula o funcionamento do Universo. Deus criou esta Lei, como a nos indicar o que devemos ou não fazer. É Lei natural, porque é a tendência natural da criatura respeitar esta Lei, e só somos felizes quando estamos em acordo com Ela.

É eterna e imutável como o próprio Deus; se assim não fosse não seria obra de Deus, e geraria o maior transtorno nas relações universais.

Segundo os Espíritos, respondendo a questão 621 de *O Livro dos Espíritos*, ela está gravada na consciência de cada um de nós. E podemos afirmar que isto assim se realiza desde o princípio da nossa existência, sendo este o porquê de estarmos sempre buscando a nossa evolução, através do aperfeiçoamento de nós mesmos.

O Criador, que é todo Sabedoria, ao criar esta Lei, instituiu a mecânica de equilíbrio do Universo. Quando desrespeitamo-la, não desequilibramos nada, a não ser nós mesmos (porque um desequilíbrio do microcosmo não pode alterar o macrocosmo), e desta forma somos induzidos a voltar à observância da Lei, pelos mecanismos da mesma. É o que chamamos de Lei de Causa e Efeito que, segundo orientação de nossos mentores da espiritualidade, é uma subdivisão da grande Lei.

Todas as leis da Natureza são leis divinas, pois que Deus é o autor de tudo(...), afirmam os Espíritos na questão 617 de O Livro dos Espíritos, e continuam: O sábio estuda as leis da matéria, o homem de bem estuda e pratica as da alma.

Vem daí o próprio entendimento do que seja moral. Na questão 629 do livro citado, vemos a seguinte afirmativa: *A moral é a regra de bem proceder, isto é, de distinguir o bem do mal. Funda-se na observância da Lei de Deus(...).*

Em todos os tempos, Deus enviou até nós, mensageiros com a missão de nos fazer lembrar de suas leis. Moisés, Buda, Lao Tsé, entre outros, fizeram parte destes. Mas é em “Jesus” que vemos o modelo e o tipo mais perfeito que temos condição de aspirar na Terra, e a doutrina que ensinou é a expressão mais pura da lei do Senhor.

Mas podemos nos perguntar: se o bem é a tendência natural, porque existe o mal? Não poderia Deus ter criado a Humanidade em melhores condições?

Deixamos a resposta com os Espíritos na questão 634 do já citado livro:

Já te dissemos: os Espíritos foram criados simples e ignorantes. Deus deixa que o homem escolha o caminho. Tanto pior para ele, se toma o caminho mau: mais longa será sua peregrinação. Se não existissem montanhas, não compreenderia o homem que se pode subir e descer; se não existissem rochas, não compreenderia que há corpos duros. É preciso que o Espírito ganhe experiência; é preciso, portanto, que conheça o bem e o mal. Eis por que se une ao corpo.

Como vimos, o mal não é criação divina, mas opção do homem quando se afasta de Deus, no seu incerto caminhar. E como consequência, o Arquiteto do Universo, na sua infinita Misericórdia, permite que o mal cure o mal, trazendo o homem de retorno à Ele.

Concluindo: podemos dizer que, como afirmam os Espíritos na questão 648 de “O Livro dos Espíritos”, a subdivisão da Lei Divina em outras leis pode ser usada, mas não em caráter absoluto, e sim com finalidades didáticas, porque, na verdade, toda a Lei está contida na máxima evangélica: **“Amai-vos uns aos outros, como Eu vos amei.”** – Jesus (João, 13: 34)

4 – Providência Divina

Providência é, neste mundo, tudo o que se faz dispondo as coisas de modo que se realizem objetivos de ordem e harmonia, visando o bem e a felicidade das criaturas, com a plena satisfação das suas reais necessidades, sejam físicas ou espirituais.

Segundo anotações de Kardec no livro *A Gênese, a providência é a solícitude de Deus para com as suas criaturas. Ele está em toda parte(...)*, continua o codificador, *(...) tudo vê, a tudo preside, mesmo às coisas mínimas. É nisto que consiste a ação providencial.*

Está intimamente no Universo, manifestando-se em todas as coisas e por meio de leis admiráveis e sábias. Tudo foi disposto pelo amor do Pai, soberanamente bom e justo, para o bem de seus filhos, desde as mais elementares ações para a manutenção da vida orgânica e a sua transmissão, garantindo a perpetuação da espécie, até a faculdade superior do livre-arbítrio, que dá ao homem o mérito da conquista consciente da felicidade, através da observância de suas leis.

A providência é, ainda, o Espírito Superior, é o anjo velando sobre o infortúnio, é o consolador invisível cujas inspirações reaquecem o coração gelado pelo desespero, cujos fluidos vivificantes sustentam o viajor prostrado pela fadiga; é o farol aceso no meio da noite, para a salvação dos que erram sobre o mar tempestuoso da vida.

Concluindo, podemos afirmar que é o Amor Divino a manifestar-se em nós, através da circunstância que, por sua vez, é a vontade do Criador em favor da criatura.

Como pode Deus, tão grande, tão poderoso, tão superior a tudo, imiscuir-se em pormenores íntimos, preocupar-se com os menores atos e os menores pensamentos de cada indivíduo?

Para responder a esta questão, temos um exemplo anotado por Allan Kardec, tirado de uma instrução dada por um Espírito, na Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas em 1867:

O homem é um pequeno mundo, que tem como diretor o Espírito e como dirigido o corpo. Nesse universo, o corpo representará uma criação cujo Deus seria o Espírito. (Compreendi bem que aqui há uma simples questão de analogia e não de identidade.) Os membros desse corpo, os diferentes órgãos que o compõem, os músculos, os nervos, as articulações são outras tantas individualidades materiais, se assim se pode dizer, localizadas em pontos especiais do referido corpo. Se bem seja considerável o número de suas partes constitutivas, de natureza tão variada e diferente, a ninguém é lícito supor que se possam produzir movimentos, ou uma impressão em qualquer lugar, sem que o Espírito tenha consciência do que ocorra. Há sensações diversas em muitos lugares simultaneamente? O Espírito as sente todas, distingue, e analisa, assina a cada uma a causa determinante e o ponto em que se produziu, tudo por meio do fluido perispírico.

Análogo fenômeno ocorre entre Deus e a Criação. Deus está em toda parte, na Natureza, como o Espírito está em toda a parte, no corpo. Todos os elementos da criação se acham em relação constante com Ele, como todas as células do corpo humano se acham em contato imediato com o ser espiritual.

Não há, pois, razão para que fenômenos da mesma ordem não se produzam de maneira idêntica num e noutro caso.

Um membro se agita: O Espírito o sente; uma criatura pensa: Deus o sabe. Todos os membros estão em movimento, os diferentes órgãos estão a vibrar; o Espírito resente todas as manifestações, as distingue e localiza. As diferentes criações, as diferentes criaturas se agitam, pensam, agem diversamente: Deus sabe o que se passa e assina a cada um o que lhe diz respeito.

Daí se pode igualmente deduzir a solidariedade da matéria e da inteligência, a solidariedade entre si de todos os seres de um mundo, de todos os mundos e, por fim, de todas as criações com o Criador.”

(Quinemant)

Finalizando este sintético estudo, gostaríamos de deixar para meditação algumas palavras do nosso iluminado Allan Kardec, no seu livro *A Gênese*:

Comprendemos o efeito: já é muito. Do efeito remontamos à causa e julgamos da sua grandeza `pela do efeito. Escapa-nos, porém, a sua essência íntima, como a da causa de uma imensidade de fenômenos. Conhecemos os efeitos da eletricidade, do calor, da luz, da gravitação; calculamo-los e, entretanto, ignoramos a natureza íntima do princípio que os produz. Será então racional neguemos o princípio divino, por que não o compreendemos? (...) Diante desses problemas insondáveis, cumpre que a nossa razão se humilhe. Deus existe: disso não poderemos duvidar. É infinitamente justo e bom; essa a sua essência. A tudo se estende a sua solicitude: compreendemo-lo. Só o nosso bem, portanto, pode ele querer. Donde se segue que devemos confiar nele: é o essencial. Quanto ao mais, esperemos que nos tenhamos tornado dignos de o compreender.

Módulo III

Livre-arbítrio e Lei de Causa e Efeito

1 – Governador Espiritual da Terra

Desde os primeiros momentos do cristianismo oficial, a figura ímpar do meigo Rabi da Galiléia vem sendo confundida com o próprio Deus.

Baseado em errôneas interpretações dos textos evangélicos, muito se tem discutido sobre o tema. Jesus é sem sombra de dúvida a personalidade mais biografada de todos os tempos, e a Bíblia, onde no Velho Testamento é previsto a sua vinda e no Novo temos ensinada a sua Moral, é o livro mais vendido de toda a história editorial.

Coube ao Espiritismo as elucidações necessárias sobre a personalidade augusta do Mestre e mostrar a quem possa interessar que Jesus não é Deus, mas um Espírito criado simples e ignorante, e como todos os demais, foi submetido a uma inevitável marcha de evolução e, de acordo com grau de maturidade intelectual e moral que alcançou, faz parte da Comunidade de Espíritos Puros que auxiliam o Criador a manter a harmonia e a ordem no Universo.

O Espírito Emmanuel, algum tempo depois da Codificação Espírita, nos informa que Jesus é o Governador Espiritual da Terra. Assim nos descreve ele em seu livro “A Caminho da Luz”:

Rezam as tradições do mundo espiritual que na direção de todos os fenômenos, do nosso sistema, existe uma Comunidade de Espíritos Puros e Eleitos pelo Senhor Supremo do Universo, em cujas mãos se conservam as rédeas diretoras da vida de todas as coletividades planetárias

Essa comunidade de seres angélicos e perfeitos, da qual é Jesus um dos membros divinos, ao que nos foi dado saber, apenas já se reuniu, nas proximidades da Terra, para a solução de problemas decisivos da organização e da direção do nosso planeta por duas vezes no curso dos milênios conhecidos.

A primeira, verificou-se quando o orbe terrestre se desprendia da nebulosa solar, a fim de que se lançassem, no Tempo e no Espaço, as balizas do nosso sistema cosmogônico e os pródromos da vida na matéria em ignição, do planeta, e a segunda, quando se decidia a vinda do Senhor à face da Terra, trazendo à família humana a lição imortal do seu Evangelho de amor e redenção.¹²

Notamos que esta afirmativa de Emmanuel, nos esclarece acerca das informações anotadas pelo evangelista João, nos primeiros movimentos de seu livro:

No princípio era o Verbo, e o verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus. Ele estava no princípio com Deus. Todas as coisas foram feitas por ele, e sem ele nada do que foi feito se fez. (*João, 1: 1 a 3*)

Não podemos entender este “princípio”, como o início do mundo, porque não é dado a nós saber sobre isto, até porque, aprendemos com a Doutrina Espírita que Deus

¹² “A Caminho da Luz”, págs. 18 e 19.

é eterno, isto é, não teve princípio nem terá fim. O “princípio” aqui, quer dizer do nosso Orbe, e nele conforme mostra Emmanuel, Jesus estava no princípio com Deus, e sem Ele, nada do que foi feito se fez.

Como Governador Espiritual da Terra, Jesus diligencia recursos. Ainda antes da fundação do mundo, trabalhou, por intermédio de seus cooperadores na intimidade dos elementos químicos na estruturação geológica do globo; após a cessação das convulsões que levaram à acomodação das energias encaçadas, atua com seus prepostos no grande laboratório de experiências biológicas na fixação das normas adequadas ao mundo que se delineava; supervisiona o trabalho laborioso de ajustamento dos mamíferos superiores às linhas psíquicas e morfológicas do homem na terra, agindo em implementos celulares de que redundou o aparecimento de tipos diversos, catalogados hoje como parapitecos, propliopitecos, (...) ascendentes da humanidade que hoje pisa orgulhosamente o solo do planeta.¹³

Portanto, Jesus é um dos agentes diretos de Deus. Esses Espíritos que se fizeram puros são as inteligências que animam, santificam e presidem à formação dos universos, das galáxias etc.

Os grandes missionários ligados aos povos antigos e as diversas raças estiveram e estão a serviço do Cristo, todos os profetas de que a Bíblia faz menção foram médiuns predestinados a servirem ao pensamento Dele. É assim que os Provérbios, os Salmos, o Pentateuco Mosaico, o Eclesiastes e também os livros de Confúcio, o livro dos Vedas, as filosofias de Buda, Sócrates e outros são incontestavelmente inspiradas pelo Divino Mestre.

E tanto era Jesus quem dirigia os povos de todos os tempos, que Ele mesmo nos disse:

“Jerusalém, Jerusalém, que matas os profetas e apedrejas os que te são enviados! Quantas vezes quis eu ajuntar os teus filhos, como a galinha ajunta os seus pintos debaixo das asas, e tu não quiseste!” (*Mateus, 23: 37*)

¹³ “Temas da Atualidade” – Artigo de Honório Abreu sobre Evolução.

2 – A vida de Jesus - Contexto Histórico

No livro *Boa Nova*, o Espírito Humberto de Campos nos faz o seguinte relato sobre o período que antecedeu a vinda do Mestre até nós:

Os historiadores do Império Romano sempre observaram com espanto os profundos contrastes na gloriosa época de Augusto.

Caio Júlio César Otávio chegara ao poder, (...), por uma série de acontecimentos felizes.(...)

Uma nova era principiara com aquele jovem enérgico e magnânimo. O grande império do mundo, como que influenciado por um conjunto de forças estranhas, descansava numa onda de harmonia e de júbilo, depois de guerras seculares e tenebrosas.(...)

(...) A paisagem gloriosa de Roma jamais reunira tão grande número de inteligências. É nessa época que surgem Virgílio, Horácio, Ovídio, Salústio, Tito Lívio e Mecenas, (...)

É que os historiadores ainda não perceberam, na chamada época de Augusto, o século do Evangelho ou da Boa Nova. Esqueceram-se de que o nobre Otávio era também homem e não conseguiram saber que, no seu reinado, a esfera do Cristo se aproximava da terra, numa vibração profunda de amor e de beleza. Acercavam-se de Roma e do mundo não mais Espíritos belicosos, como Alexandre ou Aníbal, porém outros que se vestiriam dos andrajos dos pescadores, para servirem de base indestrutível aos eternos ensinamentos do Cordeiro. Imergiam nos fluidos do planeta os que preparariam a vinda do Senhor e os que se transformariam em seguidores humildes e imortais dos seus passos divinos.(...)

Entre esses Espíritos, destaca-se a iluminada figura de Maria de Nazaré, que aceitou do Plano Maior da Vida a missão de ser a mãe daquele que o mundo conheceria como o “Salvador”.

Qualquer narrativa em torno da incomparável personalidade de Jesus, ou da evocação dos seus feitos insuperáveis, não pode prescindir de uma análise, superficial que seja, da terra onde ele viveu e do povo que a habitava.

Somente assim, se poderá compreender a posição por Ele assumida ante as transitórias governanças política e religiosa então vigentes, características desse povo sofrido, destemido e temente a Deus, que vivia num verdadeiro oásis de monoteísmo, situado num imenso deserto de politeísmo, no qual se desenvolveram as civilizações da antigüidade.

A Palestina, que literalmente significa “terra dos filisteus”, está encravada entre o Mediterrâneo, o Líbano, o deserto da Síria, na região denominada Oriente Próximo. Inicialmente, a sua localização geográfica a punha na encruzilhada das grandes e indispensáveis rotas comerciais, que levaram, na Ásia Menor, do Egito, à Mesopotâmia e à Arábia.

Graças a isso, experimentou sucessivas invasões dos egípcios, mesopotâmicos, persas e, por fim, dos romanos, que a destroçaram por largos séculos.

Pelos acontecimentos históricos que ali tiveram lugar, foi denominada como “Terra Santa” face às ocorrências bíblicas que lhe deram notoriedade, unindo fatos e revelações humanas, como espirituais, igualmente por se tornar o lugar de nascimento de Jesus.

A Judéia e os hebreus ofereciam todos os requisitos para o sucesso da missão salvacionista de Jesus. O Velho Testamento sempre considerou o povo judeu como eleito para o advento do Messias prometido.

Com o nascimento do menino Jesus, há como que uma comunhão direta do céu com a terra.

Esse é um momento especial de sua missão ininterrupta. Nasce e cresce no seio de um povo e de uma raça que sempre se caracterizou pela crença no Deus único e que já havia merecido a presença de adiantados Espíritos preocupados em reafirmar ao povo antigas crenças no seu Deus, fé inabalável, transmitindo-lhe adiantada legislação de ordem moral e civil e constantes advertências através do profetismo.

Desde seu aparecimento na Terra, até sua volta aos Páramos Celestes, Jesus, o Cristo anunciado e esperado durante séculos, ensinou aos homens as leis de Deus, usando diferentes métodos e formas, mas especialmente através da exemplificação.

Seu nascimento na manjedoura, nos diz Emmanuel: *assinalava o ponto inicial da lição salvadora do Cristo, como a dizer que a humildade representa a chave de todas as virtudes.*¹⁴ Seu crescimento, no seio da família é exemplo de obediência aos pais; sua sabedoria já é destaque aos doze anos, e aos trinta inicia publicamente sua missão, que se desenvolve por três anos; e nos momentos derradeiros dá mostra de submissão aos desígnios do Pai, aceitando uma crucificação injusta e infamante, como a nos definir que, se quisermos ressurgir como Espíritos em glória, temos que aceitar o momento difícil e solitário da crucificação.

Ainda durante a sua vida terrena, mostra o poder e o amor de Deus, o criador de todas as coisas, e, que amar ao próximo como a si mesmo é o maior de todos os mandamentos.

Com sua autoridade incontestável, mostra o sentido exato das leis divinas, contrariando usos e costumes do povo hebreu, quando estes não estavam de acordo com o objetivo maior da vida.

Seu poder e domínio sobre a matéria visível e sobre os fluidos são continuamente evidenciados nas mais diferentes curas de cegos paralíticos e de variadas doenças físicas. Sua hierarquia espiritual é incontestável ao expulsar demônios (espíritos rebeldes), curar possessos, e ao impor respeito e autoridade moral a legiões de espíritos inferiores, maus e perseguidores. Seus métodos de ensino e transferência de conhecimentos são modernamente conhecidos como os mais eficazes nos campos psicológico e didático, utiliza o exemplo, a palavra, os fenômenos e os elementos da natureza. Sua linguagem é apropriada aos ouvintes e às circunstâncias. A parábola e as experiências mais conhecidas de todos são continuamente utilizadas em suas prédicas. Demonstrou que o importante não era vencer no mundo, mas vencer o mundo. Estar aqui, mas sem ser daqui.

Sua mensagem, como enviado de Deus, imortalizou-se para beneficiar toda a Humanidade. Ao contrário dos valores vivenciados pelos homens, sua força extraordi-

¹⁴ “A Caminho da Luz”, pág. 105.

nária é constituída pela bondade, pela humildade, pela paciência, pelo amor e pela fé absoluta no Poder Supremo.

Em lugar de amigos poderosos, recrutou homens simples, sinceros e humildes, com os quais contou para universalizar sua mensagem. Assim continua a falar, através do seu Evangelho de amor, aos discípulos de ontem e de hoje, aos mansos, aos que têm puro o coração, aos misericordiosos e aos pacificadores.

Para a generalidade dos estudiosos, o Cristo permanece tão somente situado na história, modificando o curso dos acontecimentos políticos do mundo; para a maioria dos teólogos, é simples objeto de estudo, nas letras sagradas, imprimindo novo rumo às interpretações da fé; para os filósofos, é o centro de polêmicas infundáveis; e para a multidão dos crentes inertes, é o benfeitor providencial nas crises inquietantes da vida comum

Todavia, quando o homem percebe a grandeza da “Boa Nova”, compreende que o Mestre não é apenas o legislador da crença, o reformador da civilização, o condutor do raciocínio ou o doador de facilidades terrestres, mas também, acima de tudo, o renovador da vida de cada um.

3 – Fatos extraordinários da vida de Jesus

Desde o princípio dos tempos, o homem classifica como extraordinário ou milagroso, fatos que ele ainda não tem como explicar. Etimologicamente, a palavra milagre significa: admirável, coisa extraordinária, surpreendente. No sentido teológico, é uma derrogação das leis da natureza.

Quando o véu que cobre o mistério é levantado em nome da ciência, o que era milagroso passa à conta de fato natural. Desde que um acontecimento possa ser reproduzido pela experimentação ou por qualquer outro método, deixa de possuir caráter sobrenatural.

Os milagres relatados no Evangelho, na sua maioria pertencem à ordem dos fenômenos psíquicos, isto é, têm como causa primária as faculdades e os atributos da alma.

Jesus, assim, não praticou milagres que não pudessem ser explicados racionalmente.

Em conclusão, podemos afirmar que não há milagres no sentido comum do termo, na acepção vulgar da palavra, porque tudo o que acontece é decorrente das leis eternas da criação, leis perfeitas e imutáveis, e Jesus na sua alta categoria espiritual, jamais iria derrogar leis; muito pelo contrário, quanto maior a evolução de um Espírito, maior é sua obediência à vontade do Pai.

Ele mesmo nos afirmou: *A minha comida é fazer a vontade daquele que me enviou, e realizar a sua obra.* (João, 4: 34)

Enumeramos a seguir alguns fatos tidos como miraculosos que, explicados à luz da Ciência Espírita, são facilmente compreendidos:

A Entrada Triunfal de Jesus em Jerusalém

E quando se aproximaram de Jerusalém, e chegaram a Betfagé, ao monte das Oliveiras, enviou então Jesus dois discípulos, dizendo-lhes: Ide à aldeia que está defronte de vós, e logo encontrareis uma jumenta presa, e um jumentinho com ela; desprendeí-a, e trazei-mos.(...) E indo os discípulos, e fazendo como Jesus lhes ordenara, trouxeram a jumenta e o jumentinho (...) (*Mateus, 21: 1, 2, 6 e 7*)

Nada apresentam de surpreendentes estes fatos, desde que se conheça o poder da dupla vista e a causa muito natural dessa faculdade. Jesus a possuía em grau elevado, e pode-se dizer que ela constituía o seu estado normal, conforme o atesta grande números de atos de sua vida, os quais hoje têm a explicá-los os fenômenos magnéticos e o espiritismo.

A Pesca Milagrosa (Lucas, 5: 1 a 7), A Vocação de Pedro, André, Tiago, João e Mateus (Mateus, 4: 9 e 18 a 22) igualmente se explicam pela dupla vista e acuidade do pensamento. Jesus não produziu peixes onde não os havia; ele os viu, com a vista da alma. Quando chama a si Pedro, André, Tiago, João e Mateus, é que lhes conhecia as disposições íntimas e sabia que eles o acompanhariam e que eram capazes de desempenhar a missão que tencionava confiar-lhes.

Cura dum Cego de Nascimento

E, passando Jesus, viu um homem cego de nascimento. E os seus discípulos lhe perguntaram, dizendo: Rabi, quem pecou, este ou seus pais para que nascesse cego? Jesus respondeu: Nem ele pecou nem seus pais; mas foi assim para que se manifestem nele as obras de Deus. Convém que eu faça as obras daquele que me enviou, enquanto é dia; a noite vem, quando ninguém pode trabalhar(...) Tendo dito isto, cuspiu na terra, e com a saliva fez lodo, e untou com o lodo os olhos do cego. E disse-lhe: Vai, lava-te no tanque de Siloé (que significa o Enviado). Foi pois, e lavou-se, e voltou vendo. (*João, 9: 1 a 4, 6 e 7*)

Notamos nesta passagem que os discípulos do Senhor já tinham, mesmo que errônea, uma idéia da reencarnação. Segundo Jesus, essa não era uma cegueira expiatória, mas fazia parte de um processo reencarnatório em bases de cooperação, para que se cumprisse o poder dado por Deus a Jesus. (Trataremos melhor este assunto, quando falarmos a respeito da Reencarnação)

Convém que eu faça as obras(...), enquanto é dia, a noite vem, quando ninguém pode trabalhar(...). Interpretadas ao pé da letra, estas palavras de Jesus são incoerentes. Jesus tinha poder para curar em qualquer hora, seja de dia ou de noite. O que Ele queria dizer com isto é que, se não quisermos sofrer as conseqüências das ações indevidas, temos que deixar Ele atuar em nós, enquanto é dia, ou seja, enquanto há possibilidade; porque a partir do momento em que agimos mal através do nosso livre-arbítrio, nos vinculamos a uma reação dolorosa que pode ser qualificada como noite, e noite escura de muitas trevas.

Quanto ao meio empregado para a sua cura, evidentemente aquela espécie de lama feita com saliva e terra nenhuma virtude podia encerrar, a não ser pela ação do fluido curativo de que fora impregnada. É assim que as mais insignificantes substâncias, como a água, por exemplo, podem adquirir qualidades poderosas e efetivas, sob a ação do fluido espiritual ou magnético, ao qual elas servem de veículo ou, se quiserem, de reservatório.

Ressurreições:

A filha de Jairo (Marcos, 5: 21 a 43) e o filho da viúva de Naim (Lucas, 7: 11 a 17)

Contrário seria às leis da Natureza e, portanto, milagroso, o fato de voltar à vida corpórea um indivíduo que se achasse realmente morto. Ora, não há mister se recorra a essa ordem de fatos, para ter-se a explicação das ressurreições que Jesus operou.

Se, mesmo na atualidade, as aparências enganam por vezes os profissionais, quão mais freqüentes não haviam de ser os acidentes daquela natureza, num país onde nenhuma precaução se tomava contra eles e onde o sepultamento era imediato. É, pois, de todo ponto provável que, nos dois casos acima, apenas síncope ou letargia houvesse. O próprio Jesus declara positivamente, com relação à filha de Jairo: “Esta menina – disse ele – não está morta, mas dorme”.

Dado o poder fluídico que ele possuía, nada de espantoso há em que esse fluido vivificante, acionado por uma vontade forte, haja reanimado os sentidos

em torpor; que haja mesmo feito voltar ao corpo o Espírito, prestes a abandoná-lo, uma vez que o laço perispirítico ainda não se romperá definitivamente. Para os homens daquela época, que consideravam morto o indivíduo desde que deixara de respirar, havia ressurreição em casos tais; mas, o que na realidade havia era cura e não ressurreição, na acepção legítima do termo.

Aconselhamos a todos a leitura do capítulo XV do livro “A Gênese” de Kardec, de onde transcrevemos parte do texto acima.

4 – Moral Cristã

Allan Kardec inicia o livro “O Evangelho segundo o Espiritismo” propondo uma divisão em cinco partes, as matérias contidas nos Evangelhos: *Os atos comuns da vida do Cristo, os milagres; as predições; as palavras que foram tomadas pela igreja para fundamento de seus dogmas; e o ensino moral. Continua ele: As quatro primeiras têm sido objeto de controvérsias; a última porém, conservou-se constantemente inatacável.*¹⁵

E podemos com certeza afirmar que, se a preocupação com a parte moral tivesse sido prioritária quando da análise dos textos evangélicos, a Humanidade já teria progredido muito mais, e o mundo que habitamos já faria parte dos planos mais evoluídos da criação.

Mas na realidade, qual é o conceito desta tão discutida moral?

Segundo o dicionário, moral é o conjunto de regras que constituem o bom costume. Baseado neste pequeno conceito, vemos que o entendimento do que é moral evoluiu com o evoluir dos homens, porque o que é um bom costume hoje, pode não ser assim considerado amanhã. Desta forma, moral pode ser entendido como sinônimo de ética, o que para nós, não é verdade.

O verdadeiro conceito de moral para nós é dado pelos Espíritos na questão 629 de “O Livro dos Espíritos”, quando nos afirmam que a vivência moral está vinculada à *observância da Lei de Deus*, e esse é na essência o entendimento de moral segundo nos ensinou o “Mestre dos Mestres”: Jesus.

A Moral Cristã está toda baseada no entendimento do que seja Deus, Sua Lei, e na fraternidade decorrida do entendimento real da relação Criador-criatura.

Deus é entendido pelo Cristo, como Pai. E segundo João nos afirma no capítulo 4 de sua 1ª epístola, *Deus é amor*, e continua ele: *Se alguém diz eu amo a Deus, e aborrece a seu irmão, é mentiroso. Pois quem não ama a seu irmão, ao qual viu, como pode amar a Deus, a quem não viu?* (I João, 4: 8 e 20)

Entendido Deus, e sua relação conosco, temos a chave da compreensão de toda a moral cristã. Por isso, a insistência do Mestre para que nos amássemos uns aos outros, resume de todos os seus ensinamentos. Moral, segundo o Cristo, é ver em primeiro lugar o interesse do próximo, entendendo como tal, todo aquele que precisa de nós, como nos mostra na Parábola do Samaritano, é dizermos não ao personalismo, é trabalhar não pensando no nosso bem estar, mas em quantos podemos beneficiar com o nosso trabalho.

Quando alguém lhe pedir o vestido, dê-lhe também a capa.

Se alguém te obrigar a caminhar uma milha, vai com ele duas.

Ame o vosso inimigo.

Ore pelo que vos persegue.

Se amardes somente os que vos amam, que galardão haveis?

¹⁵ “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, pág. 25.

Faze isso, e viverás, porque aquele que permanecer na minha palavra será meu discípulo, e conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará.

E para concluir, ficamos com a visão madura de Joanna de Ângelis:

Jesus se preocupa com a perfeição íntima, ética, intransferível dos homens, conclamando-os a realizarem o “Reino de Deus” interiormente, numa elaboração otimista.

Certamente, a moral cristã ainda não colimou os seus objetivos elevados, conquanto os vinte séculos passados. Todavia, diante dos esforços do Direito e da acentuada luta pacífica das organizações mundiais, a Moral, em diversas apreciações tornadas legais, sancionadas por governos e povos, atingirá, não obstante as dificuldades e transições do atual momento histórico, o seu fanal nos dias do porvir, propondo ao homem moderno, na moderação e eqüidade, nos costumes corretos, aceitos pelo comportamento das gerações passadas, a vivência do máximo postulado do Cristo, sempre sábio e atual: “Fazer ao próximo o que desejar que este lhe faça”, respeitando e respeitando-se, para desfrutar a consciência apaziguada e viver longos dias de harmonia na terra, com felicidade espiritual depois da destruição dos tecidos físicos pelo fenômeno da morte.¹⁶

¹⁶ “Estudos Espíritas”, pág. 166.

Módulo IV

Espírito

1 – Dos elementos gerais do Universo

Na questão 27 de “O Livro dos Espíritos”, Allan Kardec questiona a espiritualidade sobre os elementos constitutivos do Universo da seguinte maneira:

Há então dois elementos gerais do Universo: a matéria e o Espírito? Respondem os Espíritos: Sim, e acima de tudo Deus, o Criador, Pai de todas as coisas. Deus, Espírito e matéria constituem o princípio de tudo o que existe, a trindade universal (...), informam ainda da existência de um elemento intermediário, que é o fluido universal, elemento este que permite ao Espírito exercer ação sobre a matéria.

Toda constituição tangível do Universo parte do elemento básico, o fluido cósmico que, segundo André Luiz, pela psicografia de Francisco Cândido Xavier, é o *plasma divino, hausto do Criador ou força nervosa do Todo Sábio*.¹⁷ Agindo sobre ele, a espiritualidade superior converte-o nas mais variadas expressões. É com ele que os Espíritos Construtores constroem sistemas, constelações, em cujos campos a vida se manifesta e se expande.

Não pode o homem, devido à sua pouca evolução para as questões espirituais, conhecer o princípio das coisas; mas devido à inteligência, atributo superior dado por Deus, tem através da Ciência buscado incessantemente esse conhecimento.

Só que a Ciência humana limitou-se a considerar como únicas realidades existentes, a matéria e a energia. Aprofundando-se, entretanto, no seu conhecimento, chegou à conclusão de que estão de tal modo e tão estreitamente relacionadas, que representam, em verdade, duas expressões de uma só e mesma realidade, não sendo a matéria mais do que energia condensada ou concentrada.

Vemos, desta forma, que a Ciência só considerou na constituição do Universo, o elemento material, quer em seu estado denso, ou em suas manifestações energéticas. Nesta particularidade, é que podemos notar o avanço trazido ao mundo pela Ciência Espírita, definindo o elemento material e o elemento espiritual como constitutivos de tudo que há no Universo.

Nem sempre nos é fácil separar esses dois elementos um do outro, devido aos vários estados em que se pode transformar a matéria. Mas o importante é saber que, como nos afirma Emmanuel, através do médium Chico Xavier, *é lícito considerar-se espírito e matéria como estados diversos de uma essência imutável...*¹⁸ (confirmando a orientação dos Espíritos a Kardec), apesar de o ponto de integração dos dois elementos serem ainda desconhecidos de Espíritos do nosso plano de evolução.

Mas afinal, o que podemos entender como matéria?

¹⁷ “Evolução em Dois Mundos”, pág. 19.

¹⁸ “Emmanuel”, pág 170.

Esta pergunta também foi feita por Kardec aos Espíritos, respondendo Eles da seguinte forma:

É o laço que prende o Espírito; é o instrumento de que este se serve e sobre o qual, ao mesmo tempo exerce sua ação.

A partir dessa resposta, o Codificador diz que é através da matéria que o Espírito atua, sendo um elemento essencial para a evolução deste.

E o que é Espírito?

É o princípio inteligente do Universo, afirmam os maiores da espiritualidade, na questão 23 de “O Livro dos Espíritos”. É importante observar que aí os Espíritos definem o elemento inteligente do universo, e não a individualidade deste, que são os seres inteligentes do Universo, conforme definem na questão 76.

Deus criou o espírito, elemento inteligente, o qual é submetido a longa elaboração através dos diversos reinos da Natureza. No contato com os minerais, vegetais e animais, o princípio inteligente recebe impressões que, pela repetição, vão-se fixando, dando origem a automatismos, reflexos, instintos, hábitos, memória, e acabam por integrar-se em individualidades conscientes, dotadas de razão e vontade, livre-arbítrio e responsabilidade, destinadas a progredir até que adquiram pureza e perfeição que as aproximam da Inteligência Suprema.

Resumindo então, vemos que são dois os elementos do universo: espírito e matéria. O primeiro é o elemento inteligente do universo que, quando individualizado, é o Espírito. O segundo é o elemento material. Todo tipo de matéria que conhecemos é uma modificação da matéria básica, que é o fluido cósmico universal. As propriedades da matéria vêm das modificações que as moléculas elementares sofrem, por efeito da sua união em certas circunstâncias.

2 – Origem e natureza dos Espíritos

Buscando penetrar na realidade e constituição dos Espíritos, o que desvendaria os enigmas incontáveis da existência, os religiosos de todas as épocas estruturaram nele a base das afirmações éticas, estabelecendo a vida na Terra como consequência da vida espiritual, que sempre houve, mesmo sem a existência deste orbe.

Doutrinas exóticas estabeleceram a concepção panteísta do Universo, através da qual os Espíritos seriam fragmentos de Deus, que a Ele se reintegrariam, desaparecendo, portanto, pela destruição da individualidade, nisto incluindo todas as coisas, como partes mesmas da Divindade.

Observações apressadas engendraram teorias outras, igualmente absurdas, tais como a metempsicose, mediante a qual os Espíritos que se não houveram com equidade e nobreza na Terra a ela retornam, renascidos como animais inferiores.

A Doutrina Espírita, em seu caráter de filosofia, define que os Espíritos – seres inteligentes da criação – foram criados por Deus, simples e ignorantes, isto é, sem saber, e que através dos milênios realizam sua evolução, passando por variadas experiências nos reinos inferiores da criação, recebendo em sua madureza o atributo do livre-arbítrio, com o qual tornam-se senhores de sua destinação.

- Portanto, os Espíritos são seres distintos da Divindade. Sendo obra de Deus, é criação sua. Como e quando foram criados, não sabemos; o que podemos deduzir é que Deus sempre os criou, porque sendo eterno, e jamais tendo ficado ocioso, criou-os ininterruptamente.
- São formados do princípio inteligente do Universo, sendo uma individualização deste.
- São imortais, isto é, não têm fim.
- Quando desencarnados, formam o mundo dos Espíritos, que é o principal; por ser preexistente e sobrevivente a tudo.
- Estão por toda parte. Apesar de que nem todos possam ir a qualquer lugar e na hora que quiserem.
- Temos muitos deles ao nosso lado, influenciando-nos e sendo por nós influenciados.
- São instrumentos de Deus, já que o Criador não opera diretamente sobre a matéria.
- Sobre sua forma; eles nos dizem que para nós não a têm determinada, mas para eles; sim.
- Se comunicam pelo pensamento, e se locomovem com a rapidez do mesmo.

Mas devemos sempre nos lembrar de que cada Espírito, por ser uma individualidade em evolução, tem suas características próprias de acordo com o seu grau de pureza. E são essas divergências que vamos estudar no próximo item.

3 – Escala Espírita

São de diferentes ordens os Espíritos, de acordo com o grau de perfeição que tenham alcançado.

Essas ordens são ilimitadas em número, porque não há entre elas, linhas de demarcação traçadas como barreiras. Todavia, considerando-se os caracteres gerais dos Espíritos, e visando facilitar o estudo, a espiritualidade orientou Allan Kardec no sentido de reduzir estas ordens a três principais.

Na primeira, colocar-se-ão os que atingiram a perfeição: os puros Espíritos. Formam a segunda os que chegaram ao meio da escala: o desejo do bem é o que neles predomina. Pertencerão à terceira os que ainda se acham na parte inferior da escala: os Espíritos imperfeitos. A ignorância, o desejo do mal e todas as paixões más que lhe retardam o progresso, eis o que os caracteriza.

A classificação dos Espíritos se baseia no grau de adiantamento deles, nas qualidades que já adquiriram e nas imperfeições de que ainda terão de despojar-se. Esta classificação, aliás nada tem de absoluta. Apenas no seu conjunto cada categoria apresenta caráter definido. De um a outro grau a transição é insensível.

Terceira ordem: Espíritos Imperfeitos

Caracteres Gerais: Predomínio da matéria sobre o Espírito; propensão ao mal; ignorância, orgulho, egoísmo e todas as paixões que lhe são conseqüentes. Têm a intuição de Deus, mas não O compreendem; apresentam idéias pouco elevadas. Na linguagem que usam se lhes revela o caráter. A felicidade dos bons lhes trazem aflição e amargura. Conservam a lembrança e a percepção dos sofrimentos da vida corpórea. E como sofrem por longo tempo, julgam que sofrerão para sempre. É a eles que Jesus falava do fogo eterno, não que o suplício fosse para sempre, mas que devido ao grande sofrimento, o ardor seria uma eternidade.

Esta ordem apresenta cinco classes principais:

- **Décima Classe:** *Espíritos Impuros* – O mal é o objeto de suas preocupações; sua linguagem é grosseira e revela a baixeza de suas inclinações. Alguns povos os arvoraram em divindades maléficas; outros os designam pelos nomes de demônios, maus gênios, Espíritos do mal. Quando encarnados são propensos a todos os vícios geradores das mais sórdidas paixões.
- **Nona Classe:** *Espíritos Levianos* – São ignorantes e inseqüentes, mais maliciosos do que propriamente maus; linguagem irônica e superficial. Gostam de causar pequenos desgostos e ligeiras alegrias. A esta classe pertencem os Espíritos vulgarmente tratados de duendes, trasgos, gnomos, diabretes.
- **Oitava Classe:** *Espíritos Pseudo Sábios* – Possuem conhecimentos bastante amplos, mas julgam saber mais do que sabem; sua linguagem tem caráter sério, misturando verdades com suas próprias paixões e preconceitos.
- **Sétima Classe:** *Espíritos Neutros* – Apegados às coisas do mundo, sentem saudades de suas grosseiras alegrias. Não são bons o suficiente para praticarem o bem, nem maus o bastante para fazerem o mal.

- **Sexta Classe:** *Espíritos Batedores e Perturbadores* – Esses não formam uma classe distinta pelas suas qualidades pessoais. Podem pertencer a todas as classes da Terceira Ordem; sua presença manifesta-se por efeitos sensíveis e físicos, como pancadas e deslocamento de corpos sólidos. Parecem ser agentes dos elementos do globo; quer atuem sobre o ar, a água, o fogo, mas é que deles se servem os Espíritos Superiores para produzir esses fenômenos físicos do planeta, quando julgam úteis as manifestações deste gênero.

Segunda Ordem: Bons Espíritos

Caracteres Gerais: Predomínio do Espírito sobre a matéria; desejo do bem; compreendem Deus e o infinito, mas ainda terão de passar por provas; uns possuem a ciência, outros a sabedoria e a bondade; os mais adiantados juntam ao seu saber as qualidades morais. São felizes pelo bem que fazem e pelo mal que impedem. Quando desencarnados, suscitam bons pensamentos, desviam os homens da senda do mal, protegem na vida os que se lhe mostram dignos de proteção. Quando encarnados, são bondosos e benevolentes com seus semelhantes, não os movem orgulho, nem o egoísmo. A essa ordem pertencem os Espíritos designados, nas crenças populares, pelos nomes de protetores, anjos da guarda, Espíritos do bem.

Esta ordem apresenta quatro classes principais:

- **Quinta classe:** *Espíritos Benévolos* – Seu progresso realizou-se mais no sentido moral do que no intelectual; a bondade é a qualidade dominante.
- **Quarta Classe:** *Espíritos Sábios* – Amplitude de conhecimentos aplicados em benefício dos semelhantes; têm mais aptidão para as questões científicas do que para as morais.
- **Terceira Classe:** *Espíritos de Sabedoria* – Elevadas qualidades morais e capacidade intelectual que lhes permitem analisar com precisão os homens e as coisas.
- **Segunda Classe:** *Espíritos Superiores* – Reúnem a ciência, a sabedoria e a bondade; buscam comunicar-se com os que aspiram à verdade. Encarnam-se na Terra apenas em missão de progresso e caracterizam o tipo de perfeição a que podemos aspirar neste mundo.

Primeira Ordem: Espíritos Puros

Caracteres Gerais: Nenhuma influência da matéria; superioridade intelectual e moral absoluta em relação aos Espíritos das outras ordens.

Esta ordem apresenta apenas uma única classe:

- **Primeira Classe:** *Classe Única* – Os Espíritos que a compõe percorreram todos os graus da escala e se despojaram de todas as impurezas da matéria. Tendo alcançado a soma de perfeição de que é suscetível a criatura, não têm mais que sofrer provas nem expiações. Não estando mais sujeitos a reencarnação em corpos perecíveis, realizam a vida eterna no seio de Deus.

Gozam de inalterável felicidade, porque não se acham submetidos às necessidades, nem às vicissitudes da vida material. Essa felicidade, porém não é a ociosidade

monótona, a transcorrer em perpétua contemplação. Eles são os ministros de Deus, cujas ordens executam para manutenção da harmonia universal.

4 – Anjos e Demônios

Anjos

Segundo a conceituação da palavra, anjo é o ser espiritual que exerce o ofício de mensageiro entre Deus e os homens.

Todas as religiões têm tido a intuição da existência destes mensageiros sob vários nomes. Já o materialismo, negando a existência espiritual, classifica os anjos como ficção ou alegoria.

A crença nos anjos é parte essencial dos dogmas da igreja. O princípio geral resultante dessa doutrina é que os anjos são seres puramente espirituais, anteriores e superiores à humanidade, criaturas privilegiadas e votadas à felicidade suprema e eterna desde a sua formação, dotadas por sua própria natureza de todas as virtudes e conhecimentos, nada tendo feito para adquiri-los. Estão, por assim dizer, no primeiro plano da criação.

Que haja seres dotados de todas as qualidades atribuídas aos anjos, não restam dúvidas. A Revelação Espírita neste ponto confirma a crença de todos os povos, fazendo-nos conhecer, entretanto, a origem e natureza de tais seres.

Anjos são Espíritos que como todos os outros foram criados, como já dissemos anteriormente, simples e ignorantes, isto é, sem conhecimentos nem consciência do bem ou do mal, porém aptos a conseguir o que lhes falta através do trabalho árduo da evolução. Se o trabalho é o meio de aquisição da sabedoria, a perfeição é a finalidade. Conseguem-na mais ou menos prontamente em virtude do bom ou mau uso do livre-arbítrio, e na razão direta de seus esforços. Todos têm os mesmos degraus a franquear, o mesmo trabalho a concluir. Deus não aquinhoa melhor a uns do que a outros, porque é a própria Justiça; e, visto serem todos seus filhos, não tem predileções.

Portanto anjos não são seres especiais, mas espíritos que já passaram por este processo. Acham-se no mais alto grau da escala e reúnem todas as perfeições.

Muitas das vezes, são designados com esse nome todos os seres bons e maus que estão fora da humanidade. Diz-se “o anjo bom” e “o anjo mau”; “o anjo de luz” e “o anjo das trevas”. Mas a doutrina quando fala de anjo, refere-se a Espírito Puro. Quanto aos anjos guardiões, espíritos encarregados de proteger-nos e nos livrar do mal, melhor seria chamá-los de “Guias Espirituais”.

A Humanidade não se limita à Terra; habita inúmeros mundos que no espaço circula; já habitou os desaparecidos e habitará os que se formarem.

Muito antes que a Terra existisse e por mais remota que a suponhamos, outros mundos havia, nos quais Espíritos encarnados percorreram as mesmas fases que hora percorrem os de mais recente formação, atingindo seu fim antes mesmo que houvéramos saído das mãos do criador. De toda eternidade tem havido, pois, puros Espíritos ou anjos; mas, como a sua existência humana se passou num longínquo passado, eis que os supomos como se tivessem sido sempre anjos de todos os tempos.

Realiza-se assim a grande lei da unidade da Criação; Deus nunca esteve inativo e sempre teve puros Espíritos, experimentados e esclarecidos para a transmissão de suas ordens e direção do Universo, desde o governo dos mundos até os mais ínfimos detalhes. Tampouco teve Deus necessidade de Criar seres privilegiados, isentos de obriga-

ções; todos, antigos e novos, adquiriram suas posições na luta e por mérito próprio; todos enfim são filhos de sua própria obra.

E, desse modo, completa-se com igualdade a Soberana Justiça do Criador.

Demônios

A palavra *demônio* vem do grego *daimónion*, pelo lat. *daemoniu*.

Nas crenças da Antigüidade e no politeísmo, a palavra demônio significa gênio inspirador, bom ou mau, que presidia o caráter e o destino de cada indivíduo. Seria o mesmo que alma, ou espírito.

Nas religiões judaica e cristã, anjo mau que, tendo-se rebelado contra Deus, foi precipitado no Inferno e procura a perdição da humanidade; gênio ou representação do mal; espírito maligno, espírito das trevas; Lúcifer, Satanás, Diabo.

Portanto o termo demônio, na sua origem, não implica idéia do Espírito mau. Só a significação vulgar da palavra nos dá a entender que seriam seres essencialmente mal-fazejos.

Sendo criação de Deus, e sendo Este soberanamente justo e bom, é ilógico ter criado seres predispostos ao mal por sua natureza, e o que é pior, serem eles condenados por toda a eternidade.

O dogma das penas eternas deve prender-nos a atenção. Arma temível nas mãos da igreja, nas épocas da fé cega, ameaça suspensa sobre a cabeça do homem, ele foi para esta instituição um instrumento incomparável de domínio.

Donde procede essa concepção de satanás e do inferno? Unicamente das noções falsas que o passado nos legou a respeito de Deus. Toda a Humanidade primitiva acreditou nos deuses do mal, nas potências das trevas, e essa crença traduziu-se em lendas de terror, em imagens pavorosas, que se transmitiram de geração a geração, e inspirando grande números de mitos religiosos.

Essas potências malignas foram personificadas, individualizadas pelo homem. Desse modo, criou ele os deuses do mal. E essas remotas tradições, legado das raças desaparecidas, perpetuadas de idade em idade, encontram-se ainda nas atuais religiões.

Daí Satanás, o eterno revoltado, o inimigo eterno do bem, mais poderoso que o próprio Deus, pois que reina como senhor do mundo, e as almas criadas para a felicidade caem, na maior parte, debaixo do seu jugo.

Os homens fizeram com satanás, ou demônio, como queiram, o que fizeram com os anjos. Da mesma forma que acreditaram em seres perfeitos de toda a eternidade, tomaram os Espíritos inferiores, aqueles que ainda se acham estagnados na ignorância sem simplicidade, por seres perpetuamente maus. Portanto, a doutrina Espírita nos convida a ver nos chamados demônios, Espíritos impuros que, freqüentemente, não valem mais que as entidades designadas por tal nome, mas com a diferença de que eles não foram sempre assim, e seu estado é transitório. São Espíritos imperfeitos que murmuram contra as provas que devem suportar, e que, por isso, suportam-nas por mais tempo. Chegarão, porém, por seu turno, a sair desse estado, quando o quiserem. Essa a grande diferença, de um lado a doutrina da igreja, a nos ensinar que os demônios teriam sido criados bons e tornaram-se maus por sua desobediência, ou seja, anjos colocados primitivamente por Deus no ápice da escala, tendo dela decaído. E de outro, a Doutrina

Espírita que diz que os demônios são espíritos imperfeitos, suscetíveis de regeneração e que colocados na base da escala, hão de nela graduar-se pela sua própria vontade e esforço.

Módulo V

Perispírito

1 – Introdução ao estudo do Corpo Espiritual

É já de muitas eras a intuição do homem acerca da existência do que hoje chamamos de Perispírito.

Entre os homens primitivos, no alvorecer da humanidade, dão-lhe o estranho nome de Corpo Sombra; nas apreciáveis lições do Vedanta apareceu como Manu, Maya e Kosha, era conhecido no Budismo esotérico por Kama – rupa, enquanto no Hermetismo egípcio surgiu na qualidade de Kha ou Kã, para avançar, na Cabala hebraica, como manifestação de Rouach. Chineses, gregos e latinos tinham conhecimento de sua realidade, identificando-o seguramente. Pitágoras, mais afeiçoado aos estudos metafísicos, denominava-o carne sutil da alma, e Aristóteles, na sua exegese do complexo humano, considera-o corpo sutil e etéreo. Os neoplatônicos, de Alexandria, dentre os quais Orígenes, identificava-o como aura; Tertuliano, o gigante inspirado da Apologética, nele via o corpo vital da alma, enquanto Proclo o caracterizava como veículo da alma, definindo em cada expressão os atributos de que o consideravam investido. Paulo de Tarso designava-o Corpo Celeste, e na cultura moderna, Paracelso, no século XVI, detectou-o sob a designação de corpo astral. Logo depois, substituindo os conceitos panteístas de Spinoza pela teoria dos “átomos espirituais ou mônadas”, surpreendeu-o dando a denominação de corpo fluidico.

Mas foi só com “O Livro dos Espíritos” que surgiu na história do pensamento, a primeira descrição racional e objetiva do Perispírito.

É na questão 93 da referida obra que o Codificador começa a tratar do tema, fazendo a seguinte pergunta aos Espíritos:

O Espírito, propriamente dito, nenhuma cobertura tem, ou, como pretendem alguns, está sempre envolto numa substância qualquer? Ao que eles nos respondem:

Envolve-o uma substância, vaporosa para os teus olhos, mas ainda bastante grosseira para nós; assaz vaporosa, entretanto, para poder elevar-se na atmosfera e transportar-se aonde queira.

E em uma observação própria, logo abaixo, Kardec comenta: *Envolvendo o gérmen de um fruto, há o perisperma; do mesmo modo, uma substância que, por comparação, se pode chamar perispírito, serve de envoltório ao Espírito propriamente dito.*

Podemos então afirmar que, a partir do entendimento da explicação de Kardec, o perispírito é o corpo do Espírito. É com ele que a individualidade espiritual apresenta-se quando desencarnada ou em desdobramento.

É formado do fluido universal de cada globo, por isso não é igual em todos os mundos.

Sobre este fluido nos afirmam os Espíritos, ser ele a matéria básica do Universo, e é de suas inúmeras transformações que surgem os envoltórios percíveis do Espírito: o corpo e o perispírito.

Desta forma, entendemos que o corpo carnal tem seu princípio de origem nesse mesmo fluido condensado e transformado em matéria tangível. No Perispírito, a transformação na natureza do fluido se opera diferentemente, porquanto este conserva a sua imponderabilidade e suas qualidades etéreas.

Evolui com o Espírito, à medida que este aperfeiçoa-se moralmente. Quando passa de um mundo para outro, o Espírito muda de envoltório, ou seja, muda a constituição do perispírito.

Quanto à sua forma, devido às suas propriedades que vamos estudar mais adiante, o corpo espiritual toma a que o Espírito queira, desde que este possua elevação para tal. Caso contrário, sob a influência das leis que regem o mundo mental, ou sob a ação de entidades cruéis, como acontece nos processos de zoantropia e licantropia, pode haver alterações na forma perispiritual, independente da vontade do Espírito.

2 – Funções e propriedades do Perispírito

Funções

O perispírito é a estrutura modeladora, organizadora e gerenciadora do corpo físico; molde energético onde se encontram os mecanismos responsáveis por todas as funções orgânicas, desde a seleção dos princípios hereditários até a organização da célula ovo e seu desenvolvimento num organismo complexo. Ele contém a matriz filogenética das principais etapas evolutivas do ser.

Em seu bojo se radicam os centros funcionais que dirigem e controlam as emissões arquetípicas do inconsciente profundo, geradoras das funções fisiopsíquicas dos seres vivos, mais especificamente da espécie humana, onde se apresentam altamente complexas e refinadas.¹⁹

Estando portanto sediadas nele, as gêneses patológicas de distúrbios dolorosos quais a esquizofrenia, a epilepsia, o câncer de variada etiologia, o pênfigo ... que em momento próprio favorece a sintonia com microorganismos que se multiplicam desordenadamente e tomam de assalto o campo físico através de sintonias próprias, ensejando a aceleração das perturbações psíquicas de largo porte.

É ainda *o veículo onde são gravados os resultados do processo evolutivo do homem, isto é, o fruto das interações dos seres com o meio ambiente em sua globalidade.*²⁰

As experiências existenciais, repetidas, são neles fixadas como reflexos condicionados psicossomáticos, tornando-se substratos condutores dos processos mentais e fisiológicos.

Através dos estudos mediúnicos contemporâneos, bem como das reflexões de notáveis pesquisadores e pensadores espiritistas de ontem e de hoje, constatamos que as atividades do perispírito abrangem inclusive a dimensão psicológica, sendo não só responsável pelo controle do automatismo fisiológico, mas sediando igualmente o registro dos fatos de ordem psíquica, como a memória, os inconscientes passado e atual, enfim, todos os fenômenos mentais.

Como sede da memória, garante a conservação intacta da individualidade, através da esteira das reencarnações. Se faz responsável também pela transmissão ao Espírito das sensações que o corpo experimenta, como ao corpo informa das emoções procedentes das sedes do Espírito, em perfeito entrosamento de energias entre os centros vitais ou de força, que controlam a aparelhagem fisiológica e psicológica e as reações somáticas, que lhes exteriorizam os efeitos do intercâmbio.

Propriedades

O perispírito, por sua tessitura, organização, flexibilidade e expansibilidade, fornece inúmeras condições de ação ao Espírito, mesmo quando encarnado, condições

¹⁹ “Possibilidades Evolutivas”, pág. 115.

²⁰ “Possibilidades Evolutivas”, pág. 116.

essas que podemos chamar de propriedades do perispírito, sem, com isso, desconhecermos que o propulsor de toda e qualquer ação é o Espírito.

Para que essas propriedades se tornem evidentes, é necessário se atenda às leis dos fluidos, no que tange as suas condições de afinidade, quantidade necessária e qualidade dos fluidos, além de em alguns casos, o conhecimento e a elevação moral do Espírito que manuseia tais fluidos. Sinteticamente, teríamos: aparições, tangibilidade, penetrabilidade, transfiguração, e emancipação.

Por sua natureza e em seu estado normal, o perispírito é invisível, tendo isso de comum com uma imensidade de fluidos que sabemos existir, mas que nunca vimos. Pode também como alguns fluidos, sofrer modificações que o tornam perceptível à vista, quer por uma espécie de condensação, quer por uma mudança na disposição molecular. Pode mesmo adquirir as propriedades de um corpo sólido e tangível e retornar instantaneamente seu estado etéreo e invisível.

Matéria nenhuma lhe opõe obstáculo; ele as atravessa todas, como a luz atravessa os corpos transparentes. Daí vem que não há como impedir que os Espíritos entrem num recinto inteiramente fechado. Eles visitam o preso no seu cárcere tão facilmente como visitam a um que está no campo a trabalhar.

O perispírito das pessoas vivas goza das mesmas propriedades que o dos desencarnados. Ele não se acha confinado no corpo; irradia e forma em torno deste uma espécie de atmosfera fluídica. Ora, pode suceder que, em certos casos e dadas as mesmas circunstâncias, ele sofra uma transformação análoga à já descrita: a forma real e material do corpo se desvanece sob aquela camada fluídica, se assim podemos exprimir, e toma por momentos uma aparência inteiramente diversa, mesmo a de outra pessoa ou a do Espírito que combina seus fluidos com os do indivíduo, podendo também dar a um semblante feio um aspecto bonito e radioso. Tal fenômeno se designa pelo nome de transfiguração, e é produzido, principalmente, quando as circunstâncias ocorrentes provocam mais abundante expansão de fluido.

A emancipação da alma é a propriedade que o Espírito tem de se desprender do corpo no instante em que este dorme. Aproveita-se o Espírito (através do perispírito) do repouso do corpo e dos momentos em que sua presença não é necessária para atuar isoladamente e ir aonde quiser, no gozo, então, de sua liberdade e da plenitude das suas faculdades.

A independência e a emancipação da alma se manifestam, de maneira evidente, também, no fenômeno do sonambulismo natural e magnético, na catalepsia e na letargia.

A faculdade de emancipar-se e de desprender-se do corpo durante a vida pode dar lugar a fenômenos análogos aos que os Espíritos desencarnados produzem. Enquanto o corpo se acha mergulhado em sono, o Espírito, transportando-se a diversos lugares, pode tornar-se visível e aparecer sob a forma vaporosa, quer em sonho, quer em estado de vigília. Pode igualmente apresentar-se sob forma tangível, ou, pelo menos, com uma aparência bem idêntica à realidade. Esse fenômeno, aliás muito raro, é que se denomina de bicorporeidade.

Por muito extraordinário que seja, tal fenômeno, como todos os outros, se compreende na ordem natural das coisas, pois que decorre das propriedades do perispírito e de uma lei natural.

3 – Centros de Força

Centros de força ou centros vitais são acumuladores e distribuidores de força espiritual, situados no perispírito, pelos quais transitam os fluidos energéticos. Não constituem parte intrínseca da estrutura do Espírito, pois são, como já dissemos, instrumentos desenvolvidos no corpo espiritual, com o fim de realizar as adequações devidas entre os aspectos exteriores e interiores da realidade espiritual no ser imaterial.

Informa André Luiz, em “Evolução em dois Mundos”, que:

São os centros vitais fulcros energéticos que, sob a direção automática da alma, imprimem às células a especialização extrema, pela qual o homem possui no corpo denso, e detemos todos no corpo espiritual em recursos equivalentes, as células que produzem fosfato e carbonato de cálcio para a construção dos ossos, as que se distendem para a recobertura do intestino, as que desempenham complexas funções químicas no fígado, as que transformam em filtros do sangue na intimidade dos rins e outras tantas que se ocupam do fabrico de substâncias indispensáveis à conservação e defesa da vida nas glândulas, nos tecidos e nos órgãos que nos constituem o cosmo vivo de manifestação.²¹

Informa ainda o instrutor Clarêncio, na obra *Entre a Terra e o Céu*, do mesmo autor espiritual:

(...) o nosso corpo de matéria rarefeita está intimamente regido por sete centros de forças, que se conjugam nas ramificações dos plexos que, vibrando em sintonia uns como os outros, ao influxo do poder diretriz da mente, estabelecem para o nosso uso, um veículo de células elétricas, que podemos definir como sendo um campo eletromagnético, no qual o pensamento vibra em circuito fechado. E completa: (...) nossa posição mental determina o peso específico do nosso envoltório espiritual e, conseqüentemente, o habitat que lhe compete, (...) tal seja a viciação do pensamento, tal será a desarmonia dos centros de força.

Centro Coronário

Sobre este centro vital, André Luiz afirma que temos particularmente nele o ponto de interação entre as forças determinantes do Espírito e as forças fisiopsicossomáticas organizadas.

Dele partindo, desse modo,

(...) a corrente de energia vitalizante formada de estímulos espirituais com ação difusível sobre a matéria mental que o envolve, transmitindo aos demais centros da alma os reflexos vivos de nossos sentimentos, idéias e ações, tanto quanto esses mesmos centros, interdependentes entre si, imprimem semelhantes reflexos nos órgãos e demais implementos de nossa constituição particular, plasmando em nós próprios os efeitos agradáveis ou desagradáveis de nossa influência e conduta.

²¹ “Evolução em Dois Mundos”, pág. 28.

A mente elabora as criações que lhe fluem da vontade, apropriando-se dos elementos que a circundam, e o centro coronário incumbe-se automaticamente de fixar a natureza da responsabilidade que lhe diga respeito, marcando no próprio ser as conseqüências felizes ou infelizes de sua movimentação consciencial no campo do destino.²²

Notamos através desta afirmativa que o centro coronário tem a função de supervisionar os outros centros vitais e que ele é o responsável pela implementação da lei de causa e efeito na intimidade do Ser Espiritual.

Centro Cerebral

Está contíguo ao centro coronário, que ordena as percepções de variada espécie, que, na vestimenta carnal, constituem a visão, a audição, o tato e a vasta rede de processos da inteligência que diz respeito à palavra, à cultura, à arte, e ao saber. É no centro cerebral que possuímos o comando do núcleo endócrino, referente aos poderes psíquicos.

Centro Laríngeo

É o centro vital que preside aos fenômenos vocais, inclusive as atividades do timo, da tireóide e das paratireóides, controlando notadamente a respiração e a fonação.

Centro Cardíaco

É o que sustenta os serviços da emoção e do equilíbrio geral, dirigindo a emotividade e a circulação das forças de base.

Centro Esplênico

Conforme orientação dada pelo ministro Clarêncio na obra “Entre a Terra e o Céu”, o Centro Esplênico regula a distribuição e a circulação adequada dos recursos vitais em todos escaninhos do veículo de que nos servimos. Relativo ao corpo denso, ele está situado na região do baço.

Centro Gástrico

Responsabiliza-se pela penetração de alimentos e fluidos em nossa organização, é pela digestão e absorção dos alimentos densos ou menos densos que, de qualquer modo, representam concentrados fluídicos penetrando-nos a organização.

Centro Genésico

Neste centro se localiza o santuário do sexo, como templo modelador de formas e estímulos criadores, com vistas ao trabalho, à associação e à realização entre as almas.

²² “Evolução em Dois Mundos”, págs. 27 e 28.

4 – Percepções, Sensações e Sofrimentos dos Espíritos

A Espiritualidade afirma que, quando de sua volta para o mundo dos Espíritos, a alma conserva as percepções que tinha quando encarnada na Terra, e que desabrocham-lhes outras, porque o corpo funciona como um véu, obscurecendo-a.

Sobre esta questão, Allan Kardec realizou em “O Livro dos Espíritos”, um estudo denominado: “Ensaio Teórico da Sensação nos Espíritos”. Devido à importância do tema e da profundidade deste estudo realizado pelo Codificador, vamos fazer um resumo do mesmo, mas deixando claro que para uma boa compreensão do tema, melhor seria um estudo completo do texto que corresponde à questão 257 da obra citada.

O corpo é o instrumento da dor. Se não é a causa primária desta, é pelo menos, a causa imediata.

A alma tem a percepção da dor, mas essa percepção é o efeito.

Apesar de que esta percepção é muitas das vezes dolorosa, podemos afirmar que ela não é física. Ilustramos com um exemplo dado por Kardec: A simples lembrança de uma dor física, pode produzir o efeito da mesma, mesmo que no momento não haja motivo para tal. Isso ocorre porque o cérebro guardou esta impressão, e o perispírito como elemento de ligação entre o Espírito e o corpo, transmite do primeiro para o segundo, impressões, e no sentido contrário, sensações. Resumindo, concluímos que o perispírito é o agente das sensações exteriores.

Quando encarnado, o Espírito tem o sentido dessas sensações no corpo, quando este é destruído, elas se tornam gerais.

Sabemos que no Espírito há percepção, sensação, audição, visão, e que essas faculdades são atributos do ser todo e não, como no homem, de uma parte apenas.

A dor, como já dissemos, não é propriamente física, ainda que muitas vezes o Espírito a reclama ou diz que sente frio ou calor. Entendemos que, apesar de muitas vezes ser bastante penosa, ela é mais uma reminiscência do que uma realidade. Entretanto algumas vezes há mais do que isso, como apresenta o ilustre pensador lionês.

A experiência mostra que o perispírito, quando da desencarnação, não se desprende rapidamente da maneira que a maioria supõe, e devido a esta ligação, muitas vezes o Espírito crê-se vivo; vê seu corpo ao lado, sabe que lhe pertence, mas não compreende que esteja separado dele. Essa situação normalmente dura enquanto existe a ligação entre os corpos físico e espiritual.

Relata Kardec o exemplo de um suicida: *“Disse-nos certa vez um suicida: Não estou morto, no entanto sinto os vermes a me roerem”*. É óbvio que os vermes não lhe roíam o perispírito, e muito menos o Espírito. O que eles roíam era o corpo, mas como não havia uma completa separação do corpo e do perispírito, ele tinha uma impressão quase física do que estava acontecendo. Era uma ilusão, não uma realidade, embora o sentimento parecesse real. *Neste caso não podemos dizer que o que ele sentia era uma reminiscência, conclui Kardec, porquanto ele não fora em vida, roído pelos vermes: havia o sentimento de um fato da atualidade*. Isto nos favorece uma gama de ensinamentos muito importantes, se observarmos atentamente os fatos.

Sobre os Espíritos superiores, o Codificador nos informa que eles não sentem nenhuma influência da matéria. Não sentindo dor ou qualquer sentimento originado por

este elemento. *O som dos nossos instrumentos, o perfume das nossas flores nenhuma impressão lhes causam. Entretanto, eles experimentam sensações íntimas, de um encanto indefinível, das quais idéia alguma podemos formar, porque a esse respeito, somos quais cegos de nascença diante da luz.*

Quando Kardec afirma que os Espíritos são inacessíveis às impressões da matéria que conhecemos, se refere aos Espíritos muito elevados, cujo envoltório etéreo não encontra analogia neste mundo. Quanto aos mais atrasados, cujo perispírito é mais denso, percebem os sons, os odores, etc., porém, apenas por uma parte limitada de suas individualidades, conforme quando encarnados.

Esta teoria pode trazer alguma frustração para aqueles que pensavam que o sofrimento e as dores terminariam com a destruição do corpo físico, mas notamos que ela é bem lógica e expressa a justiça do Criador, na medida em que vincula o sofrer do Espírito à maneira vivida por ele, quando encarnado. Se procuramos na vida terrena somente a satisfação dos gozos materiais, vamos encontrar um sofrimento *a posteriori*. Todavia, se a vida para os valores do Espírito imortal, é a nossa busca, seremos tranqüilamente bem-aventurados, pois atingiremos aquele estado em que Jesus disse: *Bem aventurados os limpos de coração, porque eles verão a Deus.*

Podemos concluir, então, que pode haver sofrimento por parte do Espírito no plano espiritual, mas este sofrimento será sempre menor à medida que nos elevarmos moralmente.

Meditemos portanto nas palavras daquele que é o “Mestre dos mestres, o Sábio dos sábios”:

“Não ajunteis tesouros na terra, onde a traça e a ferrugem tudo consomem, e onde os ladrões minam e roubam; mas ajuntai tesouros no céu, onde os ladrões não minam nem roubam.” (*Mateus, 6: 19 e 20*)

Módulo VI

Evolução

1 – Evolução do Princípio Inteligente

A existência do princípio espiritual é uma realidade; do mesmo modo que podemos demonstrar a realidade da matéria, pelos efeitos demonstramos a existência do princípio espiritual, pois sem ele, o próprio Criador não teria razão de ser. Como entender um ser superior, com atributos superiores, a governar somente sobre a matéria? Como compreender que a Inteligência Suprema, que é a própria Sabedoria, iria criar seres inteligentes, sensíveis, e depois lançá-los ao nada, após alguns anos de sofrimento sem compensações, e deleitar-se com a sua criação como faz um artista menor.

Sem a sobrevivência do ser pensante, os sofrimentos da vida seriam, da parte de Deus, uma crueldade sem objetivo.

Por ser uma centelha divina, e possuir a imortalidade em sua intimidade, é inata no homem a idéia da perpetuidade do ser pensante, e essa perpetuidade seria inútil, não fosse a evolução. Evolução essa que fica clara na resposta dada pelos espíritos a Kardec na questão 607 de “O Livro dos Espíritos”. Quando questionados sobre a origem dos Espíritos, nos afirmam que antes de conquistar as faculdades inerentes ao homem atual, o Espírito estagia *numa série de existências que precedem o período a que chamamos humanidade*, e continuam: *Já não dissemos que tudo em a natureza se encadeia e tende para a unidade? Nesses seres, cuja totalidade estais longe de conhecer, é que o princípio inteligente se elabora, e individualiza pouco a pouco e se ensaia para a vida, conforme acabamos de dizer. É de certo modo, um trabalho preparatório, como o da germinação, por efeito do qual o princípio inteligente sofre uma transformação e se torna Espírito.*

Martins Peralva, no livro “O Pensamento de Emmanuel”, narra, desta forma, a longa viagem feita pela mônada divina, ou princípio espiritual:

Na fase preambular, a mônada luminosa, que mais tarde será Espírito, ser inteligente, vai sendo envolvida, como energia divina, em fluidos pesados. Perde sua luminosidade, condensa-se no reino mineral.

Energia -Suas transformações

- a) *Condensada, na pedra;*
- b) *Incipiente, na planta;*
- c) *Primária nos irracionais*
- d) *Contraditória, nos homens de mediana evolução*
- e) *Excelsa, nas almas sublimadas*

Peralva, ainda na obra citada, exhibe um gráfico que foi transmitido ao médium Chico Xavier pelo seu mentor Emmanuel nos orientando sobre a trajetória evolutiva do ser espiritual

A palavra “estágio”, na linha horizontal, significa séculos e milênios nas faixas respectivas; a palavra “evolução”, na vertical, a marcha ascensional, a transição de uma para outra faixa evolutiva.

Assim ajustando-se às vibrações dos minerais, em cujo berço hibernam por milhões e milhões de anos, as “mônadas luminosas” são trabalhadas nos padrões da atração, preparando-se para novas conquistas, em termos de “sensação” no campo dos vegetais.

Os reinos mineral e vegetal, como institutos de recepção da onda criadora da vida, preparam as bases de onde os elementos espirituais partem para as faixas animais em que o instinto, trabalhando o seu psiquismo, os habilitam, lenta e gradativamente, para o ingresso nas trilhas da humanidade, onde, já usufruindo de “pensamento contínuo” elaboram em processo crescente, os valores da razão e da inteligência.²³

Concluindo, deixamos a palavra com o nosso mentor André Luiz, segundo psicografia de Waldo Vieira, no livro *Evolução em Dois Mundos*:

É assim que dos organismos monocelulares aos organismos complexos, em que a inteligência disciplina as células, colocando-as a seu serviço, o ser viaja no rumo da elevada destinação que lhe foi traçada do Plano Superior, tecendo com os fios da experiência a túnica da exteriorização, segundo o molde mental que traz consigo, dentro das leis de ação, reação e renovação em que mecaniza as próprias aquisições, desde o estímulo nervoso à defensiva imunológica, construindo o centro coronário, no próprio cérebro, através da reflexão automática de sensações e impressões, em milhões e milhões de anos, pelo qual, com o Auxílio das Potências Sublimes que lhe orientam a marcha, configura os demais centros energéticos do mundo íntimo, fixando-os na tessitura da própria alma.

Contudo, para alcançar a idade da razão, com o título de homem, dotado de raciocínio e discernimento, o ser, automatizado em seus impulsos, na romagem para o reino angélico, despendeu para chegar aos primórdios da época quaternária, em que a civilização elementar do sílex denuncia algum primor de técnica, nada menos de um bilhão e meio de anos. Isso é perfeitamente verificável na desintegração natural de certos elementos radioativos na massa geológica do globo. E entendendo-se que a Civilização aludida floresceu há mais ou menos duzentos mil anos, preparando o homem, com a benção do Cristo, para a responsabilidade, somos induzidos a reconhecer o caráter recente dos conhecimentos psicológicos, destinados a automatizar na constituição fisiopsicossomática do espírito humano as aquisições morais que lhe habilitarão a consciência terrestre a mais amplo degrau de ascensão à Consciência Cósmica.²⁴

²³ “Temas da Atualidade”, Artigo de Honório Abreu: Evolução.

²⁴ “Evolução em Dois Mundos”, págs. 35 e 36.

2 – Evolução do Espírito

Segundo Pitágoras, “... a evolução material dos mundos e a evolução espiritual das almas são paralelas, concordantes, explicam-se uma pela outra. A grande alma, espalhada na Natureza, anima a substância que vibra sob seu impulso, e produz todas as formas e todos os seres. Os seres conscientes, por seus longos esforços, desprendem-se da matéria, que dominam e governam a seu turno, libertam-se e aperfeiçoam-se através das existências inumeráveis. Assim o invisível explica o visível, e o desenvolvimento das criações é a manifestação do Espírito Divino”.

Conforme a ciência oficial, quando o clima da terra se amenizou, em princípios do Mioceno (uma das quatro grandes divisões da Era Terciária, isto é, o período geológico que antecedeu o atual), surgiram os primeiros seres do qual descende o homem atual. Entre estes últimos, (que conseguiram se erguer), prevaleceu um tipo, mais ou menos a 25 milhões de anos, e que era positivamente um símio.

E os tipos foram evoluindo até que, mais ou menos há um milhão e meio de anos, surgiram as espécies mais aproximadas do tipo humano.

Na Ásia, na África e na Europa foram descobertos esqueletos de antropóides (macacos semelhantes ao homem) não identificados.

Nas camadas do Pleistoceno inferior, também chamado paleolítico (período antigo da pedra lascada), e no Neolítico (era da pedra polida) vieram à luz instrumentos, objetos e restos de dentes, ossos e chifres, cada vez melhor trabalhados.

Em 1807 surgiu em Heidelberg um maxilar inferior e em Piltow (Inglaterra) um crânio e uma mandíbula um tanto diferentes dos tipos antropóides; até que finalmente surgiram esqueletos inteiros desses seres, permitindo melhores exames e conclusões.

Primeiramente, surgiram criaturas do tamanho de um homem, que andavam de pé, tinham cérebro pouco desenvolvidos e que foram chamadas Pitecantropos e que viveram entre 550 e 200 mil anos atrás. Em seguida surgiu o Sinantropos, ou Homem de Pekin, de cérebro também muito precário. Mais tarde surgiram tipos, de cérebro mais evoluído que viveram de 150 a 35.000 anos atrás e que foram chamados de Homens de Solo (na Polinésia); de Florisbad (na África); da Rodésia (na África) e o mais generalizado de todos, chamado de Homem de Neandertal (no centro da Europa) e cujos restos em seguida foram também encontrados nos outros continentes.

Como possuíam cérebro bem maior, foram chamados “Homos Sapiens”, conquanto tivessem ainda muitos sinais de deficiências em relação à fala, à associação de idéias e à memória.

E por fim, foram descobertos os tipos já bem desenvolvidos chamados de “Homus Sapiens sapiens”, isto é, “homens verdadeiros”.

Emmanuel, em comunicação dada em 1937, pelo médium Chico Xavier, diz que:

O processo portanto, da evolução anímica se verifica através de vidas cuja multiplicidade não se pode imaginar, nas nossas condições de personalidades relativas, vidas essas que não se circunscrevem ao reino hominal, mas que representam o transunto das várias atividades em todos os reinos da natureza.

Todos aqueles que estudaram os princípios de inteligência dos considerados absolutamente irracionais, grandes benefícios produziram, no objetivo de

esclarecer esses sublimados problemas, do drama infinito do nosso progresso pessoal.

O princípio inteligente, para alcançar as cumiadas da racionalidade, teve de experimentar estágios outros de existências nos planos da vida. E os protozoários são embriões de homens, como o selvagem das regiões ainda incultas são o embrião dos seres angélicos (...)

O macaco, tão carinhosamente estudado por Darwin nas suas cogitações filosóficas e científicas, é um parente próximo das criaturas humanas, falando-se fisicamente, com seus pronunciados laivos de inteligência; mas a promoção do princípio espiritual do animal à racionalidade humana se processa fora da terra, dentro de condições e aspectos que não posso vos descrever, dada a ausência de elementos analógicos para as minhas comparações.

Como vimos anteriormente, este processo de estágio do princípio inteligente nos reinos inferiores é demorado, chegando a levar séculos e milênios para passar de uma fase a outra; sendo ainda necessário que esta “promoção” seja processada em vários planetas, que, como nos afirma Emmanuel, não podemos ainda entender, devido ao primarismo de nossa evolução espiritual.

Quando cessou o trabalho de integração de espíritos animalizados nesses corpos fluídicos e terminaram sua evolução, o planeta se encontrava nos fins de seu terceiro período geológico e já oferecia condições de vida favoráveis para seres humanos encarnados.

Iniciou-se, então, essa encarnação nos homens primitivos, que a tradição esotérica também registrou da seguinte maneira: *espíritos habitando formas mais consistentes, já possuidores de mais lucidez e personalidade*, porém fisicamente ainda fora dos padrões da humanidade atual.

Mas o tempo transcorreu em sua inexorável marcha e o homem, a poder de sofrimentos indizíveis e penosíssimas experiências de toda sorte, conseguiu superar as dificuldades dessa época tormentosa.

Acentuou-se em conseqüência, o progresso da vida humana no orbe, surgindo as primeiras tribos de gerações mais aperfeiçoadas, compostas de homens de porte agigantado, cabeça melhor conformada e mais ereta, braços mais curtos e pernas mais longas, que caminhavam com mais aprumo e segurança e em cujos olhos se vislumbravam mais acentuados lampejos de entendimento.

Eram nômades; mantinham-se em lutas constantes entre si e mais que nunca predominava entre eles a força e a violência, sendo que a lei do mais forte era o que prevalecia.

Todavia formavam sociedades mais estáveis e numerosas, do ponto de vista tribal, sobre as quais denominavam sob o caráter de chefes ou patriarcas, aqueles que fisicamente houvessem conseguido vencer todas as resistências, e afastar toda a concorrência.

Do ponto de vista espiritual ou religioso essas tribos eram absolutamente ignorantes e já de alguma forma fetichistas pois adoravam, por temor ou superstição instintiva, fenômenos que não compreendiam e imagens grotescas representativas tanto de suas próprias paixões e impulsos nativos, como de forças maléficas ou benéficas que ao seu redor se manifestavam perturbadoramente.

A humanidade, nessa ocasião, estava num ponto em que uma ajuda exterior era necessária e urgente, não só para consolidar os poucos e laboriosos passos já palmilhados como, principalmente, para dar-lhe diretrizes mais seguras e mais amplas no sentido evolutivo.

Nunca em época alguma falta o auxílio do alto. A descida de Emissários divinos se fazia necessária para a evolução do homem autóctone.

Veja como Emmanuel, Espírito vinculado ao processo de evangelização do nosso orbe, narra este momento evolutivo:

Há muitos milênios, um dos orbes do Cocheiro, que guarda muitas afinidades com o globo terrestre, atingira a culminância de um dos seus extraordinários ciclos evolutivos(...)

Alguns milhões de Espíritos rebeldes lá existiam, no caminho da evolução geral, dificultando a consolidação das penosas conquistas daqueles povos cheios de piedade e de virtudes(...) ²⁵

E após outras considerações, acrescenta:

As Grandes Comunidades Espirituais, diretoras do Cosmo deliberaram então, localizar aquelas entidades pertinazes no crime, aqui na Terra longínqua(...)

Foi assim que Jesus recebeu, à luz do seu reino de amor e de justiça, aquela turba de seres sofredores e infelizes (...)

Aqueles seres angustiados e aflitos, que deixavam atrás de si todo um mundo de afetos, não obstante os seus corações empedernidos na prática do mal, seriam degredados na face obscura do planeta terrestre; andariam desprezados na noite dos milênios da saudade e da amargura; reencarnariam no seio das raças ignorantes e primitivas, a lembrarem o paraíso perdido nos firmamentos distantes” (*Ver Gênese, 3: 23*)

Por muitos séculos não veriam a suave luz da Capela, mas trabalhariam na Terra acariciados por Jesus e confortados na sua imensa misericórdia.

Com o auxílio desses Espíritos degredados, naquelas eras remotíssimas, as falanges do Cristo operavam ainda as últimas experiências sobre os fluidos renovadores da vida, aperfeiçoando os caracteres biológicos das raças humanas(...) ²⁶

Não é à-toa que alguns milênios depois, o próprio Mestre nos afirmava, *Eu não fui enviado senão às ovelhas perdidas da casa de Israel*, como a definir sua antiga ligação com esta raça, e nos mostrar que só através da vivenciação plena do seu Evangelho, podemos quebrar as algemas que nos conduz a um círculo vicioso na nossa história evolutiva.

²⁵ “A Caminho da Luz”, pág. 34.

²⁶ “A Caminho da Luz”, págs. 35 e 36.

Conclusão

Estagiando em tipos variados na escala ascensional, o ser ingressa nos quadros hominídeos, onde alicerça, em bases de consciência desperta, os padrões intelectivos e morais que lhe assegurem empreender novas escaladas no rumo da angelitude.

Para toda essa caminhada o ser recebe recursos pela ação benfeitora do Plano Maior. Encontra terrenos preparados para o seu aprendizado a caracterizarem-se por mundos constituídos, tal qual ocorre com o reencarnante que é acolhido no lar, só dando valores aos bens que lhe forem proporcionados na infância mais à frente, quando já se capacita a raciocinar e ponderar mais claramente.

A posse da razão acarreta novas providências no processo de orientação dos seres em evolução. Aos embates e obstáculos das reencarnações, agindo de fora para dentro no esforço de despertar inicial, somam-se providências espirituais agora nas áreas da educação.

Atividades artesanais se instauram sob a assistência dos benfeitores espirituais. Durante o sono físico as primeiras lições são levadas a efeito quando a entidade encarnada, desdobrando-se com o seu perispírito, entra em relação com companheiros “instrutores” desencarnados, junto às frentes de trabalho que constituem objeto de suas preocupações durante a faina diária (...).

Das instruções puramente manuais partem os orientadores da humanidade nascente para os indicativos morais, trabalhando os seres primitivos no cultivo das noções de direito, de proteção, de respeito, abrindo leira para o advento, a seu tempo das grandes revelações das leis vigentes no Universo.²⁷

Desta forma, temos como síntese dos pontos fundamentais do processo evolutivo, a seguinte informação:

O ser eterno, emanção divina, transforma-se em “alma vivente”, organizada para executar as obras da própria edificação (...).

No reino mineral, as leis de afinidade são manifestações primaciais do Amor-atração.

No reino vegetal, as árvores oferecem maior coeficiente de produção se colocadas entre companheiras da mesma espécie, porque o Amor-cooperação ajuda-as a produzirem mais e melhor.

Entre os seres irracionais, a ternura, as providências de alimentação e defesa e a própria formação em grupos falam-nos do Amor-solidariedade.

Entre os seres racionais, é o Amor o mais perfeito construtor da felicidade interna, na paz da consciência que se afeiçoa ao Bem.

Nas relações humanas, é o Amor o mais eficaz dissolvente da incompreensão e do ódio.

Entre os astros, famílias de mundos viajando na amplidão cósmica, em obediência às leis da mecânica celeste, indicam-nos outra singular expressão

²⁷ “Temas da Atualidade”, Artigo de Honório Abreu: Evolução.

do Amor; o Amor-equilíbrio, que mantém unidos astros e planetas no fabuloso espetáculo das constelações que cintilam, ofuscantes, na abóbada infinita.²⁸

Temos então o Amor como base da evolução em todos os aspectos. Desde o “Fiat lux” até o grande momento do retorno do ser ao Criador em bases de afinidade, momento em que deixamos de ser filhos de Deus, para sermos “Filhos de Deus”.

²⁸ “O Pensamento de Emmanuel”, pág. 103.

3 – Lei do Progresso

Segundo a teologia, o homem foi criado justo, feliz, e assim poderia ter-se mantido por toda a eternidade. Tentado, porém, por satanás, desobedeceu ao Criador, vindo a sofrer, em consequência desse grave pecado, *a privação da graça, a perda do paraíso, a ignorância, a inclinação para o mal, a morte e toda sorte de misérias do corpo e da alma.*

Em outras palavras, isso quer dizer que o gênero humano teria surgido na Terra perfeito, ou quase, mas depois se degradou.

A Doutrina Espírita, ao contrário, afirma que o progresso é lei natural, cuja ação se faz sentir em **tudo no Universo**, não sendo admissível, por conseguinte, o homem frustrá-la ou contrapor-se-lhe.

Grifamos a expressão “tudo no Universo”, para fixarmos em nosso entendimento que a lei do progresso, sendo uma lei divina, atua em toda a criação, desde o átomo até o anjo.

No capítulo VIII da 3ª parte de “O Livro dos Espíritos”, Allan Kardec estuda esta lei. Faremos a seguir um resumo deste importante capítulo:

A infância da Humanidade é o ponto de partida do desenvolvimento humano. Sendo perfectível, o homem traz em si o gérmen do seu aperfeiçoamento.

O homem não pode retrogradar ao estado inicial, tem ele que progredir incessantemente, não podendo voltar ao estado anterior.

Faz parte da lei, a necessidade daquele que é mais evoluído ajudar ao que se encontra na retaguarda.

O progresso moral vem após o progresso intelectual, porque através deste distinguimos o bem e o mal, podemos escolher o caminho a seguir, e com isso aumentando nossa responsabilidade.

O homem não pode paralisar o progresso, mas pode dificultá-lo, sendo por isso punido pela própria Lei.

Quando um povo insiste em progredir de maneira mais lenta que a esperada, o Criador o sujeita de tempos a tempos, a um abalo físico ou moral que o transforma.

O orgulho e o egoísmo são os maiores obstáculos ao progresso moral do Espírito.

Há dois tipos de progresso: o intelectual e o moral. O primeiro, como já foi dito, antecede ao segundo, apesar de este nem sempre vir imediatamente após aquele. É que a Humanidade insiste em valorizar mais o intelecto, devido ao seu alto grau de imediatismo, mas há de chegar o momento em que eles caminharão lado a lado.

Há um progresso na civilização, embora incompleto, porque sendo o homem ainda imperfeito, tudo o que é criação dele, denota instabilidade.

A civilização completa será uma consequência do desenvolvimento moral da Humanidade, ou seja, só poderemos dizer-nos civilizados, quando tivermos banido de nossa sociedade, os vícios, e quando vivermos como irmãos, praticando a caridade cristã.

Poderia viver o homem regido simplesmente pelas leis naturais, se ele as compreendesse. Como isso nem sempre é possível, cria ele leis humanas que por refletir suas instabilidades, evolui à medida de sua própria evolução.

Destruindo o materialismo, dando ao homem a compreensão da vida futura, fazendo vê-lo esta como um efeito da atual, e revivendo, como consequência deste entendimento, a moral cristã, o Espiritismo pode e contribui em muito com o progresso da Humanidade. Cabendo a nós, espíritas, o dever de ampliar o seu entendimento através da vivenciação do que já conhecemos.

4 – Da Perfeição Moral

A perfeição é a grande meta do Espírito.

Vimos anteriormente que passa ele por várias etapas evolutivas objetivando sempre o progresso, no afã de conquistar este estado que chamamos de perfeição.

Mas qual é a característica do homem que já atingiu este estado?

Allan Kardec, em “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, diz que o *verdadeiro homem de bem é o que cumpre a lei de justiça, de amor e de caridade (...)*,²⁹ e que, quando consulta sua consciência sobre seus atos, vê que fez todo o bem possível, que não se perdeu na ociosidade e que ninguém tem nada a queixar-se dele.

Tem fé em Deus, na vida futura, possuindo em si de uma maneira desenvolvida o sentimento de amor e caridade e sabe que todas as vicissitudes que enfrenta têm um valor significativo na economia da vida, passando-as por isso com resignação.

Enumera o Codificador vários outros valores que dignificam o caráter deste homem, mas deixando claro que muitos outros ele ainda os tem.

Mas como atingir este estado?

Dizem os Espíritos que a prática da virtude em detrimentos dos nossos vícios, é sem dúvida a forma mais rápida de chegarmos lá.

Alertam ainda na questão 894, de “O Livro dos Espíritos”, que há virtude sempre que resistimos ao arrastamento de nossos maus pendores, e continuam: *A mais meritória é a que assenta na mais desinteressada caridade.* (grifo nosso)

E na questão 895 da obra citada, afirmam que a maior característica da imperfeição é o interesse pessoal.

Raciocinando sob estas valiosas informações, temos então que o personalismo é causa atuante da imperfeição, e se quisermos progredir moralmente, temos que bani-lo do nosso convívio.

A respeito das paixões, ainda são os Espíritos que informam que, quanto ao princípio que lhes dá origem, não é maléfica, *o abuso que delas se faz é que causa o mal.*³⁰ Visto assim, deduzimos com o Codificador que, quando dominamos a paixão, ela é útil, quando somos dominados por ela, caímos em excesso e geramos o mal.

Sobre os vícios, o próprio Codificador é quem pergunta: *Dentre os vícios, qual o que se pode considerar radical?* E os Espíritos respondem: *Temo-lo dito muitas vezes: o egoísmo. Daí deriva todo mal. (...)*³¹

Mas como vencê-lo? Sabemos que esta é das uma tarefa mais difíceis, visto ele estar enraizado em nosso psiquismo, mas nos alertam os maiores da espiritualidade que ele é sempre maior quanto maior for a influência das coisas materiais sobre nós, e como consequência a melhor maneira de vencê-lo é o desprendimento dos bens do mundo.

²⁹ “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, pág. 284.

³⁰ “O Livro dos Espíritos”, questão 907.

³¹ “O Livro dos Espíritos”, questão 913

E respondendo ainda àquela pergunta de como atingirmos o estado da perfeição, Santo Agostinho nos faz lembrar a famosa frase de Sócrates: *Conhece-te a ti mesmo*,³² a que nós completamos com a de Jesus:

Conhecereis a Verdade, e a Verdade vos libertará. (*João, 8: 32*)

³² “O Livro dos Espíritos”, questão 919.

Módulo VII

Livre-arbítrio e Lei de Causa e Efeito

1 – Livre-arbítrio e Lei de Liberdade

Livre-arbítrio

Atingido o patamar evolutivo, que permite ao Espírito integrar-se ao reino humano, conquista ele a faculdade do livre-arbítrio, ou seja, passa a ter a liberdade de escolha, e torna-se, a partir de então, artífice do seu próprio destino.

Como conseqüência natural do poder escolher, temos a responsabilidade pela escolha como característica básica deste momento evolutivo. Por isso, essa faculdade só pode ser conquistada pelo ser pensante no momento em que ele se acha maduro para tal.

O livre-arbítrio é sempre proporcional à condição evolutiva do ser. Nos primeiros momentos de humanidade, o Espírito quase não o tem. Está mais sujeito ao determinismo, porque não tem conhecimento nem experiência para avaliar melhor sua escolha. É como aquela criança a quem não permitimos realizar determinadas ações, por ela não conhecer ainda os perigos que corre.

Nesta fase, o Criador, em sua infinita misericórdia, permite que Espíritos mais elevados tracem-lhe o caminho a seguir, como forma de suprir-lhe a falta de experiência.

O Espírito de média evolução tem menos restrita esta faculdade. É como o jovem, que após passar pela disciplina necessária do momento infantil, tem mais possibilidades de decisão.

O Espírito evoluído é como o homem maduro em que as provações e os corretivos já formaram sua personalidade, e como conseqüência sua liberdade é maior.

Um dia, no curso dos milênios, o nosso livre-arbítrio se harmonizará plenamente com a verdade total, com as deliberações superiores. Nesse dia sabremos executar, com fidelidade, o pensamento do Cristo, Mestre e Senhor Nosso.³³

E aí repetiremos com Ele:

“A minha comida é fazer a vontade daquele que me enviou, e realizar sua obra.” (João, 4: 34)

Lei de Liberdade

A liberdade é condição básica para que o Espírito se realize. Deus o criou de tal forma que, por natureza, ele busque sempre se libertar, mesmo que de forma inconsciente.

³³ “Estudando o Evangelho”, cap. 30.

Essa liberdade, porém, não é absoluta, porque a necessidade que tem ele de viver em sociedade, o condiciona a respeitar determinadas normas, porque este direito é dado também a cada um de seus semelhantes.

Com isto não queremos dizer que há a necessidade de uma pessoa se sujeitar à outra por completo, isto seria contrário à lei de Deus.

A escravidão, tenha ela qualquer codinome, é e sempre foi amoral, por isso a necessidade do entendimento da verdade cristã: *E conhecereis a verdade e a verdade vos libertará*, para que não escravizemos ninguém e nem sejamos escravos de nossas próprias imperfeições.

Muitas vezes a desigualdade das aptidões tem sido desculpa para o domínio dos fracos, isto porque esquecemos a Caridade Cristã, que nos define como dever, auxiliar o nosso semelhante naquilo que temos possibilidade, conforme sua necessidade.

São os Espíritos quem dizem:

É contrária à lei de Deus toda sujeição absoluta de um homem a outro homem (...) ³⁴

Portanto temos que a liberdade legítima, decorre da legítima responsabilidade, não podendo triunfar sem esta.

Liberdade de Pensar - Só no pensamento, goza o homem de total liberdade.

A espontaneidade e a criatividade, como fatores espirituais que são, devem sempre estar presentes no pensamento da criatura. É por aí que o Espírito se identifica, evitando que a criatura se robotize, apenas repetindo em circuito fechado o que lhe imprimem, através dos modernos meios de massificação. Como consequência, a criatura é sempre responsável pelos seus pensamentos, e pela faixa mental em que se encontra.

Liberdade de Consciência - Por ser a liberdade de consciência corolário da liberdade de pensar, é um dos caracteres da verdadeira civilização e do progresso.

Assim como os homens, pelas suas leis, regulam as relações de homem para homem, Deus, pelas leis da natureza, regula as relações entre ele e o homem. ³⁵

De acordo com a questão 621 de “O Livro dos Espíritos”, a Lei de Deus está gravada na consciência de cada um. Desta forma, identificamos o porquê da liberdade de consciência, e da sua progressividade à medida que a realizamos em nós.

Fatalidade e Destino - Segundo a codificação Espírita, fatalidade só pode ser entendida como um componente da lei de liberdade, isto é, quando tomamos uma certa atitude, determinamos uma consequência, que será boa ou má, de acordo com o conteúdo da ação. ³⁶

Para elucidar melhor, colhemos as seguintes considerações de André Luiz:

Ninguém nasce destinado ao mal, porque semelhante disposição derrogaria os fundamentos do Bem Eterno sobre os quais se levanta a Obra de Deus.

³⁴ “O Livro dos Espíritos”, questão 829.

³⁵ “O Livro dos Espíritos”, questão 836.

³⁶ “O Livro dos Espíritos”, questão 851.

O Espírito renascente no berço terrestre traz consigo a provação expiatória a que deve ser conduzido ou a tarefa redentora que ele próprio escolheu de conformidade com os débitos contraídos.

(...)Desse modo, ninguém recebe do Plano Superior a determinação de ser relapso ou vicioso, madraço ou delinqüente(...). Padecemos, sim, nesse ou naquele setor da vida, durante a recapitulação de nossas próprias experiências, o impulso de enveredar por esse ou aquele caminho menos digno, mas isso constitui a influência de nosso passado em nós, instilando-nos a tentação, originariamente toda nossa, de tornar a ser o que já fomos, em contraposição ao que devemos ser.³⁷

A esse mecanismo denominamos “Lei de Causa e Efeito”, e estudaremos suas particularidades, a seguir.

³⁷ “Evolução em Dois Mundos”, 2ª parte, cap XVIII.

2 – Lei de Causa e Efeito

Isaac Newton foi, sem dúvida, um dos maiores expoentes do mundo científico: grande matemático, exímio físico e destacado astrônomo, revolucionou sua época com inúmeras descobertas. Em uma delas, denominada a terceira lei de Newton, diz o seguinte: *a toda ação corresponde uma reação, de igual intensidade e de sentido contrário.*

No campo físico, podemos comprová-la inúmeras vezes. Só para exemplificar, vejamos:

O empuxo fornecido pelos motores a jato, nada mais é do que a reação dos gases que são expelidos em alta velocidade (ação). Observemos nesse exemplo os sentidos das duas forças, ação e reação, sempre contrárias.

Quando o esportista praticante do “tiro ao alvo” experimenta o “coice” ao dar um tiro, aí identificamos igualmente a lei de ação e reação.

No campo espiritual, essa lei determina o equilíbrio de toda a criação.

Deus é amor, não existe nada fora de Deus, portanto deduzimos que não existe nada fora do amor. O que é contrário à lei de Deus, na realidade não existe de forma absoluta; podemos afirmar que o seu existir tem caráter simplesmente transitório.

Ao atuarmos de acordo com a lei do Criador, entramos em Seu campo vibratório, e passamos a desfrutar da nossa herança, que é a vida em toda sua plenitude. *Eu vim para que tenham vida...* nos disse Jesus, e complementa: *...e a tenham com abundância.* (João, 10: 10)

Quando com nossas ações contrariamos a lei, na realidade não desequilibramos nada a não ser nós mesmos. Vejamos que as criaturas vivem em desequilíbrio, mas apesar de tudo, o mesmo não acontece com a Criação, que é sempre equilibrada. Isto é devido à atuação da lei de causa e efeito, que age na intimidade da criatura.

Ao escolher, o homem, fazendo uso de seu livre-arbítrio, o caminho do erro, determina em si uma ação de igual intensidade e em direção contrária, que anula no mesmo instante o desequilíbrio no geral, ficando somente a anomalia em sua própria intimidade, até que pela lei do retorno volte ele ao equilíbrio refazendo o caminho percorrido em sentido contrário, e entrando novamente no campo de ação determinado pelo Amor.

Esse voltar à lei, pode ser mais ou menos rápido, de acordo com a conscientização da criatura, e a sua vontade de corrigir o erro. Assim temos Espíritos que se arrependem rapidamente, e consertam o passo; outros insistem na rebeldia, e vão gerando erros em cima de erros, demorando séculos e mais séculos no resgate dos mesmos.

Segundo André Luiz, o centro coronário, atuando como um diretor em relação aos outros, é o órgão responsável pela implementação desta lei no Espírito:

(...) Dele parte, desse modo, a corrente de energia vitalizante formada de estímulos espirituais com ação difusível sobre a matéria mental que o envolve, transmitindo aos demais centros da alma os reflexos vivos de nossos sentimentos, idéias e ações, tanto quanto esses mesmos centros, interdependentes entre si, imprimem semelhantes reflexos nos órgãos e demais implementos de nossa

constituição particular, plasmando em nós próprios os efeitos agradáveis ou desagradáveis de nossa influência e conduta.

A mente elabora as criações que lhe fluem da vontade, apropriando-se dos elementos que a circundam, e o centro coronário incumbe-se automaticamente de fixar a natureza da responsabilidade que lhes diga respeito, marcando no próprio ser as conseqüências felizes ou infelizes de sua movimentação consciencial no campo do destino.³⁸

Como se vê, o homem só é verdadeiramente livre antes de pensar ou de agir, porque a partir do instante em que já emitiu uma ação em determinada direção, fica condicionado a um retorno, que mais cedo ou mais tarde se manifestará.

A lei de causa e efeito tem por objetivo o bem da criatura. Ela não tem, como muitos pensam, um caráter punitivo, mas sim uma ação educadora, no sentido de fazer o ser reconhecer o seu erro, e indicar-lhe o caminho mais curto do acerto. Quando o apóstolo Pedro, diz em sua epístola: *O amor cobre a multidão de pecados* (I Pedro, 4:8), quer nos ensinar que não é preciso sofrer para resgatarmos uma “dívida”, mas através da vivenciação do amor, podemos atingir o mesmo alvo de uma forma mais ampla e sem dor. Isto porque, como já dissemos, o objetivo da lei de causa e efeito, não é punir. Se pela vivenciação dos ensinamentos cristãos, o ser se redime, então não é preciso sofrer.

Vimos então que a ação da lei, do ponto de vista espiritual, não tem uma forma absoluta de se manifestar. Pode o homem pelo seu livre-arbítrio acrescentar novas forças no sentido de abrandá-la ou de agravá-la.

Para melhor entendimento do assunto, sugerimos a análise de dois casos em que esta lei atua.

O primeiro fala sobre a possibilidade de abrandamento da lei, quando o elemento “amor” atua.

Saturnino Pereira sofre um acidente na fábrica onde trabalha, vindo a perder o polegar direito. Seus colegas e amigos comentam a injustiça da ocorrência, dada a grande dedicação de Saturnino ao bem de todos. Comparecendo à reunião mediúnica em que colabora regularmente, um benfeitor espiritual espontaneamente lhe esclarece que, em existência anterior, foi poderoso sitiante que, num momento de crueldade, puniu barbaramente um pobre escravo, moendo-lhe o braço direito no engenho. Com o despertar de sua consciência, atroztes remorsos torturam-no no além túmulo. Deliberou então impor-se rigoroso aprendizado, programando um acidente para futura encarnação, na qual perderia o braço. No entanto, sua renovação para o bem, testemunhada por suas ações, possibilitou que o acidente apenas lhe ocasionasse a perda de um dedo.³⁹

No segundo, vemos a lei atuando de maneira mais rigorosa:

André Luiz estudava, junto de amigos no plano espiritual, o caso de Laudemira, uma irmã que padecia muitas dificuldades no instante de dar à luz um filho muito importante para o seu processo evolutivo.

³⁸ “Evolução em Dois Mundos”, 1ª parte, cap. II.

³⁹ “A vida Escreve”, cap XX.

Envolta que estava por fluidos anestésicos que lhe eram desfechos por perseguidores do plano invisível, durante o sono, tinha a vida uterina prejudicada por extrema apatia. Como consequência, talvez fosse necessária a intervenção cirúrgica. Mas a cesariana neste caso não seria aconselhável, porque a prejudicaria no sentido de outras gravidezes que se faziam necessárias.

Imbuídos que estavam de estudar os mecanismos da lei de causa e efeito, foi permitido a eles informação sobre o passado de nossa irmã, conforme veremos a seguir:

(...) As penas de Laudemira, na atualidade, resultam de pesados débitos por ela contraídos, há pouco mais de cinco séculos. Dama de elevada situação hierárquica na corte de Joana II, Rainha de Nápoles, de 1414 a 1435, possuía dois irmãos que lhe apoiavam todos os planos loucos de vaidade e domínio. Casou-se, mas sentindo na presença do marido um entrave ao desdobramento das levandades que lhe marcavam o caráter, acabou constringendo-o a enfrentar o punhal dos favoritos, arrastando-o para a morte. Viúva e dona de bens consideráveis, cresceu em prestígio, por haver favorecido o casamento da rainha, então viúva de Guilherme, Duque da Áustria, com Jaime de Bourbon, Conde de la Marche. Desde aí, mais intimamente associada às aventuras de sua soberana, confiou-se a prazeres e dissipações, nos quais perturbou a conduta de muitos homens de bem, e arruinou as construções domésticas, elevadas e dignas, de várias mulheres do seu tempo. Menosprezou sagradas oportunidades de educação e beneficência que lhe foram concedidas pela Bondade Celeste, aproveitando-se da nobreza precária para desvairar-se na irreflexão e no crime. Foi assim que ao desencarnar, no fastígio da opulência material nos meados do século XV, desceu a medonhas profundezas infernais, onde padeceu o assédio de ferozes inimigos que não lhe perdoaram os delitos e deserções. Sofreu por mais de cem anos consecutivos nas trevas densas, conservando a mente parada nas ilusões que lhe eram próprias, voltando à carne por quatro vezes sucessivas, por intercessão de amigos do Plano Superior, em cruciantes problemas expiatórios, no decurso dos quais, na condição de mulher, embora abraçando novos compromissos, experimentou pavorosos vexames e humilhações da parte dos homens sem escrúpulos que lhe asfixiavam todos os sonhos (...)⁴⁰

Hilário, amigo de André nesses estudos, perguntou ao instrutor, se de cada vez que se retirava da carne, nessas quatro existências, Laudemira continuava ligada às sombras. Ele responde que sim:

“Ela naturalmente entrava pela porta do túmulo e saía pela porta do berço, transportando consigo desajustes interiores que não podia sanar de momento para outro.”

E continua:

“... Nossa irmã, com o amparo de abnegados companheiros, voltou ao pagamento parcelado das suas dívidas...”

Silas, o instrutor de nossos amigos na espiritualidade, informa ainda que estava previsto para ela receber nesta encarnação outros filhos:

⁴⁰ “Ação e Reação”, cap. 10.

“... Deve agora receber cinco de seus antigos cúmplices na queda moral, para reergue-lhes os sentimentos, na direção da luz, em abençoado e longo sacerdócio materno.” E complementa “Do seu êxito no presente, dependerão as facilidades que espera recolher do futuro, para a liberação definitiva das sombras que ainda ofuscam o Espírito, pois, se conseguir formar cinco almas na escola do bem, terá conquistado enorme prêmio, diante da Lei amorosa e justa.”

Concluindo então, temos que a lei de causa e efeito é um artifício da Misericórdia Divina para nos fazer retornar às origens, ou seja, ao Amor.

3 – Influência do Meio e Livre-arbítrio

É preocupação de todos os tempos, a questão da influência do meio na formação do caráter do homem. Filósofos chegaram a afirmar ser o homem produto do meio. O Espiritismo, em seu caráter filosófico, também tem neste questionamento muita contribuição para dar, e ainda vai além, porque estuda não só a influência do meio, mas também do organismo, na formação do Espírito.

São os próprios Espíritos quem nos afirmam:

É inegável que sobre o Espírito exerce influência a matéria (...). Daí vem que, nos mundos onde os corpos são menos materiais do que na Terra, as faculdades se desdobram mais livremente. Porém, o instrumento não dá a faculdade (...) Tendo o homem instinto do assassinio, seu próprio Espírito é, indubitavelmente, quem possui esse instinto e quem lho dá; não são seus órgãos que lho dão.⁴¹

A matéria é apenas o envoltório do Espírito, como o vestuário o é do corpo. Unindo-se a este, o Espírito conserva os atributos da natureza espiritual.⁴²

Com isso temos que realmente tanto a matéria como o meio podem dificultar ou auxiliar no desenvolvimento espiritual, mas jamais determinar a situação de queda ou de elevação.

Tanto o meio como o corpo são atributos conquistados pela própria evolução espiritual. Na verdade, é o Espírito quem determina, pelas suas vinculações, o corpo ou o meio em que irá renascer. Se fosse impossível subtrair-lhe a sua influência, como conseguiria ele o progresso?

Temos também o caso em que o corpo ajuda ao Espírito, porque o esconde de seus inimigos. É comum vermos histórias de Espíritos que retornaram ao corpo físico como forma de esconder de seus obsessores. Outras vezes o corpo nos livra de situações embaraçosas da lei de atração: no estado de vigília superamos determinada tendência, mas quando no estado de desprendimento do perispírito, através do sono, nos achamos diante desta mesma tendência, não conseguimos nos livrar de sua influência. Neste caso, o corpo funciona como defesa.

O livre-arbítrio é sempre o que fala mais alto. Sem ele, qual o mérito ou demérito do ser em processo de evolução?

O que o homem procura é justificar seus erros através da má interpretação do texto evangélico, quando Jesus nos afirma: *Na verdade o Espírito está pronto, mas a carne é fraca* (Mateus, 26: 41). O que Jesus quis dizer é que temos que nos vigiar, porque todas as vezes que nos deixamos levar pelos interesses imediatistas (da carne), entramos em processo de queda, ou seja, fraquejamos.

Segundo a doutrina vulgar, de si mesmo tiraria o homem todos os seus instintos, que, então proviriam, ou da sua organização física, pela qual nenhuma responsabilidade lhe toca, ou da sua própria natureza, caso em que lícito lhe fora procurar desculpar-se consigo mesmo, dizendo não lhe pertencer a

⁴¹ “O Livro dos Espíritos”, questão 846.

⁴² “O Livro dos Espíritos”, questão 367.

culpa de ser feito como é. Muito mais moral se mostra, indiscutivelmente, a Doutrina Espírita. Ela admite no homem o livre-arbítrio em toda a sua plenitude e, se lhe diz que, praticando o mal, ele cede a uma sugestão estranha e má, em nada lhe diminui a responsabilidade (...) Assim de acordo com a Doutrina Espírita, não há arrastamento irresistível: o homem pode sempre cerrar ouvidos à voz oculta que lhe fala no íntimo, induzindo-o ao mal (...) ⁴³

Para melhor entendimento do mecanismo de vigilância, que se faz necessário para o bom desenvolvimento do nosso evoluir, sugerimos o estudo do capítulos I e II do livro *Pensamento e Vida* do nosso bondoso Espírito Emmanuel.

Ele mostra a questão nos seguintes moldes:

O reflexo esboça a emotividade.

A emotividade plasma a idéia.

A idéia determina a atitude e a palavra que comanda as ações. ⁴⁴

No capítulo seguinte temos:

Comparando a mente humana a um grande escritório, subdividido em diversas seções de serviço, temos aí o departamento do Desejo, em que operam os propósitos e as aspirações. ⁴⁵

Relacionando o ensinamento deste capítulo com o anterior, temos o desejo como gerador da idéia (pensamento), sendo esta a determinadora da ação.

Assim temos:

DESEJO » PENSAMENTO » AÇÃO

Portanto, moralizemos nosso desejo, e moralizaremos nossas ações.

Mas como moralizar nossos desejos, se eles são frutos da nossa longa experiência reencarnatória?

Segundo Emmanuel, neste mesmo capítulo, temos na mente os departamentos do desejo, da inteligência, da imaginação, da memória, mas “acima de todos eles, porém, surge o Gabinete da Vontade”.

E prossegue:

A Vontade é a gerência esclarecida e vigilante, governando todos os setores da ação mental (...)

(...) A eletricidade é energia dinâmica.

O magnetismo é energia estática.

O pensamento é força eletromagnética.

Pensamento, eletricidade e magnetismo conjugam-se em todas as manifestações da Vida Universal, criando gravitação e afinidade, assimilação e desassimilação, nos campos múltiplos da forma que servem à romagem do espírito para as Metas Supremas, traçadas pelo Plano Divino.

⁴³ “O Livro dos Espíritos” questão 872.

⁴⁴ “Pensamento e Vida” cap. I.

⁴⁵ “Idem, cap. II.

A vontade, contudo, é o impacto determinante.

Nela dispomos do botão poderoso que decide o movimento ou a inércia da máquina.

Portanto, podemos dizer que o Espírito é forte o suficiente para vencer as dificuldades impostas pelo meio, e pelo organismo. Para isso basta usar a força chamada **Vontade**.

4 – Tudo me é lícito, mas nem tudo edifica

É muito comum no meio espírita a pergunta: O Espiritismo proíbe “isso”? e “aquilo”? Será que podemos fazer esta “coisa”?

Para respondê-la, lembramos da instrução do apóstolo Paulo, em sua 1ª epístola aos Coríntios:

Todas as coisas me são lícitas, mas nem todas as coisas convêm; todas as coisas me são lícitas, mas nem todas as coisas edificam. (I Coríntios, 10: 23)

Ao analisar esta proposição formulada pelo “Apóstolo dos Gentios”, devemos nos situar no significado da palavra lícito.

Segundo o dicionário Aurélio, “lícito” é tudo que é conforme a lei, tudo que é legal.

Normalmente, quando fazemos ou tentamos responder esta pergunta, não estamos preocupados com as coisas humanas. Estas nós sabemos como conduzir. A preocupação normalmente é com as questões espirituais. Com isso entendemos que esta pergunta deveria ser formulada assim: De acordo com as leis divinas podemos fazer isto? E aquilo?

E a resposta seria: É lícito perante as leis divinas? Se a resposta for afirmativa, então, é; de outro modo, não.

Essa forma de pensar parece que contradiz a afirmativa de Paulo, porque ele diz que todas as coisas são lícitas. No nosso ponto de vista Paulo não pensava na lei divina ao usar a palavra lícita, mas pensou ao dizer: “mas nem todas as coisas convêm”, “nem todas as coisas edificam”. E tudo isso é bastante coerente com outro ensinamento de sua autoria:

Aquele que não conhece a lei, tudo o que ele faz é lei, mas o que conhece e não a pratica, é punido pela própria lei.

Sabemos que a lei divina é revelada aos homens à medida de sua condição evolutiva, isto nos leva a raciocinar que de acordo com a condição evolutiva da criatura é que ela vai analisar o que é justo ou não.

A Doutrina Espírita não proíbe nada, um dos seus princípios básicos é o “livre-arbítrio” (todas as coisas são lícitas), assim sendo ela não é proibitiva, mas é educativa, no sentido de mostrar a verdade, e ensinar o caminho para conseguí-la (mas nem todas as coisas edificam).

O apóstolo, com este seu ensinamento, mostra sua capacidade de síntese e consegue fechar todo o tema que ora estudamos: “Livre-arbítrio e Causa e Efeito”. Com a afirmação de que “tudo me é lícito”, ele mostra o livre-arbítrio, mas é taxativo ao afirmar: “nem todas as coisas edificam”, ou seja, nem todas as coisas nos conduzem para o caminho do Senhor, e é aí que a lei de causa e efeito atua de maneira a fazer voltar o ser à direção correta.

Outra coisa a ser analisada é qual o nosso objetivo diante da vida. Ela nos oferece muitos prazeres de caráter transitório, mas se o nosso objetivo maior é a nossa evolução espiritual, temos que buscar algo mais duradouro: *o tesouro que o ladrão não rouba, nem a traça corrói.*

Quando Jesus conversava com as irmãs de Lázaro, deixou um grande ensinamento:

“Marta, Marta, estás ansiosa e afadigada com muitas coisas, mas uma só é necessária; e Maria escolheu a melhor parte, a qual não lhe será tirada.”

Portanto quando estivermos em dúvida sobre qual o caminho a seguir, usemos o nosso discernimento, e busquemos pensar se não estamos trocando:

O divino, pelo humano

O transcendente, pelo rotineiro

O que redime, pelo que cristaliza

O espiritual, pelo material

Os prazeres do Céu, pelas alegrias da Terra ⁴⁶

E lembremos sempre o que Ele, que é o Mestre dos mestres nos disse:

“Eu sou o caminho, a verdade e a vida. Ninguém vem ao Pai, senão por mim.” (João, 14: 6)

⁴⁶ “Estudando o Evangelho”, cap. 48.

Módulo VIII

Reencarnação

1 – Conceito e visão de outras Doutrinas Espiritualistas

Reencarnar quer dizer encarnar outra vez, ou seja, tomar de novo um corpo de carne.

Só pode aceitar a reencarnação quem aceita a existência do Espírito e a vida futura, porque aquele que duvida de uma destas duas afirmativas, não pode jamais aceitar a volta do Espírito a um outro corpo de carne. Logo para tratarmos deste assunto, pressuporemos que todos com quem estamos tratando, sejam defensores destas duas idéias.

Usa-se também o termo palingenesia para designar tal fato. Esta palavra é etimologicamente originária do grego: palin = de novo, e gênese = geração; ou seja, nascer de novo.

A reencarnação é assunto tão antigo, que vários povos já a tinham como realidade, não só nos setores religiosos, mas também nos da Filosofia.

Podemos seguramente afirmar que a história da reencarnação se confunde com a própria história da evolução do pensamento religioso.

Na Índia, desde remotíssima antigüidade, de que nos dão notícias os Vedas e o Bhagavad-Gitâ, o conhecimento da reencarnação era sobejamente divulgado através dos cantos imortais da formação moral e cultural do homem.⁴⁷

O Bramanismo e o Budismo nela se inspiraram.

Encontramos no Mazdeísmo, antiga religião Persa, o Espírito encontrando a bem aventurança final, não sem ter antes passado por uma purificação progressiva através de provas expiatórias.

No Egito, a doutrina das transmigrações também era conhecida. Ao nascer, o egípcio era representado por duas figuras, uma era a sua personalidade e a outra seu duplo. Durante a vigília, as duas se confundem, mas durante o sono, ao passo que uma descansa, a outra se lança no mundo dos sonhos.

Na cultura grega, foi Pitágoras quem a introduziu após suas viagens realizadas junto aos egípcios e persas. Vamos encontrá-la ainda nos poemas órficos, em Sócrates, Platão, Empédocles etc.. Ela é afirmada com clareza no último livro da “República”, em “Fedra”, em “Timeu” e em “Fédon”.

É certo que os vivos nascem dos mortos e que as almas dos mortos tornam a nascer. (Fedra).

Alma é mais velha que o corpo. As almas renascem incessantemente do Hades para tornarem à vida atual. (Fédon)

Sófocles como Aristófonos também adotaram a mesma crença.

⁴⁷ “Estudos Espíritas”, cap. 8.

Virgílio, Ovídio e Cícero, pensadores romanos, infiltraram-na em suas lições. Virgílio, na *Eneida*, assevera que a alma, mergulhando no Letes, perde a lembrança das suas existências passadas.

Os druídas apoiavam toda a sua filosofia na justiça palingenésica.

A reencarnação fazia parte dos dogmas dos judeus, sob o nome de ressurreição. A Bíblia dá reiteradas confirmações disto. Somente os Saduceus, que eram os materialistas da época, não criam nela. Mas as idéias dos judeus sob este ponto não eram muito claras. Acreditavam eles que o homem que vivera, podia renascer, mas não sabiam precisar como.

Os primeiros padres da Igreja, como Orígenes e S. Clemente de Alexandria, eram adeptos da idéia reencarnacionista. S. Gregório de Nysse chega a afirmar que há necessidade natural para a alma imortal de ser curada e purificada e que, se ela não o foi em sua vida terrestre, a cura se opera pelas vidas futuras e subseqüentes. Todavia, a Igreja não podia conciliar seus dogmas e artigos de fé, armas imprescindíveis que eram para o poder desta instituição, com a justiça da doutrina reencarnacionista.

Assim sendo, no Concílio de Constantinopla em 553, os maioraes da Igreja tiraram definitivamente a idéia da reencarnação, toda aceita entre os primeiros Cristãos, de seu corpo doutrinário.

Com isto, o que a Igreja fez foi afastar ainda mais os homens de bom senso do Criador, porque ao invés de uma doutrina simples e clara a respeito da imortalidade da alma e da vida futura, edificou todo um complexo conjunto de dogmas, lançando o homem na obscuridade e no completo desconhecimento de seu destino.

Desta forma, a reencarnação desaparece temporariamente das cogitações filosóficas ocidentais, ainda que alguns pensadores medievais tenham tido o atrevimento de entregar-se aos estudos destes conceitos. O que lhes valeram pela intolerância e ignorância religiosa, muitas vezes, a perda da própria vida.

Apesar da idéia reencarnacionista, como vimos ser de todos os tempos, foi só nos meados do século XIX, com a Codificação Espírita, que tal doutrina recebeu uma explicação lógica e um inegável bom senso. A partir dos estudos dos pioneiros do Espiritismo, pudemos entender melhor sua fundamentação, sua justiça, seu mecanismo, e a comprovação bíblica deste misericordioso artigo da Grande Lei.

2 – Justiça da Reencarnação

Em que se fundamenta?

Segundo os Espíritos codificadores, na resposta da questão 171 de “O Livro dos Espíritos”, a doutrina reencarnacionista se fundamenta na própria Justiça Divina.

Na análise do conteúdo desta resposta, verificamos que se não fosse a oportunidade reencarnatória, Deus estaria privado de um de seus atributos: a justiça, e conseqüentemente já não seria Deus.

Para facilitar o nosso raciocínio, citamos a seguir um texto em que Kardec disserta sobre a lógica da pluralidade das existências:

Se não há reencarnação, só há, evidentemente, uma existência corporal. Se a nossa atual existência corpórea é única, a alma de cada homem foi criada por ocasião do seu nascimento, a menos que se admita a anterioridade da alma, caso em que caberia perguntar o que era ela antes do nascimento, e se o estado em que se achava não constituía uma existência sob forma qualquer. Não há meio termo: ou a alma existia, ou não existia antes do corpo. Se existia, qual a sua situação? Tinha ou não consciência de si mesma? Se não a tinha, é quase como se não existisse. Se tinha individualidade, era progressiva ou estacionária? Num e noutro caso, a que grau chegara ao tomar o corpo? Admitindo, de acordo com a crença vulgar, que a alma nasce com o corpo, ou, o que vem a ser o mesmo, que antes de encarnar, só dispõe de faculdades negativas perguntamos:

1º) Porque mostra a alma aptidões tão diversas e independentes das idéias que a educação lhe fez adquirir?

2º) Onde vem a aptidão extranormal que muitas crianças em tenra idade revelam, para esta ou aquela arte, para esta ou aquela ciência, enquanto outras se conservam inferiores ou medíocres durante a vida toda?

3º) Onde, em uns, as idéias inatas ou intuitivas, que noutros não existem?

4º) Onde em certas crianças, o instinto precoce que revelam para os vícios ou para as virtudes, os sentimentos inatos de dignidade ou baixaza, contrastando com o meio em que elas nasceram?

5º) Por que abstraindo-se da educação, uns homens são mais adiantados do que outros?

6º) Por que há selvagens e homens civilizados? Se tomardes de um menino hotentote recém-nascido e o educardes nos nossos melhores liceus, fareis dele algum dia um Laplace ou um Newton? (...) ⁴⁸

Através deste raciocínio kardequiano, vimos acima de tudo que a reencarnação é fundamentada na justiça divina, e que assenta na mais perfeita lógica e no maior bom senso.

⁴⁸ “O Livro dos Espíritos”, questão 222.

Provas da Reencarnação

Mas que provas podemos ter da reencarnação, além destas explícitas neste raciocínio?

Podemos dividir estas provas em duas categorias: provas filosóficas e provas experimentais.

a) Filosóficas

Como entender a justiça divina, sem aceitar o princípio reencarnatório? Por que nascem uns pobres e outros ricos? Uns desfrutam da maior saúde, outros lutam a vida toda com várias doenças. Há os que vivem muitos anos, e os que vivem poucos meses ou dias. E como a justiça divina irá julgar estes que não tiveram tempo para serem nem bons nem maus. Irão para o céu ou para o suplício eterno?

Há também a questão do progresso. Por que a humanidade de hoje é mais adiantada intelectual e cientificamente do que a passada? Poderão dizer que a sociedade é que faz o homem assim. Mas como explicar a diferença brutal que existia entre a capacidade de um homem primitivo e a do homem atual, se ambos fossem criados no instante do nascimento, e suas conquistas para nada servissem?

Nos dêem explicações melhores para estes e outros questionamentos e abandonaremos nossas certezas reencarnatórias.

b) Experimentais

Entre as provas experimentais, podemos citar a fenomenologia mediúmica com todas as suas nuances. A comunicação dos Espíritos por si só prova a imortalidade da alma e, conseqüentemente, a possibilidade reencarnatória, mas é o conteúdo destas comunicações que nos dizem da certeza desta doutrina.

Temos ainda o aspecto relacionado com a regressão da memória, hoje bastante difundido nos meios cientificistas e não espíritas. A partir desta possibilidade vemos a incursão do ser em muitos momentos de suas existências pregressas.

E para finalizar as questões das provas, podemos ainda falar das lembranças de outras vidas, faculdade bastante rara, mas que já aconteceu com muitas pessoas.

Sobre este assunto indicamos a leitura do livro *A Reencarnação* de Gabriel Delanne, do qual tiramos, para ilustração, a narrativa abaixo, dentre tantas outras existentes nesta obra:

Há cinqüenta anos, duas crianças nasceram em uma aldeia chamada Okshitgon, um rapaz e uma menina. Vieram ao mundo no mesmo dia, em casas vizinhas, cresceram juntos, brincaram juntos, amaram-se.

Casaram-se e fizeram uma família (...)

A morte os levou no mesmo dia; enterraram-nos fora da aldeia, depois os esqueceram (...)

Nesse ano, após a tomada de Mandalay, a Birmânia inteira sublevou-se (...) Tristes tempos para os homens pacíficos, e muitos, fugindo de suas habitações, refugiavam-se nos lugares mais habitados (...)

Okshitgon estava nos centros de um dos distritos mais castigados; grande número de seus habitantes fugiram, e entre eles um homem chamado Maung Kan e sua jovem mulher. Eles se estabeleceram em Kabyn. Tiveram dois filhos gêmeos, nascidos em Okshitgon, pouco antes de abandonarem o lar. O mais velho chamava-se Maung-Gyi, isto é, Rapaz Grande. As crianças cresceram em Kabu e começaram logo a falar. Seus pais notaram com espanto que, durante os brinquedos, chamavam-se, não Maung-Gyi e Maung-Ngé, mas Maung San Nyein e Ma-Gyroin; este último é nome de mulher; Maung Kan e a esposa lembraram que assim se chamavam os cônjuges falecidos em Okshitgon, na época em que as crianças nasceram.

Eles pensavam, pois, que as almas daqueles defuntos haviam entrado no corpo dos filhos, e os levaram a Okshitgon, para os experimentar. As crianças conheceram toda Okshitgon, estradas, e casas e pessoas; chegaram a reconhecer as roupas que vestiam na vida anterior.

Não havia dúvidas. Um deles, o mais moço, lembrou-se de ter tomado emprestado duas rupias a um certo Ma-Thet, sem que seu marido o soubesse, quando era Ma-Gyroin, e essa dívida não fora saldada. Ma-Thet vivia ainda. Interrogaram-no e ele se lembrava, com efeito, de haver emprestado esse dinheiro. (...)

(...) O menino mais velho (...) é um bom burguês, gordo rechonchudo, mas o gêmeo cadete é menos forte e tem uma curiosa expressão sonhadora. Contaram-me muitas coisas da vida passada. Disseram que, depois da morte, viveram, algum tempo, sem corpo nenhum, errando no espaço, ocultando-se nas árvores, e isso por causa dos pecados; e, alguns meses depois, nasceram gêmeos (...) ⁴⁹

Objetivo da Reencarnação

Já sabemos que o Espírito reencarna, e que a reencarnação se fundamenta na Justiça Divina. Mas por que o Espírito reencarna? Com que fim?

Allan Kardec também perguntou isto aos Espíritos. Porém, pela sua capacidade didática, fez duas perguntas:

132 – Qual o objetivo da encarnação?

“Deus lhes impõe a encarnação com o fim de fazê-los chegar à perfeição. Para uns é expiação; para outros missão.” ⁵⁰

167 – Qual o fim objetivado com a reencarnação?

“Expiação, melhoramento progressivo da humanidade. Sem isto, onde a justiça?” ⁵¹

Analisando o conteúdo destas duas respostas temos: o objetivo principal da encarnação dos Espíritos, ou da reencarnação, é a evolução: Deus lhes impõe a encarna-

⁴⁹ “A Reencarnação”, cap. XI.

⁵⁰ “O Livro dos Espíritos”, questão 132.

⁵¹ “O Livro dos Espíritos”, questão 167.

ção com o fim de fazê-los chegar à perfeição. Acontece que em uma vida só não dá para cumprir tal objetivo. O que representa sessenta ou oitenta anos para uma pessoa, em relação ao aprendizado de todas as coisas para que ela chegue à perfeição?

Assim sendo, reencarnando inúmeras vezes, quantas forem necessárias, o Espírito atinge o objetivo primordial de sua existência.

Desta forma, entendemos que expiar não é o objetivo da reencarnação, mas pode vir a ser se o Espírito não quiser evoluir pelo caminho natural do bem.

Trocando em miúdos: o Espírito só passa pela expiação quando quer, ou seja, quando não quer seguir as Leis Divinas.

Como já vimos anteriormente, a evolução também é uma Lei de Deus; portanto o Espírito tem de evoluir, consciente ou inconscientemente. Quando ele entende isso e busca esta evolução por conta própria, ele a faz sem dor. A expiação só entra na história, quando a rebeldia fala mais alto, quando ele, sabendo qual caminho a seguir, escolhe outro.

Assim, provocando sofrimento em seus semelhantes, o ser estaciona. Como ele tem de evoluir, passa pelo sofrimento como que para despertar a centelha divina que existe dentro de si, que o induz ao aperfeiçoamento.

É aí que entendemos a misericórdia que é a oportunidade reencarnatória; não é à toa que Emmanuel nos afirma:

Cada encarnação é como se fora um atalho nas estradas da ascensão. Por esse motivo, o ser humano deve amar a sua existência de lutas e amarguras temporárias, porquanto ela significa uma bênção divina, quase um perdão de Deus.⁵²

⁵² “Emmanuel”, cap. 5.

3 – Reencarnação na Bíblia

A reencarnação acha-se claramente expressa nos textos sagrados. Muitas são as passagens do Velho e Novo Testamentos que nos servem para elucidar tal afirmativa.

Podemos ainda dividi-las em partes que nos mostrem seu caráter provocacional, evolutivo, missionário e, acima de tudo, como Lei Divina.

A seguir analisamos algumas passagens:

Os teus mortos viverão, os teus mortos ressuscitarão; despertai e exultai, os que habitais no pó, porque o teu orvalho será como o orvalho das ervas, e a terra lançará de si os mortos. (*Isaias, 26: 19*)

Está clara nesta passagem a afirmativa reencarnatória, e como Lei, muito bem definida.

A crença nos renascimentos era vista entre os judeus sob o nome de ressurreição. Por isso o Profeta usa este termo, mas no fundo quer dizer a mesma coisa, ou para ser mais preciso, no seu sentido de renovação para uma nova vida, logo, a ressurreição é um objetivo da reencarnação.

Isaiás diz que *os mortos viverão*, isto não pode ser entendido como viverão após a vida terrena, porque senão ele diria: ainda vivem. O termo viverão quer dizer tornar a viver; e para completar, *e a terra lançará de si os mortos*, nos dá claramente a idéia de voltar ao corpo de carne.

E havia entre os fariseus um homem, chamado Nicodemos, príncipe dos judeus. Este foi ter de noite com Jesus, e disse-lhe: Rabi, bem sabemos que és Mestre vindo de Deus; porque ninguém pode fazer estes sinais que tu fazes, se Deus não for com ele.

Jesus respondeu, e disse-lhe: Na verdade, na verdade te digo que aquele que não nascer de novo, não pode ver o reino de Deus.

Disse-lhe Nicodemos: Como pode um homem nascer, sendo velho? Porventura pode tornar a entrar no ventre de sua mãe, e nascer?

Jesus respondeu: Na verdade, na verdade te digo que aquele que não nascer da água e do Espírito, não pode entrar no reino de Deus.

O que é nascido da carne é carne, e o que é nascido do Espírito é espírito.

Não te maravilhes de te ter dito: Necessário vos é nascer de novo. O vento assopra onde quer, e ouves a sua voz, mas não sabe donde vem, nem para onde vai; assim é todo aquele que é nascido do Espírito.

Nicodemos respondeu, e disse-lhe: Como pode ser isso?

Jesus respondeu, e disse-lhe: Tu és mestre em Israel, e não sabes isto? (...)
(*João, 3: 1 a 10*)

Esta é a passagem clássica em que o texto evangélico mostra a reencarnação com o objetivo de chegar à perfeição; *aquele que não nascer de novo não pode ver o reino de Deus*.

Jesus não podia ser mais claro no sentido de afirmar a necessidade reencarnatória. E diante da ignorância de Nicodemos, Ele explica: *nascer da água e do Espírito (...)*

A água sempre foi tida como o início da vida. *Na Cabala hebraica, a água era a matéria primordial; o elemento frutificador.*⁵³

Na Gênese mosaica, o autor diz que no princípio, *o Espírito de Deus se movia sobre as águas.* (Gênesis, 1: 2)

E este ensinamento é também dado por Emmanuel:

O protoplasma foi o embrião de todas as organizações do globo terrestre (...) Os primeiros habitantes da Terra, no plano material, são as células albuminóides, as amebas e todas as organizações unicelulares, isoladas e livres, que se multiplicam prodigiosamente na temperatura tépida dos oceanos.⁵⁴

Os modernos conhecimentos científicos atestam que as primeiras formas de vida, desde a concepção, se fazem no ambiente aquoso, seja a própria constituição do gameta feminino como o masculino, de cuja fusão (água) nasce o novo corpo, que adquirindo personalidade diversa da que possuía antes (espírito), recomeça o cadinho purificador, expungindo males e sublimando experiências para **entrar no reino do Céus.**⁵⁵

Logo, nascer da água, significa reencarnar, e nascer do Espírito, é renovar, melhorar, evoluir.

E é por isso, já ser conhecido dos judeus daquela época, que Jesus diz: Tu és mestre em Israel, e não sabes isto?

E passando Jesus, viu um homem cego de nascença. E os seus discípulos lhe perguntaram, dizendo: Rabi, quem pecou, este ou seus pais, para que nascesse cego?

Jesus respondeu: Nem ele pecou nem seus pais; mas foi assim para que se manifestem nele as obras de Deus. (*João, 9: 1 a 3*)

Os discípulos de Jesus também já criam na pluralidade das existências, se assim não fosse, não fariam tal pergunta: *quem pecou, estes ou seus pais.* Jesus mostra que este não era um caso de pecado (expição), mas de missão: *foi assim para que se manifeste nele as obras de Deus.* Se para Jesus a reencarnação não fosse uma realidade, teria dito aos seus discípulos claramente ali naquele instante, mas não foi isso que Ele fez, muito pelo contrário, achou o Mestre naquele instante, oportunidade para nos ensinar sobre um outro tipo de reencarnação. Trata de uma reencarnação em bases de cooperação. Quando não temos mais nada a expiar podemos trabalhar como servidores do Senhor, e pedirmos a oportunidade de uma reencarnação com o objetivo de cooperarmos com a aplicação da lei divina. Além de ter sido educativo para aquele que vestiu-se de cego, deu a oportunidade que Jesus operasse a cura, e nos deixasse mais um valioso ensinamento.

E os seus discípulos o interrogaram, dizendo: Por que dizem então os escribas que é mister que Elias venha primeiro?

E Jesus, respondendo, disse-lhes: Em verdade Elias virá primeiro, e restaurará todas as coisas; mas digo que Elias já veio, e não o conheceram, mas

⁵³ “Cristianismo e Espiritismo”.

⁵⁴ “A Caminho da Luz”, cap. II.

⁵⁵ “Estudos Espíritas”, cap. 8.

fizeram-lhe tudo o que quiseram. Assim farão eles também padecer o Filho do homem.

Então entenderam os discípulos que lhes falara de João Batista. (*Mateus, 17: 10 a 13*)

Nesta passagem fica claro que João Batista era Elias reencarnado. João era um Espírito de alta envergadura. Vinha com a missão de ser o revelador do Mestre, aquele que iria fazer a passagem da revelação de Justiça para a revelação do Amor.

Mas existe também em seu processo reencarnatório um caráter expiatório.

Considerando a severidade com que Elias tratara os adoradores do deus Baal, mandando-os passar a fio de espada, pela espada padeceu, ao impositivo das paixões de Herodíades e do terrível medo do reizete Herodes.⁵⁶

Muitas outras alusões à lei da reencarnação são feitas nos textos bíblicos, mas cremos que somente estas já se prestam ao objetivo deste trabalho.

⁵⁶ “Estudos Espíritas”, cap. 8.

4 – Mecanismos da Reencarnação

Podemos tratar este tema sob dois aspectos: científico e filosófico.

O aspecto científico vai requerer um maior aprofundamento, e um maior conhecimento das ciências biológicas e da física, o que não é o objetivo deste curso. Portanto, trataremos aqui somente do aspecto filosófico.

Tomaremos como roteiro o capítulo 13 do livro *Missionários da Luz* de André Luiz. Não é que todos os processos reencarnatórios sejam desta forma, mas acreditamos que este capítulo fala de uma forma geral e bastante completa da programação e da assistência espiritual realizada, quando este processo está em vias de execução

Para iniciar, André Luiz esclarece que irá visitar em companhia do instrutor Alexandre, o lar de Adelino e Raquel, onde se verificaria a reencarnação de Segismundo.

Numa encarnação anterior, Adelino tinha sido vítima de Segismundo. Este o tinha assassinado, e no momento presente havia sido programado para ambos uma reencarnação de reajuste em bases de perdão.

Notamos no princípio um momento de angústia por parte do reencarnante que normalmente antecede o processo reencarnatório. Para melhores esclarecimentos, recomendamos a leitura do capítulo 47 do livro “Nosso Lar”, *A volta de Laura*, do mesmo autor espiritual.

Mas o instrutor Alexandre o tranqüiliza: *Tenha coragem. O ensejo próximo é divino para o seu futuro espiritual. Organizaremos as coisas; não tenha receio.*⁵⁷

A condição espiritual de Adelino, o pai, não era das melhores. Apesar das promessas no plano espiritual, este não tinha trabalhado o perdão em sua intimidade, e toda vez que Segismundo aproximava-se espiritualmente, a aflição era o sentimento que o dominava.

É digno de destaque, a assistência espiritual recebida pelo casal, quando este sintoniza com as determinações do Alto, dando assim condição para que se execute o programa traçado na espiritualidade. Além de Alexandre e André Luiz, existiam vários outros Espíritos a amparar toda a família neste momento.

Havia ali naquele ambiente, não obstante à proteção espiritual, uma grande dificuldade de execução do programa, devido aos conflitos vibratórios causados pela incompreensão das criaturas envolvidas no processo.

Dessa forma, os Espíritos que realizavam a proteção do lar de nossos irmãos programaram um momento de contato entre eles durante o sono físico, a fim de que algumas arestas pudessem ser aparadas.

Não foi fácil; a princípio houve uma grande aversão entre pai e filho. É que *a aproximação de Segismundo despertava em Adelino reencarnado as reminiscências do passado sombrio*, nos esclarece o autor, e continua: *Ele, a vítima de outro tempo, não conseguia localizar os fatos vividos, mas experimentava, no plano emotivo, as recordações imprecisas dos acontecimentos, cheias de ansiedades dolorosas.*⁵⁸ Mas como

⁵⁷ “Missionários da Luz”, pág. 182.

⁵⁸ “Missionários da Luz”, pág. 194.

prova de que o amor é mais forte em todos os cantos do universo, a interseção de Alexandre trabalhando o perdão entre ambos, promoveu uma paz momentânea entre os dois.

Poderíamos perguntar, por que a necessidade do pai de aceitar o filho. Não poderia a espiritualidade impor a reencarnação sem maiores embaraços?

Informa Alexandre que

o pensamento envenenado de Adelino destruía a substância de hereditariedade, intoxicando a cromatina dentro da própria bolsa seminal. Ele poderia atender aos apelos da Natureza, entregando-se à união sexual, mas não atingiria os objetivos sagrados da Criação, porque pelas disposições lamentáveis de sua vida íntima, estava aniquilando as células criadoras, ao nascerem, e, quando não as aniquilasse por completo, intoxicava os genes do caráter, dificultando-nos a ação (...) ⁵⁹

Segismundo iria receber nesta encarnação, um organismo que o proporcionaria uma moléstia do coração na idade madura, como conseqüência da falta cometida no passado. Mas isso não seria definitivo, noticia Herculano, um outro instrutor presente, porque a justiça divina nunca se manifesta sem a misericórdia, a que sempre se referiu Jesus em seu apostolado.

Passados os primeiros momentos, em que o equilíbrio entre os elementos envolvidos no processo era o mais importante, os mentores do Plano Maior passaram a trabalhar diretamente no processo de ligação do Espírito às suas necessidades reencarnatórias.

Mas antes de tratarmos com maiores detalhes sobre a ligação do Espírito com o corpo, lembremos da afirmativa de Alexandre de que nem todas as criaturas passam por esse instante, de uma forma consciente:

(...) A maioria dos que retornam à existência corporal na esfera do globo é magnetizada pelos benfeitores espirituais, que lhe organizam novas tarefas redentoras, e quantos recebem semelhante auxílio são conduzidos ao templo maternal de carne como crianças adormecidas(...). São inúmeros os que regresam à Crosta nessas condições, reconduzidos por autoridades superiores de nossa esfera de ação, em vista das necessidades de certas almas encarnadas, de certos lares e determinados agrupamentos. ⁶⁰

Era chegado o momento da primeira ligação de Segismundo à matéria, portanto a assistência Espiritual se fazia altamente necessária. Como atuaria Alexandre neste processo, agiria no momento da união sexual? É ele quem, sempre paciente, esclarece:

Não é necessária a nossa presença ao ato de união celular. Semelhantes momentos do tálamo conjugal são sublimes e invioláveis nos lares em bases retas. Você sabe que a fecundação do óvulo materno somente se verifica algumas horas depois da união genesíaca. O elemento masculino deve fazer extensa viagem, antes de atingir o seu objetivo. Temos tempo (...) ⁶¹

Era chegado o momento a que denominamos restringimento do corpo espiritual.

⁵⁹ “Missionários da Luz”, pág. 197.

⁶⁰ “Missionários da Luz”, pág. 206.

⁶¹ “Missionários da Luz”, pág. 207.

Os Espíritos Construtores começaram o trabalho de magnetização do corpo perispírico, no que eram amplamente secundados pelo esforço do abnegado orientador, que se mantinha dedicado e firme em todos os campos de serviço.

Sem que me possa fazer compreendido, de pronto, pelo leitor comum, devo dizer que “alguma coisa da forma de Segismundo estava sendo eliminada”. Quase que imperceptivelmente, à medida que se intensificavam as operações magnéticas, tornava-se ele mais pálido. Seu olhar parecia penetrar outros domínios. Tornava-se vago, menos lúcido.

A certa altura, Alexandre falou-lhe com autoridade:

Segismundo, ajude-nos! Mantenha clareza de propósitos e pensamento firme!

Tive a impressão que o reencarnante se esforçava por obedecer.

Agora, continuou o instrutor, sintonize conosco relativamente à forma pré-infantil. Mentalize sua volta ao refúgio maternal da carne terrestre! Lembre-se da organização fetal, faça-se pequenino! Imagine sua necessidade de tornar a ser criança para aprender a ser homem!

Compreendi que o interessado precisava oferecer o maior coeficiente de cooperação individual para o êxito amplo. Surpreendido, reconheci que, ao influxo magnético de Alexandre e dos Construtores Espirituais, a forma perispírica de Segismundo tornava-se reduzida.

A operação não foi curta, nem simples. Identificava o esforço geral para que se efetuasse a redução necessária.

Segismundo parecia cada vez menos consciente. Não nos fixava com a mesma lucidez e suas respostas às nossas perguntas afetuosas não se revelavam completas.

Por fim, com grande assombro meu, verifiquei que a forma de nosso amigo assemelhava-se à de uma criança.⁶²

Quando é dito que o corpo espiritual de Segismundo foi reduzido para o tamanho de uma criança, precisamos analisar esta palavra num sentido mais amplo.

A que tamanho terá sido restringido o perispírito de Segismundo? O instrutor pediu ao reencarnante: *Lembre-se da organização fetal, faça-se pequenino*. Particularmente, entendemos que aqui o corpo espiritual fica exatamente do tamanho da célula-ovo.

Em seguida, os Espíritos construtores analisam os mapas cromossômicos e que está tudo bem, à exceção do tubo arterial na parte a dilatar-se para o mecanismo do coração. Mas nos informam ainda que se o reencarnante souber valorizar as oportunidades do futuro, possivelmente conquistará o equilíbrio do aparelho circulatório. É a aplicação da máxima evangélica: *O amor cobre a multidão de pecados*.

Através desta obra, ficamos sabendo também que o trabalho torna-se mais atuante por parte da espiritualidade, até os sete anos de idade do Espírito reencarnante, época em que o processo reencarnacionista estará consolidado.

⁶² “Missionários da Luz”, págs. 214 e 215.

Chegado o momento, era necessário realizar o ato de ligação inicial, em sentido direto, de Segismundo com a matéria orgânica.

Logo após penetrávamos o aposento conjugal, onde o espetáculo íntimo era divinamente belo (...)

Os amigos invisíveis do lar, companheiros de nosso plano, haviam enchido a câmara de flores de luz (...)

Mais de cem amigos se reuniam ali, prestando-lhe afetuosa homenagem (...)

O quadro era lindo e comovedor (...)

Valendo-me daquele instante (...), perguntei:

Nosso irmão reencarnante apresentar-se-á, mais tarde, entre os homens, tal qual vivia entre nós? Já que suas instruções se baseiam na forma perispiritual preexistente, terá ele a mesma altura, bem como as mesmas expressões que o caracterizavam em nossa esfera?

Alexandre respondeu sem titubear:

Raciocine devagar, André! Falamos da forma preexistente, nela significando o modelo de configuração típica ou, mais propriamente, o **uniforme humano**. Os contornos e minúcias anatômicas vão se desenvolver de acordo com os princípios de equilíbrio e com a lei da hereditariedade (...) Adicione porém, a esse fator primordial, a influência dos moldes mentais de Raquel, a atuação do próprio interessado, o concurso dos Espíritos Construtores (...), e poderá fazer uma idéia do que vem a ser o templo físico que ele possuirá, por algum tempo, como dádiva da Superior Autoridade de Deus (...)

Segismundo terá então, insisti, uma forma física eventual, imprecisa, por enquanto, ao nosso conhecimento?

O instrutor esclareceu sem demora:

Se estivéssemos diretamente ligados ao caso dele, estaríamos de posse de todas informações referentes ao porvir, nesse particular, mas a nossa colaboração neste acontecimento é transitória e sem maior significação no tempo. Os orientadores de Segismundo, porém, nas esferas mais altas, guardam o programa traçado para o bem do reencarnante. Note que me refiro ao bem e não ao destino.⁶³

Devido a importância deste esclarecimento, continuamos com Alexandre:

Os contornos anatômicos da forma física, disformes ou perfeitos, longilíneos ou brevilineos, belos ou feios, fazem parte dos estatutos educativos (...) Pormenores anatômicos imperfeitos, circunstâncias adversas, ambientes hostis, constituem, na maioria das vezes, os melhores lugares de aprendizado e redenção para aqueles que renascem (...). Em vista disso, o mapa alusivo a Segismundo está devidamente traçado, levando-se em conta a cooperação fisiológica dos pais, a paisagem doméstica e o concurso fraterno que lhe será prestado por inúmeros amigos daqui. (...) ⁶⁴

⁶³ “Missionários da Luz”, pág. 226.

⁶⁴ “Missionários da Luz”, pág. 227.

Finda esta conversa instrutiva, Alexandre atendendo o pedido dos Espíritos Construtores, realiza uma prece, para depois entregarem o reencarnante aos braços maternos.

É quando André Luiz nos informa:

Segismundo ligara-se a ela como a flor une à haste. Então compreendi que, desde aquele momento, era alma de sua alma aquele que seria carne de sua carne.⁶⁵

E dando continuidade, Alexandre disse:

Agora, auxiliemos nosso amigo no primeiro contato com a matéria mais densa. (...)

(...) Auxiliado pelo concurso magnético do mentor querencoso, passei a observar as minúcias do fenômeno da fecundação.

Através dos condutos naturais, corriam os elementos sexuais masculinos, em busca do óvulo (...). Surpreendido, reconheci que o número deles se contava por milhões e que seguiam, em massa, para frente, em impulso instintivo, na sagrada competição.

(...) Segundo depreendi, ele (Alexandre) podia ver as disposições cromossômicas de todos os princípios masculinos em movimento, depois de haver observado, atentamente, o futuro óvulo materno, presidindo ao trabalho prévio de determinação do sexo do corpo a organizar-se.

Após acompanhar, profundamente absorto no serviço, a marcha dos minúsculos competidores que constituíam a substância fecundante, identificou o mais apto, fixando nele o seu potencial magnético, dando-me a idéia de que o ajudava a desembaraçar-se dos companheiros para que fosse o primeiro a penetrar a pequenina bolsa maternal. O elemento focalizado por ele ganhou nova energia sobre os demais e avançou rapidamente na direção do alvo. (...) Sempre sob o influxo luminoso magnético de Alexandre, o elemento vitorioso prosseguiu a marcha, depois de atravessar a periferia do óvulo, gastando pouco mais de quatro minutos para alcançar o seu núcleo. Ambas as forças, masculina e feminina, formavam agora uma só, convertendo-se ao meu olhar em tenuíssimo foco de luz (...).

Depois de prolongada aplicação magnética, que era secundada pelo esforço dos Espíritos Construtores, Alexandre aproximou-se de mim e falou:

Está terminada a operação inicial de ligação. Que Deus nos proteja.⁶⁶

Após esta operação, André Luiz diz que estava boquiaberto com o que vira, e podemos dizer: nós também!

Através destas breves narrativas, quisemos simplesmente mostrar algo a respeito do mecanismo da reencarnação (que não termina aqui), e que durante todo o processo reencarnatório há uma linda programação a ser executada.

⁶⁵ “Missionários da Luz”, pág. 230.

⁶⁶ “Missionários da Luz”, págs. 231 a 233.

É claro que nem todos os casos são tratados desta forma, mas como sabemos que Deus é Justiça, podemos seguramente dizer que Ele, através de seus Prepostos, de uma forma ou de outra, preside todos os movimentos palingenésicos.

Módulo IX

Há muitas moradas na Casa do Pai

1 – Introdução

A Doutrina Espírita dá condição de ampliar em muito o entendimento do ensinamento de Jesus, quando nos disse: *Há muitas moradas na casa do Pai*.

É que, de acordo com a diversidade dos estados evolutivos da alma, esta encontra morada física ou espiritual apropriada às suas condições. Portanto, as moradas da casa do Pai, são os diferentes estados em que se encontra o Espírito após o desenlace.

E como a Codificação também informa ser a nossa evolução feita em vários mundos, e que o Universo é a reunião destes infinitos mundos, essas moradas podem ser entendidas também como cada planeta que forma este Universo, que é a casa do Pai.

É por este prisma que procuramos estudar este tema, mostrando a lógica do pensamento kardequiano.

2 – Diferentes estados do Espírito após o Desencarne

Se podemos dizer que há uma preocupação constante em todas as criaturas, esta preocupação é com o futuro da alma após a morte física.

Em todos os tempos, desde que foi desenvolvido no homem a faculdade do raciocínio, esta inquietação quanto ao seu vir a ser, é motivo de muitas dissensões. Segundo algumas religiões, há um lugar para aqueles que fizeram o bem, e outro para os que não o fizeram. Sendo que são eternos estes ambientes, e localizam-se na parte superior e inferior da Terra. Outros de nossos irmãos, entendem que após a morte, a alma fica aguardando o dia do juízo, em que será decidido o seu futuro de acordo com a forma como viveu.

A Doutrina Espírita ensina que no instante do desencarne, a alma volta ao plano espiritual, conservando sua individualidade, e que normalmente não reencarna logo depois de haver se separado do corpo. Esse estado do Espírito é chamado de erraticidade, isto é, estado do Espírito sem corpo físico enquanto aguarda a próxima encarnação.

O ensino dos Espíritos têm mostrado ainda que há no Universo inumeráveis mundos de constituição material ou menos material, e que de acordo com a condição em que se encontra o Espírito, este é recebido.

As alegrias e as percepções do Espírito não procedem do meio que ele ocupa, mas de suas disposições pessoais e dos progressos realizados (...) ⁶⁷

Isto significa que o “céu” ou o “inferno” acham-se dentro daquele que o possui. É que esses Espíritos envolvidos pelo seu próprio magnetismo, criam para si um corpo fluídico que irá captar a essência de seu viver psíquico.

Por isso Jesus afirmou: Em verdade vos digo que tudo o que ligardes na terra será ligado no céu (...) (*Mateus, 18: 18*)

Isso irá fazer com que as almas se agrupem de acordo com o grau de maior ou menor pureza que tenha atingido seu corpo espiritual, porque a situação do Espírito em seu mundo, está diretamente ligada à sua constituição fluídica.

Assim sendo, não é um tribunal que a julga, mas ela mesma determina, de acordo com a sua situação, a recompensa que irá receber quando do seu desencarne. Isto é que faz com que no plano espiritual criem-se verdadeiras sociedades, com funcionamento baseado na condição dos que as formem.

Contrariamente ao que conhecíamos até então, a Codificação Espírita traz que a vida do Espírito evoluído não é ociosa, mas extremamente ativa. O seu transporte é feito à velocidade do pensamento. Seu corpo é de tal forma rarefeito, que se torna invisível aos Espíritos inferiores. Seus sentidos não são dados por órgãos materiais, mas por todo o seu Ser, sendo suas percepções mais precisas e reais que as nossas.

Não têm necessidades alimentares ou de repouso, isto porque a matéria não os influencia.

Os Espíritos mais atrasados, ao contrário, levam consigo suas necessidades, seus vícios e suas preocupações. Não podendo abandonar seus problemas devido à sua materialidade, participam da vida do homem comum intrometendo em seus afazeres, e

⁶⁷ “Depois da Morte”, Léon Denis, cap. XXXIII.

participando de seus prazeres. Suas paixões, determinando seus desejos, são alimentadas pelo contato com os valores transitórios, e devido à sua incapacidade de gerenciar tais sentimentos, sofrem pesadas torturas que os atrasam ainda mais.

Concluindo, temos então:

- A situação do Espírito após o desencarne é definida por ele próprio quando encarnado.
- Sua vivência, de acordo com os princípios evangélicos, o liberta.
- A valorização das coisas materiais acima de suas necessidades o escraviza.

As coisas se dão desta forma, porque

a alma enquanto encarnada, condiciona-se a fatores orgânicos que, por sua vez, estão sob o império de leis biológicas específicas. Fora do corpo, outras são as leis e, por conseguinte, outros elementos de equilíbrio e funcionamento.

Daí as naturais dificuldades com que, em novo mundo vibratório, bem diverso do nosso, aqui no plano físico, lutamos todos nós ao trocarmos a densidade da matéria (envoltório físico) pela fluidicidade dos planos espirituais.⁶⁸

⁶⁸ “O Pensamento de Emmanuel”, cap. 5.

3 – Mundo Espiritual

Dentre as muitas revelações trazidas pelo Espiritismo, a existência de um mundo dos Espíritos, merece de nossa parte um maior destaque.

O mundo das inteligências incorpóreas, apesar de interpenetrar-se com o nosso (físico), é um mundo à parte. É vida em outra dimensão, caracterizada por organização e constituição diferente de tudo o que conhecemos por aqui.

Constitui-se na morada ou pousada dos Espíritos, formando colônias ou comunidades de transição, onde se reúnem de forma homogênea baseados em laços de afinidade. Afinidade caracterizada pela elevação moral dos elementos ali vinculados.

Através das informações obtidas via mediúnicamente, notamos a existência de várias esferas de vida no Mundo Maior, cada uma com sua vibração característica, formando assim mundos diferenciados em muitas faixas de elevação.

Alguns autores classificam várias delas denominando-as como:

Abismo: Região de grandes sofrimentos, devido à recalcitrância no violar as Leis Divinas.

No livro “Memórias de um Suicida”, recebido mediunicamente por Ivone do Amaral Pereira, o Espírito comunicante dá uma idéia do que seja esta região, e dos padecimentos pelos quais passou, devido à escolha que fez, usando o livre-arbítrio no sentido do suicídio.

Trevas: Esta é uma região do plano espiritual que, como o próprio nome diz, é desprovida de qualquer luminosidade.

Os Espíritos vinculados a ela acham-se envolvidos por vibrações malignas, e normalmente fazem o mal por prazer. O ponto que o diferencia do abismo, muitas vezes não percebemos, mas como acreditamos que o grau de culpa está diretamente ligado ao grau de conhecimento e de insistência no erro, acreditamos que no abismo encontram-se Espíritos mais capazes, e por isso mais culpados.

Como citação bibliográfica, o livro “Libertação”, de André Luiz, mostra vários lances desta esfera.

Crosta Terrestre: A Terra é um mundo ainda inferior habitado por Espíritos inferiores. Muitos desses Espíritos, quando desencarnados, ficam ligados ao planeta em busca da satisfação de seus vícios e apetites mais grosseiros, formando assim em volta do nosso orbe uma esfera espiritual caracterizada por vibrações altamente deletérias.

O livro “Nas fronteiras da Loucura”, ditado pelo Espírito Manoel Philomeno de Miranda, narra episódios passados durante o período de carnaval, nos dando uma clara idéia dos acontecimentos espirituais que envolvem nossa Terra, nesta ocasião.

Umbral: “É uma região espiritual que começa na crosta terrestre, na qual se concentra tudo o que não tenha finalidade para a vida superior. É região de esgotamento de resíduos mentais; uma espécie de zona purgatorial, onde se queima as prestações de material deteriorado das ilusões que a criatura adquiriu por atacado, menosprezando o sublime ensejo de uma existência terrena.”⁶⁹

⁶⁹ “O Reformador”, Agosto de 1996, artigo de Gil Restani de Andrade.

No livro “Nosso Lar”, ditado mediunicamente por André Luiz, Lísias faz a seguinte afirmativa sobre o umbral:

Há legiões compactas de almas irresolutas e ignorantes, que não são suficientemente perversas para serem enviadas a colônias de reparação mais dolorosa, nem bastante nobres para serem conduzidas a planos de elevação.⁷⁰

É, portanto, uma região semi-trevoza habitada por Espíritos revoltados de toda espécie e envoltos por tendências e desejos inferiores.

Zonas de Transição: São colônias Espirituais muitas vezes situadas no próprio Umbral. Funcionam como verdadeiros oásis nos desertos. Espíritos ainda vinculados a problemas conscienciais, mas já dignos de merecimentos são atendidos nestas colônias buscando refazimento com vistas ao reajuste que se faz necessário.

Nosso Lar, é uma destas colônias, e é muito bem descrita na obra de André Luiz, não só no livro de mesmo título, mas em toda série que o segue.

Devido à importância desta colônia para o melhor entendimento do que seja a vida no plano espiritual, citaremos parte do estudo feito pelos Espíritos André Luiz e Lúcius, no livro “Cidade no Além”.

A cidade espiritual *Nosso Lar*, segundo informação de André Luiz, foi fundada por portugueses desencarnados no Brasil, no século XVI. Está localizada sobre o estado do Rio de Janeiro, entre as cidades do Rio de Janeiro, Campos e Itaperuna.

Na época em que nosso Amigo Espiritual nos brindou com esta magnífica obra, a cidade contava com cerca de um milhão de habitantes.

Sua administração é feita pela Governadoria, órgão central, e está assessorada por seis ministérios, a saber: Ministério da Regeneração, do Auxílio, da Comunicação, do Esclarecimento, da Elevação e da União Divina, que atuam nas áreas definidas pelo próprio nome, sendo cada Ministério dirigido por doze ministros.

Os trabalhadores de *Nosso Lar* moram sempre perto de seu trabalho, de tal forma que quando um trabalhador é transferido de ministério, é também transferido de residência.

Como se trata de uma colônia espiritual, a justiça se manifesta em maior intensidade. Veja a questão da moeda. O bônus-hora é como se fosse a moeda de *Nosso Lar*. Para cada hora trabalhada, o trabalhador recebe um bônus, e é com o acúmulo de bônus que os bens são adquiridos.

Poderíamos aqui enumerar muitas outras características desta colônia, mas o mais importante é sabermos que, do outro lado da vida, não existe a ociosidade para aqueles que querem evoluir, que há uma hierarquia espiritual que pela afinidade somos atraídos, e que, acima de tudo, a vida continua.

Esferas Superiores: São regiões espirituais caracterizadas pela felicidade e pelo trabalho em favor do próximo. Como consequência, estas regiões são habitadas por Espíritos de grande elevação moral, ou seja, os bons Espíritos e os Espíritos Superiores.

⁷⁰ “Nosso Lar”, cap. 12.

André Luiz em suas obras, muitas vezes fala de Espíritos destas regiões, que foram visitar *Nosso Lar*, mas para que tal fato ocorresse, tiveram que adensar o perispírito.

Esferas Resplandecentes: *Regiões espirituais onde imperam a bondade, a confiança e a felicidade verdadeira.* No livro “Renúncia”, ditado pelo Espírito Emmanuel ao médium Francisco Cândido Xavier (FEB), assim é descrita a paragem espiritual a que estava vinculado o Espírito Alcione:

Pouco depois, ei-la que aporta em portentosa esfera, inconfundível em magnificência e grandeza. O espetáculo maravilhoso de suas perspectivas excedia a tudo que pudesse caracterizar a beleza, no sentido humano. A sagrada visão do conjunto permanecia muito além da famosa cidade dos santos, idealizada pelos pensadores do Cristianismo. Três Sóis rutilantes despejavam no solo arminhoso oceanos de luz mirífica, em cambiâncias inéditas, como lampadários celestes acesos para edênico festim de gênios imortais. Primorosas construções, engalanadas de flores indescritíveis, tomavam a forma de castelos talhados em filigrana dourada, com irradiações de efeitos policromos. Seres alados iam e vinham, obedecendo a objetivos santificados, num trabalho de natureza superior, inacessível à compreensão dos terrícolas.⁷¹

Conclusão

O ensino dos Espíritos sobre a vida de além-túmulo faz-nos saber que no espaço não há lugar algum destinado à contemplação estéril, à beatitude ociosa. Todas as regiões do espaço estão povoadas por Espíritos laboriosos. Por toda parte, bandos, enxames de almas sobem, descem, agitam-se no meio da luz ou na região das trevas.

Em certos pontos, vê-se grande número de ouvintes recebendo instruções de Espíritos adiantados; em outros, formam-se grupos para festejarem os recém-vindos. Aqui Espíritos combinam os fluidos, infundem-lhes mil formas, mil coloridos maravilhosos, preparam-nos para os delicados fins a que foram destinados pelos Espíritos superiores; ali ajuntamentos sombrios, perturbados, reúnem-se ao redor dos globos e os acompanham em suas revoluções, influenciando, assim, inconscientemente, sobre os elementos atmosféricos.

Espíritos luminosos mais velozes que o relâmpago, rompem essas massas para levarem socorro e consolação aos desgraçados que os imploram. Cada um tem o seu papel e concorre para a grande obra, na medida de seu mérito e de seu adiantamento. O Universo inteiro evolui. Como os mundos, os Espíritos prosseguem seu curso eterno, arrastados para um estado superior, entregues a ocupações diversas. Progressos a realizar, ciência a adquirir, dor a sufocar, remorsos a aclamar, amor, expiação, devotamento, sacrifício, todas essas coisas os estimulam, os aguilhoam, os precipitam na obra; e, nessa imensidade sem limites, reinam incessantemente o movimento e a vida. A imobilidade e a inação é o retrocesso. É a morte. Sob o impulso da Grande Lei, seres e mundos,

⁷¹ “Renúncia”, págs. 25 e 26.

almas e sóis, tudo gravita e move-se na órbita gigantesca traçada pela vontade divina.⁷²

⁷² “Depois da Morte”, Léon Denis, cap. XXXIV.

4 – Diferentes Categorias de Mundos Habitados

Quando questionamos a possibilidade de vida em outros planetas, somos obrigados a raciocinar com a lógica e o bom senso.

Analisando os atos de um homem de bem, vemos que ele não toma nenhuma atitude ao acaso, mas tudo o que faz é elaborado de acordo com os seus princípios. Se assim age um simples homem de bem, como então agiria o Criador em relação à sua própria obra? Seria fruto do acaso, ou haveria em tudo, planejamento?

O bom senso nos mostra que o acaso não existe, e que a criação foi e é obra de um rigoroso planejamento.

Se analisarmos o Universo só sob o ponto de vista de existência da nossa galáxia, a Via Láctea, chegaremos à conclusão que só em números de Sóis podemos contar aproximadamente 40 bilhões. E os planetas relativos a esses sóis, quantos serão ao todo? E isto estamos falando só da nossa galáxia, e se aventarmos às “bilhões” de galáxias? Por que então, o Criador que nada fez ou faz ao acaso, iria Criar tantos ambientes planetários?

Desta forma, chegamos à conclusão que seria menosprezar demais a capacidade de Deus, se supuséssemos somente a nossa minúscula Terra habitada.

É raciocinando desta maneira, que a Doutrina Espírita pode afirmar serem todos os globos que se movem no espaço, habitados.⁷³

É a mesma a constituição física dos diferentes globos? – perguntou Kardec, ao que nos responderam os Espíritos:

Não; de modo algum se assemelham.⁷⁴

E, é fácil de entender o porquê. Se somos Espíritos, cada qual no seu estágio evolutivo, não temos todos as mesmas necessidades. Se não as temos iguais, logicamente vivemos em ambientes diferentes. Assim sendo, os mundos são diferentes, porque diferentes são os que os habitam

Devido à infinidade de mundos, não podemos classificá-los quanto à sua evolução de uma maneira absoluta, mas Kardec oferece uma divisão, que nos permite entender melhor o assunto:

Mundos Primitivos:

São os mundos destinados aos Espíritos em sua infância, ou seja, no início de sua evolução.

Os seres que os habitam são, de alguma sorte, rudimentares: eles têm a forma humana, mas sem nenhuma beleza; seus instintos não são temperados por nenhum sentimento de delicadeza ou de benevolência, nem pelas noções do justo e do injusto(...) ⁷⁵

⁷³ “O Livro dos Espíritos”, questão 55.

⁷⁴ “O Livro dos Espíritos”, questão 56.

⁷⁵ “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, cap. 3.

A justiça, conforme a conhecemos hoje, não faz parte do entendimento deles, o que impera é a lei do mais forte.

Além da falta de desenvolvimento moral, temos como nenhum o desenvolvimento científico e intelectual.

Mundos de Expições e Provas

Nestes mundos a característica básica é ainda o predomínio do mal sobre o bem. A superioridade da inteligência de alguns homens mostra que este não é um mundo primitivo. Mas essa inteligência é muitas vezes usada como forma de dominação e de desvirtuamento.

As qualidades inatas são provas que estes Espíritos já viveram antes, realizando muitas vezes em outros mundos, seu progresso. Mas são ainda bastante imperfeitos, e por isso estão sujeitos a provas e expiações, como forma de atingir a meta desejada: a perfeição.

A Terra, como sabemos, é um destes planetas de provas e expiações. É conforme o dizer de Emmanuel, *uma abençoada escola, onde se regenera o Espírito culpado e onde ele se prepara, demandando glorioso porvir*.⁷⁶

Mas a Misericórdia Divina não desampara seus filhos. Periodicamente reencarnam nesses mundos, missionários do bem, Espíritos encarregados de vivenciar a moral em toda sua plenitude como forma de fixação na intimidade das criaturas.

Mundos Regeneradores

Os mundos regeneradores servem de transição entre os mundos superiores. Nesses mundos os Espíritos reencarnantes, apesar de acentuados progressos, ainda acham-se sujeitos a provas, mas sem as angústias das expiações. Sendo o homem ainda materializado, essas provas vão trabalhando nele a desmaterialização que se faz necessária para entrada em mundos mais evoluídos.

Há nestes mundos, por parte de sua Humanidade, o desejo da prática do bem. Livre que está dos Espíritos ligados ao mal, o homem acha-se desanuviado, e o clima psíquico é bem tranquilo.

Contemplai, pois, à noite, à hora do repouso e da prece, a abóbada azulada e, das inúmeras esferas que brilham sobre as vossas cabeças, indagai de vós mesmos quais as que conduzem a Deus e pedi-lhe que um mundo regenerador vos abra seu seio, após a expiação na Terra.

*Santo Agostinho*⁷⁷

⁷⁶ “Emmanuel”, cap XVI.

⁷⁷ “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, cap. 3.

Mundos Superiores

Nesses mundos, as condições de vida moral e material são bens diversas às da Terra. O corpo não é material como o nosso. O “Modus Vivendi” dos Espíritos ali vinculados faz com que eles não estejam sujeitos nem às doenças, nem às deteriorações da matéria.

A infância nestes mundos é menor ou quase nula; a vida é proporcionalmente mais longa, a morte já não causa medo, e a linguagem é feita pela transmissão do pensamento. *O homem não procura elevar-se acima do homem, mas acima de si mesmo, aperfeiçoando-se.*⁷⁸

O melhor é saber que viver num destes mundos não é privilégio dos eleitos, mas destino de todos nós, assim que nos purificarmos, pelo trabalho e serviço ao próximo. Vivenciando, deste modo, aquele mandamento de Jesus, quando disse:

Um novo mandamento vos dou: Que vos ameis uns aos outros; como eu vos amei a vós. (*João, 13: 34*)

⁷⁸ “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, cap. 3.

5 – Final dos Tempos - Visão Espírita

Há por parte de grande parcela da Humanidade, incluindo a classe dos espíritas, a preocupação com as previsões catastróficas baseadas nos textos bíblicos e em próprias comunicações espíritas, sob o fim do mundo.

O que diz a Doutrina Espírita sobre isto? A Humanidade corre o risco de desaparecer da Terra? O mundo em que vivemos desaparecerá? E o juízo final? E a volta de Jesus, como se dará?

Os Espíritos são claros: *Antes dizíamos: aproximam-se os tempos, agora dizemos: Os tempos são chegados.*

Kardec, no livro “Obras Póstumas”, transcreve algumas comunicações dos Espíritos, em que eles falam deste assunto, e eles são claros em dizer que tudo o que está nos Evangelhos terá de cumprir-se, e já está se cumprindo. O que temos de ter é discernimento para tirarmos o espírito da letra na interpretação dos textos sagrados.

Como já dissemos anteriormente, toda a Criação Divina segue um programa pré-estabelecido, e as Leis de Deus conseqüentemente não serão subvertidas.

Não haverá fim do mundo material como muitos têm anunciado, o que acontecerá é o fim de uma era, de uma etapa do processo evolutivo. O que se prepara é o fim do mundo amoral, aquele em que os interesses mundanos vêm à frente dos interesses definitivos do Espírito.

Essa mudança não será brusca, e nem acontecerá no ano dois mil, ela já está acontecendo e continuará ainda por muitos anos. O processo é gradual como toda transformação da Natureza, não haverá cataclismos nem revoluções capazes de exterminar a Criação Divina. Haverá uma transformação que conduzirá a Terra, de mundo de provas e expiações, a mundo de regeneração, mas estas não serão transformações externas, mas sim no interior dos próprios homens. A luta no campo das idéias, nos conflitos do relacionamento interpessoal, criará uma nova ética baseada na Verdadeira Moral, e esta será a tônica do novo mundo. O que fará haver mais ou menos dor, é a própria conduta do homem diante das mudanças que se fazem necessárias, ou seja, será diretamente proporcional à sua aceitação ou à sua rebeldia.

Mas podemos perguntar, como se fará a substituição desta geração por outra mais cristã?

Para que haja felicidade na Terra, é preciso que os Espíritos que a habitam sejam afinados com o bem, portanto, é preciso que aconteça uma limpeza em nosso orbe, ou seja, os Espíritos recalcitrantes no mal serão levados para outros mundos que acham-se mais atrasados em relação ao nosso, onde expiarão seus erros e aprenderão com o “suor do seu rosto”, a não mais transgredir às Leis Divinas.

Entretanto, esse transporte não será via discos voadores ou planeta chupão, como muitos apregoam, eles serão transportados por meios espirituais e de forma natural.

Só para ilustrar, lembremos de que isto já aconteceu com relação à Terra, no entanto, ela, no momento, estava em condição de receptora destes espíritos, conforme narra Emmanuel:

Há muitos milênios um dos orbes da Capela, que guarda afinidades com o globo terrestre, atingira a culminância de um dos seus extraordinários ciclos evolutivos. (...)

(...) Alguns milhões de Espíritos rebeldes lá existiam, no caminho da evolução geral, dificultando a consolidação das penosas conquistas daqueles povos cheios de piedade e virtudes, mas uma ação de saneamento geral os alijaria daquela humanidade (...)

As grandes comunidades espirituais, diretoras do Cosmos, deliberaram, então, localizar aquelas entidades, que se tornaram pertinazes no crime, aqui na Terra longínqua, onde aprenderiam a realizar, na dor e nos trabalhos penosos do seu ambiente, as grandes conquistas do coração (...)⁷⁹

Desta forma, podemos afirmar que o tempo é de tranquilidade e de construção de um novo ser baseado nos ensinamentos evangélicos. O juízo final não é acontecimento de um dia, mas de todos os instantes em que se faz necessário o autoconhecimento, e a elaboração por nós mesmos do caminho a seguir.

Não nos inquietemos, devemos sempre lembrar de que neste planeta há governo, e que este condutor não é ninguém mais nem menos que Jesus, o Cristo de Deus.

⁷⁹ “A Caminho da Luz”, cap. III.

Módulo X

Imortalidade da Alma e Vida Futura

1 – Imortalidade da Alma

A imortalidade da alma é uma realidade incontestável. O homem, inclusive o materialista, tem e sempre teve dela, a intuição.

É que tendo sido ele criado por Deus, ou tendo Dele saído, já contém em si mesmo o germe da vida futura. Podemos, então, afirmar com segurança que o Espírito não é eterno, porque teve início, mas é imortal, porque nunca terá fim.

A morte no sentido de acabar, não existe em nenhum lugar do Universo. É que Deus, o Criador de tudo o que existe, não poderia criar nada que um dia acabasse. A morte, portanto, deve ser sempre entendida como uma passagem, como fim de um ciclo e início de outro.

Por que então tem o homem tanto medo da morte?

Podemos analisar o medo da morte sob dois aspectos: um positivo, o outro negativo.

O primeiro é um efeito da sabedoria da Providência. Ele se manifesta como uma consequência da lei de conservação. Deus deu a todos os seres vivos a necessidade de viver como forma de evolução, e desta maneira, busca o ser sempre preservar a vida. Se não houvesse esse instinto, deixaríamos-nos entregar à morte, sem termos terminado de cumprir a fase que se faz necessária no momento.

Quanto ao segundo, temos a determiná-lo várias causas, as quais podemos destacar a má formação religiosa, o apego aos bens materiais, a culpa de consciência, etc.

Dizemos medo negativo, por ser ele muitas vezes desencadeador de processos obsessivos e outras vezes gerador de temor à própria vida, entre outras formas de manifestação.

É dever da religião informar aos seus adeptos a respeito da vida espiritual. Quando esta informação não se faz, a religião não cumpre um de seus mais importantes objetivos. Como somos formados por uma religião que nunca nos esclareceu de uma forma lógica a respeito da vida futura, e muito pelo contrário procurou sempre nos amedrontar, temos gravado em nosso psiquismo o medo da morte.

Esta falta de lógica e a perseverança em doutrinas complicadas, desprovidas de bom senso e sem fundamentação científica, promoveram um homem céptico, materialista, que valoriza em excesso os bens imediatos, por não crer em nada além de sua acanhada visão. Essa forma de pensar também leva o indivíduo a ter medo do momento da transição, porque não crendo ele em nada, logo pensa, o que será a partir de então? Por isso, afirmamos ser a má formação religiosa uma das grandes culpadas do medo da morte.

Outra causa a destacar é a culpa e os sofrimentos já passados anteriormente pelo Espírito.

Sabemos que antes de encarnarmos, fazemos um programa regenerativo com base em nossas maiores necessidades, todavia, ao reencarnarmos, esquecemos grande parte destes compromissos e reincidimos nos antigos erros. Conscientemente, disso nada sabemos, mas o nosso Espírito guarda todas essas informações em seu íntimo, e esse contrariar nossa consciência é fator determinante do temor da morte, que ainda é agravado pelo fato de isso já ter acontecido muitas vezes em nosso processo reencarnatório e ter gerado muito sofrimento pós-morte, nos deixando uma reminiscência nada agradável.

A Doutrina Espírita transforma por completo esta situação. A vida futura deixa de ser hipótese para ser realidade. E a sua moral por ser a mesma ensinada pelo Cristo, tira do ser a culpa, mostrando a ele a necessidade de transformar-se pela prática das lições evangélicas, tirando, assim, o homem do círculo vicioso do erro.

Foi o próprio Jesus quem disse:

“Nem eu te condeno; vai-te, e não peques mais.” (João, 8: 11)

Pela importância deste tema, e para que todo espírita possa encarar a grande transição com tranquilidade e segurança, dedicamos este capítulo a estudar o processo desencarnatório.

2 – Processo Desencarnatório

O desencarne sempre traz, com raríssimas exceções, alguma perturbação para o Espírito envolvido neste processo.

Os que pautaram sua conduta pelos princípios de renovação espiritual em bases evangélicas sofrem menos esta perturbação. Já nos que viveram uma vida materialista baseado no imediatismo mundano, mais forte é o desequilíbrio, visto que as impressões da vida corporal transferem-se para o plano da consciência desencarnada.

O fato a que denominamos morte, só se dá quando do rompimento do cordão fluídico que une a alma ao corpo, mas essa separação não acontece de uma forma brusca.

O fluido perispiritual só pouco a pouco se desprende de todos os órgãos, de sorte que a separação só é completa e absoluta quando não mais reste um átomo do perispírito ligado a uma molécula do corpo.⁸⁰

Quando estudava o processo desencarnatório de Dimas no livro *Obreiros da Vida Eterna*, André Luiz, em determinado ponto, faz a seguinte consideração:

Para os nossos amigos encarnados, Dimas morrerá, inteiramente. Para nós outros, porém a operação era ainda incompleta. E continua: O assistente deliberou que o cordão fluídico deveria permanecer até ao dia imediato, considerando as necessidades do “morto”, ainda imperfeitamente preparado para o deslance mais rápido.⁸¹

Aprendemos, desta forma, que o desencarne não termina no instante em que o ser é dado como morto pela ciência médica, mas que ele só se completa algumas horas depois com o desligamento do cordão fluídico.

Podemos afirmar que não existem dois processos de desencarne rigorosamente iguais, visto que não existem dois Espíritos em total identidade. A sensação de maior ou menor sofrimento enfrentada pelo Espírito, está na razão direta da soma de pontos de contato existentes entre o corpo e o perispírito, nos afirma Kardec⁸², e esta é a mesma razão da maior ou menor dificuldade que apresenta o rompimento do cordão de prata.

Assim, temos que o sofrimento gerado pela “morte” é tanto maior quanto maior for a aderência corpo-perispírito, que é sempre determinado pela maior ou menor importância dada pelo homem, enquanto encarnado, às questões materiais. A afinidade entre o corpo e o perispírito é proporcional ao apego à matéria.

Isto vem confirmar que o sofrimento das almas moralizadas, é quase nulo, porque nulo é o seu apego às questões materiais. Posto isto, afirmamos que só depende de nós mesmos o nosso sofrer ou não sofrer no instante da grande transição.

Outra questão a considerar, é o tipo de desencarne que sofre o Espírito.

Quando trata-se de morte natural, gerada pela cessação das forças vitais por velhice ou doença, o processo é menos agressivo, e o Espírito penetra a vida espiritual de

⁸⁰ “O Céu e o Inferno”, II parte, cap. I

⁸¹ “Obreiros da Vida Eterna”, cap. XIII

⁸² “O Céu e o Inferno”, II parte, cap. I

forma mais tranqüila, se mais espiritualizada foi a sua vida, conforme já dissemos. Mas mesmo no homem mais materializado, apesar das dificuldades geradas pelo apego, a morte mais lenta, mais natural é menos sofrida.

Na morte violenta, as sensações se diferem ao extremo. O Espírito, diante do inesperado, fica como que perturbado, e não entendendo o que se passa, acha que está ainda no mundo dos encarnados, e muitas vezes julga que o seu corpo fluídico é o mesmo corpo material, tendo as mesmas sensações.

É claro que aqui também difere em infinitas modalidades o que sente o Espírito, devido aos seus conhecimentos a respeito da vida espiritual e os progressos feitos em sua existência material. Para quem vivenciou mais na vida os valores do Espírito, a perturbação passa mais rapidamente, aos outros é mais lenta, podendo durar dias, meses, anos ou até séculos.

No caso do suicida então, mais penosa ainda é a transição. Os Espíritos chegam a afirmar que o sofrimento excede a qualquer expectativa. Como se já não bastasse a grave transgressão às Leis Divinas, o corpo está totalmente ligado ao perispírito, e a quantidade de fluido vital é ainda grande. Isto muitas vezes faz com que o Espírito assista, totalmente consciente, todo o processo desencarnatório, sentindo a decomposição de seu organismo molécula a molécula, e a maior surpresa que o espera é a grande decepção de ainda estar vivo.

Resumindo, temos então que o sofrimento do Espírito, na ocasião do desencarne, é sempre maior quanto mais lento for o desprendimento do perispírito. E essa lentidão é sempre maior quanto menor for a evolução moral do indivíduo.

Até então, analisamos o processo desencarnatório, vendo só a influência do Espírito do próprio desencarnante, mas a influência de familiares e amigos também é fator determinante no processo de desligamento do Espírito.

André Luiz, em livro psicografado por Chico Xavier, estuda a *desencarnação de Fernando*, e em determinado momento, nota que o estado aflitivo dos familiares prejudicam o ato desencarnatório. Veja como é narrado o fato:

A aflição dos familiares encarnados, aqui presentes (dizia Aniceto), poderá dificultar-nos a ação. Observem como todos eles emitem recursos magnéticos em benefício do moribundo.

De fato, uma rede de fios cinzentos e fracamente iluminados parecia ligar os parentes ao enfermo quase morto.

-Tais socorros – tornou Aniceto – são agora inúteis para devolver-lhe o equilíbrio orgânico. Precisamos neutralizar essas forças, emitidas pela inquietação, proporcionando, antes de tudo, a possível serenidade à família.

E, aproximando-se ainda mais do agonizante, tomou a atitude do magnetizador, exclamando:

-Modifiquemos o quadro do coma.

Após alguns minutos em que nosso mentor operava, secundado pelo nosso respeitoso silêncio, ouvimos o médico encarnado anunciar aos parentes do moribundo:

-Melhoram os prognósticos. A pulsação, inexplicavelmente, está quase normal. A respiração tende a acalmar-se.

Três senhoras suspiraram aliviadas. (...)

As senhoras e mais dois cavalheiros, que se prontificavam a retirar agradeceram satisfeitos e comovidos. Permaneceram no aposento somente o médico e um irmão do agonizante. A melhora súbita tranqüilizara a todos. E, aos poucos, os fios cinzentos que se ligavam ao enfermo desapareceram sem deixar vestígios. (...)

Aproveitou Aniceto a serenidade ambiente e começou retirar o corpo espiritual de Fernando, desligando-o dos despojos, reparando eu que iniciara a operação pelos calcanhares, terminando na cabeça, à qual, por fim, parecia estar preso o moribundo por extenso cordão, tal como se dá com os nascituros terrenos. Aniceto cortou-o com esforço. O corpo de Fernando deu um estremeção, chamando o médico humano ao novo quadro. A operação não fora curta e fácil. Demora-se longos minutos, durante os quais vi o nosso instrutor empregar todo o cabedal de sua atenção e talvez de suas energias magnéticas.⁸³

Como já dissemos, não existe processo desencarnatório igual. A nossa intenção com este estudo é dar uma idéia geral do assunto. Aconselhamos aos interessados em aprofundar os conhecimentos sobre este tema o livro *O Céu e o Inferno* de Allan Kardec, e *Obreiros da Vida Eterna* do Espírito André Luiz, psicografado por Chico Xavier.

⁸³ “Os Mensageiros”, cap. 50.

3 – Preparação do Espírito para o Desencarne

Os Espíritos têm afirmado a todo instante que a maior dificuldade encontrada pelo desencarnante no outro plano da vida, e a maior dificuldade encontrada pelos guias encarregados de auxiliar neste processo, é a falta de preparo do recém liberto.

E é fácil de entender o porquê. Imagine se qualquer um de nós fôssemos travar conversação com um elemento que desconhecesse o nosso idioma, e nós desconhecêssemos o dele.. Já pensaram que dificuldade? E olha que, quanto ao desencarne, a situação é bem mais complexa.

Voltando às comparações, notamos que é comum a qualquer um de nós, quando da realização de uma viagem a um país estranho, realizarmos determinada programação. Que língua é falada neste país? Como vou fazer para me comunicar com seus habitantes? Qual a temperatura que está por lá? Será que a minha vestimenta está adequada? Qual a moeda que tem valor nesta região? Como realizar o câmbio?

Estas e outras questões são levantadas por nós, antes de emprendermos viagem.

E quanto ao desencarne, viagem que todos nós sabemos que mais cedo ou mais tarde vamos realizar, temos nos preparado adequadamente? Como fazer?

O Espírito Irmão X, no livro “Cartas e Crônicas”, traz valiosas anotações a respeito deste tema. Por isto, achamos melhor transcrever sua narrativa.

Segundo ele, devemos modificar em primeiro lugar, nossos antigos maus hábitos.

Comece a renovação de seus costumes pelo prato de cada dia. Diminua gradativamente a volúpia de comer a carne dos animais. O cemitério na barriga é um tormento, depois da grande transição. O lombo de porco ou bife de vitela, temperados com sal e pimenta, não nos situam muito longe dos nossos antepassados, os tamoios e os caiapós, que se devoravam uns aos outros.

Os excitantes largamente ingeridos constituem outra perigosa obsessão. Tenho visto muitas almas de origem aparentemente primorosa, dispostas a trocar o próprio Céu pelo uísque aristocrático ou pela nossa cachaça brasileira.

Tanto quanto lhe seja possível, evite os abusos do fumo. Infunde pena a angústia dos desencarnados amantes da nicotina.

Não se renda à tentação dos narcóticos. Por mais aflitivas lhe pareçam as crises do estágio no corpo, agüente firme os golpes da luta. As vítimas da cocaína, da morfina e dos barbitúricos demoram-se largo tempo na cela escura da sede e da inércia.

E o sexo? Guarde muito cuidado na preservação do seu equilíbrio emotivo. Temos aqui muita gente boa carregando consigo inferno rotulado de “amor”.

Se você possui algum dinheiro ou detém alguma posse terrestre, não adie doações, caso esteja realmente inclinado a fazê-las. Grandes homens, que admirávamos no mundo pela habilidade e poder com que concretizavam importantes negócios, aparecem, junto de nós, em muitas ocasiões, à maneira de crianças desesperadas por não mais conseguirem manobrar os talões de cheque.

Em família, observe cautela com os testamentos. As doenças fulminatórias chegam de assalto, e, se a sua papelada não estiver em ordem, você padecerá muitas humilhações, através de tribunais e cartórios.

Sobretudo, não se apegue demasiado aos laços consangüíneos. Ame a sua esposa, seus filhos e seus parentes com moderação, na certeza de que, um dia, você estará ausente deles e de que, por isso mesmo, agirão quase sempre em desacordo com a sua vontade, embora lhe respeitem a memória. Não se esqueça de que, no estado presente da educação terrestre, se alguns afeiçoados lhe registrarem a presença extraterrena, depois dos funerais, na certa intimá-lo-ão a descer aos infernos, receando-lhe a volta inoportuna.

Se você já possui o tesouro de uma fé religiosa, viva de acordo com os preceitos que abraça. É horrível a responsabilidade moral de quem já conhece o caminho, sem equilibrar-se dentro dele.

Faça o bem que puder, sem a preocupação de satisfazer a todos. Convença-se de que se você não experimenta simpatia por determinadas criaturas, há muita gente que suporta você com muito esforço.

Por essa razão, em qualquer circunstância, conserve o seu nobre sorriso.

Trabalhe sempre, trabalhe sem cessar.

O serviço é o melhor dissolvente de nossas mágoas.

Ajude-se através do leal cumprimento de seus deveres.

Quanto ao mais, não se canse nem indague em excesso, porque, com mais tempo ou menos tempo, a morte lhe oferecerá o seu cartão de visita, impondo-lhe ao conhecimento tudo aquilo que, por agora, não lhe posso dizer.⁸⁴

⁸⁴ “Cartas e Crônicas”, cap. 4.

4 – As Penas Futuras segundo o Espiritismo

A questão das penas futuras, sempre foi motivo de muitas dissensões entre os religiosos e aqueles que não possuem fé alguma. E se analisarmos com tranqüilidade, em muitas vezes, temos de dar razão aos não religiosos, devido à falta de lógica da teoria professada pelos ditos cristãos.

Também sobre este assunto, a Codificação Espírita trouxe muito esclarecimento. Transcrevemos abaixo, parte do texto escrito por Kardec em sua importante obra “O Céu e o Inferno”.

A doutrina Espírita, no que respeita às penas futuras, não se baseia numa teoria preconcebida; não é um sistema substituindo outro sistema (...). Ninguém jamais imaginou que as almas, depois da morte, se encontrariam em tais ou quais condições; são elas, essas mesmas almas, partidas da Terra, que nos vêm hoje iniciar nos mistérios da vida futura, descrever-nos sua situação feliz ou desgraçada, as impressões, a transformação pela morte do corpo, completando, em uma palavra, os ensinamentos do Cristo sobre este ponto (...).

O Espiritismo não vem, pois, com sua autoridade privada, formular um código de fantasia; a sua lei no que respeita ao futuro da alma, deduzida das observações do fato, pode resumir-se nos seguintes pontos:

1. A alma ou Espírito sofre na vida espiritual as conseqüências de todas as imperfeições que não conseguiu corrigir na vida corporal. O seu estado, feliz ou desgraçado, é inerente ao seu grau de pureza ou impureza.

2. A completa felicidade prende-se à perfeição, isto é, à purificação completa do Espírito. Toda imperfeição é, por sua vez, causa de sofrimento e de privação de gozo, do mesmo modo que toda a perfeição adquirida é fonte de gozo e atenuante de sofrimentos.

3. Não há uma única imperfeição da alma que não importe funestas e inevitáveis conseqüências, como não há uma só qualidade boa que não seja fonte de gozo (...).

4. Dependendo o sofrimento da imperfeição, como o gozo da perfeição, a alma traz consigo o próprio castigo ou prêmio, onde quer que se encontre, sem a necessidade de lugar circunscrito. O inferno está em toda parte em que haja almas sofredoras, e o céu igualmente onde houver almas felizes.

5. Sendo infinita a justiça de Deus, o bem e o mal são rigorosamente considerados, não havendo uma só ação, um só pensamento mau que não tenha conseqüências fatais, como não há uma única ação meritória, um só bom movimento da alma que se perca (...).

6. Toda falta cometida, todo mal realizado é uma dívida contraída que deverá ser paga; se o não for em uma existência, sê-lo-á na seguinte ou seguintes, porque todas as existências são solidárias entre si. Aquele que se quita numa existência não terá necessidade de pagar segunda vez (...).

7. Não há regra absoluta nem uniforme quanto à natureza e duração do castigo: - a única lei geral é que toda falta terá punição e terá recompensa todo ato meritório, segundo seu valor.

8. A duração do castigo depende da melhoria do Espírito culpado. Nenhuma condenação por tempo determinado lhe é prescrita (...).

9. Dependendo da melhoria do Espírito a duração do castigo, o culpado que jamais melhorasse sofreria sempre, e, para ele, a pena seria eterna (...).

10. O arrependimento conquanto seja o primeiro passo para a regeneração, não basta por si só; são precisas a expiação e a reparação. Arrependimento, expiação, e reparação, constituem as três condições necessárias para apagar os traços de uma falta e suas conseqüências (...). A necessidade da reparação é um princípio de rigorosa justiça, que se pode considerar verdadeira lei de reabilitação moral dos Espíritos.

11. Os Espíritos imperfeitos são excluídos dos mundos felizes, cuja harmonia perturbariam (...).

12. Como o Espírito tem sempre o livre-arbítrio, o progresso por vezes se lhe torna lento, e tenaz a sua obstinação no mal. Nesse estado pode persistir anos e séculos (...).

13. Quaisquer que sejam a inferioridade e perversidade dos Espíritos, Deus jamais os abandona. Todos têm seu anjo de guarda (...). A influência do anjo de guarda, contudo, faz-se quase sempre ocultamente e de modo a não haver pressão, pois que o Espírito deve progredir por impulso da própria vontade, nunca por qualquer sujeição (...).

14. Conquanto infinita a diversidade de punições, algumas há inerentes à inferioridade dos Espíritos (...). A punição mais imediata, sobretudo entre os que se acham ligados à vida material em detrimento do progresso espiritual, faz-se sentir pela lentidão do desprendimento da alma; nas angústias que acompanham a morte e o despertar na outra vida, na conseqüente perturbação que pode dilatar-se por meses e anos (...).

15. Um fenômeno mui freqüente entre os Espíritos de certa inferioridade moral, é o acreditarem-se ainda vivos (...).

16. Para o criminoso, a presença incessante das vítimas e das conseqüências do crime é um suplício cruel.

17. Espíritos há mergulhados em densa treva; outros se encontram em absoluto insulamento no Espaço, atormentados pela ignorância da própria posição, como da sorte que os aguarda (...). Alguns são privados de ver os seres queridos e todos, geralmente, passam com intensidade relativa pelos males, pelas dores e privações que a outrem ocasionaram (...).

18. O hipócrita vê desvendados, penetrados e lidos por todo o mundo os seus mais secretos pensamentos (...). O egoísta, desamparado de todos, sofre as conseqüências da sua atitude terrena; nem amigas mãos se lhe estenderão às suas mãos súplicas; e pois que em vida só de si cuidara, ninguém dele se compadecerá na morte.

19. O único meio de evitar ou atenuar as conseqüências futuras de uma falta, está no repará-la desfazendo-a no presente (...).

20. A situação do Espírito, no mundo espiritual, não é outra senão a por si mesmo preparada na vida corpórea (...).

21. Certo, a misericórdia de Deus é infinita, mas não é cega. O culpado que ela atinge não fica exonerado, e enquanto não houver satisfeito à justiça, sofre a conseqüência dos seus erros (...).

22. Às penas que o Espírito experimenta na vida espiritual ajuntam-se as da vida corpórea, que são conseqüentes às imperfeições do homem, às suas paixões, ao mau uso das suas faculdades e à expiação de presentes e passadas faltas. É na vida corpórea que o Espírito repara o mal de anteriores existências (...).

23. Todos somos livres no trabalho do próprio progresso, e o que muito, e depressa trabalha, mais cedo recebe a recompensa (...). O bem e o mal são voluntários e facultativos: livre, o homem não é fatalmente impelido para um nem para outro.

24. Em que pese a diversidade de gêneros e graus de sofrimentos dos Espíritos imperfeitos, o código penal da vida futura pode resumir-se nestes três princípios:

1. O sofrimento é inerente à imperfeição.

2. Toda imperfeição, assim como toda falta dela promanada, traz consigo o próprio castigo nas conseqüências naturais e inevitáveis: assim, a moléstia pune os excessos e da ociosidade nasce o tédio, sem que haja mister de uma condenação especial para cada falta ou indivíduo.

3. Podendo todo homem libertar-se das imperfeições por efeito da vontade, pode igualmente anular os males consecutivos e assegurar a futura felicidade.⁸⁵

⁸⁵ “O Céu e o Inferno”, I Parte, cap. VII.

Módulo XI

Mediunidade

1 – Conceito e Histórico

“Mediunidade é a faculdade de intermediar o plano físico e o plano espiritual. É uma faculdade orgânica, e não constitui patrimônio especial de grupos nem privilégio de castas.”⁸⁶

O Médiun é aquele que serve de instrumento entre os dois planos da vida.

De modo geral, podemos afirmar que todos somos médiuns, porque pelo simples fato de sofrermos influência de Espíritos, já estamos exercendo nossa mediunidade. De maneira mais específica, quanto à acentuação da faculdade, podemos salientar que a mediunidade é faculdade de poucos.

Em todos os tempos, a mediunidade revelou ao homem a existência do plano espiritual, por isso é vero afirmar que o fenômeno mediúnico não nasceu com o Espiritismo, e sim que existe desde as mais remotas eras da vida humana no planeta. Temos notícias das comunicações mediúnicas desde o homem primitivo caracterizando o mediunismo, passando por vários povos até atingir o rigor científico do século XIX.

As musas não eram senão a personificação alegórica dos Espíritos protetores das ciências e das artes, como, os deuses Lares e Penates simbolizavam os Espíritos protetores da família. Os feiticeiros, magos, adivinhos, e posteriormente oráculos, pítons e taumaturgos, eram todos médiuns mesmo que usando outras designações.

O profetismo em Israel tem sua origem em Moisés. No Velho Testamento, encontramos várias passagens em que o grande legislador conversa com Deus. É lógico que a conversa não é com o Criador, mas com um Espírito mensageiro de Deus. Porque Deus não entra em contato direto com os homens, mas para tal faz uso de Espíritos superiores que funcionam como intermediários entre Ele e os Espíritos de nosso nível evolutivo.

Para ilustrar, transcrevemos abaixo uma passagem do livro “Êxodo”, em que tal fato acontece:

E apareceu-lhe o anjo do Senhor em uma chama de fogo no meio duma sarça. Moisés olhou, e eis que a sarça ardia no fogo, e a sarça não se consumia; pelo que disse: Agora me virarei para lá e verei esta maravilha, e porque a sarça não se queima.

E vendo o Senhor que ele se virara para ver, chamou-o do meio da sarça, e disse: Moisés, Moisés! Respondeu ele: Eis-me aqui.

Prosseguiu Deus: Não te chegues para cá (...) (*Êxodo*, 3: 2 a 5)

Notamos que no princípio o narrador bíblico diz ser o “anjo do Senhor”, e depois o próprio Deus.

⁸⁶ “Estudos Espíritas”, cap. 18.

Essas confusões acontecem devido à falta de informação a respeito do tema. Informação que só a Doutrina Espírita, com o seu estudo sistematizado, pode oferecer.

Moisés é um médium espetacular. Em muitos momentos ele vê, em outros ele ouve, e até fenômenos de efeitos físicos ele realiza com muita naturalidade.

É muito comum ouvir de irmãos nossos de outras religiões, a afirmação de que o Espiritismo encontra-se em erro diante de Deus, porque Moisés proibiu o exercício da mediunidade. Vejamos a citação bíblica a que eles se referem:

Quando entrares na terra que o Senhor teu Deus te dá, não aprenderás a fazer conforme as abominações daqueles povos.

Não se achará no meio de ti quem faça passar pelo fogo o seu filho ou a sua filha, nem adivinhador, nem prognosticador, nem agoureiro, nem feiticeiro, nem encantador, nem quem consulte um espírito adivinhador, nem mágico, nem quem consulte os mortos; pois todo aquele que faz estas coisas é abominável ao Senhor, e é por causa destas abominações que o Senhor teu Deus os lança fora de diante de ti

Perfeito serás para com o Senhor teu Deus.

Porque estas nações, que hás de possuir, ouvem os prognosticadores e os adivinhadores; porém, quanto a ti, o Senhor teu Deus não te permitiu tal coisa. *(Deuteronômio, 18: 9 a 14)*

Em primeiro lugar, gostaríamos de dizer que se Moisés proibiu, é porque a mediunidade existe; ninguém proíbe algo que inexistente. Depois, podemos afirmar que o que Moisés proibiu o Espiritismo também condena, que é o mau uso desta faculdade.⁸⁷

Quanto à mediunidade em si, ele mesmo deu várias provas de que a aprovava. Vejamos a seguinte passagem do livro “Números”:

Mas no arraial ficaram dois homens; chamava-se um Eldade, e o outro Medade; e repousou sobre eles o espírito, porquanto estavam entre os inscritos, ainda que não saíram para irem à tenda; e profetizavam no arraial.

Correu, pois um moço, e o anunciou a Moisés, dizendo: Eldade e Medade profetizaram no arraial.

Então Josué, filho de Num, servidor de Moisés, um de seus mancebos escolhidos, respondeu e disse: Meu Senhor Moisés, proíbe-lho

Moisés, porém, disse-lhe: Tens tu ciúmes por mim? Oxalá que do povo do Senhor todos fossem profetas, que o Senhor pusesse o seu espírito sobre eles! *(Números, 11: 26 a 29)*

Desta forma, fica claro que Moisés não só não proíbe a mediunidade, como até dela faz uso.

Mas a mediunidade chega ao seu ápice com Jesus, porque o Mestre não foi um médium comum, mas o “Excelso Médium de Deus”. Por seu intermédio, toda a Lei Divina se fez visível, e o seu grau de sintonia com o Pai era tal, que Ele mesmo nos afirmou:

“Eu e o Pai somos um.” (João, 10: 30)

⁸⁷ Ver “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, cap. XXVI.

O Cristianismo, desde a Ressurreição até o Concílio de Nicéia, fez uso constante da Mediunidade. Através deste concílio realizado no ano 325 de nossa era, na cidade de Constantinopla, foi condenado o uso da mediunidade e outros pontos mantidos pelos primeiros cristãos, dando início à desagregação e à decomposição do Cristianismo em suas legítimas bases, que fora tão profundamente marcado pelo dia de Pentecostes.

Na Idade Média, época de obscurantismo, os médiuns são perseguidos e maltratados como feiticeiros. Temos como exemplo a excepcional Médium Joana D’Arc, que em todos os lugares era inspirada por seres invisíveis, escutava suas vozes, e por eles deixava-se dirigir, tornando-se assim a “Heróica Virgem de Domremy”.

Podemos citar ainda como expoentes significativos da mediunidade, Dante Alighieri, que sob influência espiritual escreveu “A Divina Comédia”, Goethe e sua obra mediúnica “O Fausto”, e mais tarde, os já conhecidos dos espíritas, Emmanuel Swedenborg, Andrew Jackson Davis, Eusápia Paladino, entre outros.

Este breve relato mostra assim que a mediunidade é imanente no próprio homem.

Talvez por isso, o Cristo, em toda a sua sabedoria, afirma ao apóstolo Pedro:

Bem aventurado és tu, Simão Barjonas, porque não foi carne e sangue que to revelou, mas meu Pai, que está nos céus. Pois eu te digo que tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha igreja (...) (*Mateus, 16: 17 e 18*)

2 – Tipos de Mediunidade

Quanto aos tipos, a mediunidade pode ser classificada em:

Mediunidade de efeitos físicos e mediunidade de efeitos inteligentes.

Mediunidade de Efeitos Físicos

É aquela em que a ação dos Espíritos produz efeitos na matéria. Estes fenômenos sensibilizam diretamente os órgãos dos sentidos dos observadores. Por isto, esses fenômenos são também chamados de materiais ou objetivos.

Podemos classificá-los desta maneira:

Sonoros: Vão desde os simples “raps”(pancadas secas) até os estrondos, passando pelos fenômenos em que é produzida música, sem haver instrumentos no local.

Quando podemos formar com estes efeitos sonoros uma linguagem através de códigos, temos a tipologia que, por sua vez, pode ser:

- **Interior:** Pancadas produzidas no interior do objeto, sem movimento externo.
- **Bascular:** Com movimento de objeto para dar as pancadas, por exemplo, mesa que bate com um dos pés.
- **Alfabética:** Quando as pancadas produzidas mostram a letra desejada do alfabeto.
- **Sematologia:** Quando as luzes, os sons ou o movimento dos objetos deixam transparecer uma vontade ou intenção ou um determinado sentimento.
- **Luminosos:** Produção de centelhas, clarões e luzes.

Motores: Movimentação de corpos inertes, sem qualquer contato físico ou outro meio material. Nesta categoria de fenômenos, destacam-se:

- **Levitação:** Um ser ou objeto é suspenso no ar, aparentemente contrariando a lei da gravidade.
- **Transporte:** Quando um ser ou objeto é levado de um local para outro.

Materialização: Formação(parcial ou total) de coisas ou corpos. Normalmente são temporárias.

Transfiguração: É a modificação dos traços fisionômicos do médium ou do seu aspecto geral.

Voz Direta: Produção de sons correspondentes à voz humana, articulada e audível por todos os presentes.

Escrita Direta: Trata-se da produção de escrita sem o concurso de mãos humanas.

Mediunidade de Efeitos Inteligentes

Estes efeitos são também chamados intelectuais ou subjetivos, porque os fenômenos ocorrem na esfera subjetiva do médium. Desta forma, não ferindo os cinco sentidos do médium, não são todos que os percebem.

Podemos dividi-la em:

Intuitiva: Quando o médium percebe a realidade do plano espiritual ou pensamentos dos Espíritos, mas somente pela intuição.

Vidência: Permite aos médiuns ver os Espíritos. Uns gozam desta faculdade em estado normal, ou seja, de vigília, outros só a possuem em estado de sonambulismo.

Audiência: É a faculdade de ouvir a “voz” dos Espíritos.

Psicometria: Através deste tipo de mediunidade, o médium consegue, pela captação da energia impregnada nos objetos, informações históricas dos seres ligados a este objeto ou dos próprios objetos.

Psicofonia: O Espírito fala, usando o aparelho físico do médium. Este, por sua vez, transmite as comunicações de forma mais ou menos consciente, de acordo com a categoria de sua mediunidade. Queremos sempre lembrar que não há incorporação do Espírito, mas que esse age sobre a corrente nervosa do médium.

Psicografia: É a mediunidade que permite ao médium escrever sob a influência do Espírito. Através deste método, os Espíritos revelam melhor sua natureza e o grau de aperfeiçoamento, ou da sua inferioridade.

Podemos classificá-la desta forma:

- **Mecânica:** O médium age em um certo grau de inconsciência, que é como se o Espírito dirigisse a sua mão, independente da sua vontade. No entanto, o médium permanece vigilante em Espírito durante a comunicação, podendo retomar o controle de suas faculdades no momento que lhe aprouver.
- **Semi-Mecânica:** O médium sente que a sua mão é impulsionada pelo Espírito, mas tem consciência do que escreve, à medida que as palavras são formadas, e o controle é maior de sua parte.
- **Intuitiva:** Como o próprio nome diz, é uma comunicação intuitiva. O Espírito não atua sobre a mão do médium, mas sobre a sua alma. Esta dirige a sua mão, que por sua vez dirige o lápis.

3 – Objetivos da Mediunidade

Tendo o Espiritismo como objetivo, reviver o Evangelho de Jesus, e sendo a mediunidade um de seus instrumentos, só podemos pensar em mediunidade se for com Jesus, ou seja, mediunidade em favor do próximo.

*Reconhecerás que não reténs com ela um distrito de entretenimento ou vantagens pessoais e sim um templo-oficina (...).*⁸⁸ Através deste ensinamento, nosso instrutor Emmanuel destaca o caráter de trabalho da mediunidade. “Oficina” é local de trabalho, de consertar ou de fazer da maneira correta. E se a oficina produzir só para o seu dono, de que é que ele vai viver? Portanto, a oficina tem de gerar o bem para a comunidade. Da mesma forma, a mediunidade deve ser exercida com o pensamento, visando o bem de nosso semelhante. No templo é onde tratamos as questões espirituais, é onde nos encontramos com o Criador. Por isto Emmanuel trata a mediunidade como “templo-oficina”, ou seja, trabalho realizado com fins espirituais, sabendo sempre que quem dirige não é o elemento encarnado, mas os Espíritos trabalhadores da Seara do Cristo.

Através do qual os benfeitores desencarnados se aproximam dos homens, continua Emmanuel, tão diretamente quanto lhes é possível, apontando-lhes rumo certo ou lenindo-lhes os sofrimentos, tanto quanto lhe utilizarás os recursos para socorrer desencarnados, que esperam ansiosamente quem lhes estenda uma luz ao coração desorientado.⁸⁹

Consolar e esclarecer são outros objetivos da mediunidade, como da própria Doutrina Espírita.

Quando o Cristo se manifestou a respeito do Espiritismo, tratou-o como “O Consolador” e disse que ele nos ensinaria todas as coisas:

E eu rogarei ao Pai, e ele vos dará outro Consolador, para que fique convosco para sempre.(...)

Mas o Consolador, o Espírito Santo a quem o Pai enviará em meu nome, esse vos ensinará todas as coisas, e vos fará lembrar de tudo quanto eu vos tenho dito. (*João, 14: 16 e 26*)

E a mediunidade realmente tem esclarecido muitas coisas. Só a revelação do plano espiritual por si só bastava, mas não pára por aí, ela tem nos antecipado muitos conhecimentos que mais tarde a Ciência poderá confirmar, e outros que ainda virão.

Quanto à consolação, que diga aquele que achando ter um ente querido desaparecido por vias da morte, recebe dele, com toda confirmação, uma comunicação dizendo não estar ele morto, mas em outro plano da mesma vida, e muito mais próximo que possa qualquer um de nós supor.

Se o auxílio é sempre grande de lá para cá, não menos é daqui para lá. É muito comum Espíritos desencarnados em desequilíbrio receberem auxílio e orientação através de reuniões realizadas em nossos Centros Espíritas.

Podemos então, concluindo, enumerar alguns objetivos da mediunidade:

⁸⁸ “Encontro Marcado”, cap. 28.

⁸⁹ Idem.

Para os encarnados:

- Cooperação no serviço de reconforto e esclarecimento.
- Auto-educação, pela renovação dos sentimentos e pela oportunidade de trabalho, que quando bem executado, em muito eleva o Espírito.
- Construção de afeições muito valiosas no plano espiritual, consolidadas em base de cooperação e amizade superior.
- Conhecimento do plano espiritual, o que muito lhe auxiliará quando do seu desencarne.

Para os Desencarnados:

- Melhor entendimento do processo evolutivo a que todos estamos sujeitos, nos dois planos da vida.
- Aqueles que sofrem pela falta de entendimento da nova vida, têm na mediunidade oportunidade segura de melhor compreender sua situação, e assim programar atitudes renovadoras.
- Transmissão aos encarnados de valiosos ensinamentos ministrados por Espíritos de alta hierarquia espiritual.

Poderíamos ainda, enunciar muitos outros objetivos desta Divina faculdade, mas essas, no nosso entender, já são suficientes para mostrar a excelsitude da mediunidade.

Para finalizar, algumas palavras do bondoso Espírito Emmanuel, para nossa meditação:

Terás a mediunidade por flama de amor e serviço, abençoando e auxiliando onde estejas, em nome da Excelsa Providência, que te fez semelhante concessão por empréstimo. E nos dias em que esse ministério de luz te pese demasiado nos ombros, volta-te para o Cristo, o Divino Instrumento de Deus na Terra, e perceberás, feliz, que o coração crucificado por devotamento ao bem de todos, conquanto pareça vencido, carrega em triunfo a consciência tranqüila do vencedor.⁹⁰

⁹⁰ “ Encontro Marcado”, cap. 28.

4 – O Passe

O passe é uma transfusão de fluidos de um ser para outro. Desta forma, o passe é uma fluidoterapia.

Antes de entrarmos no estudo do passe propriamente dito, gostaríamos de tecer alguns comentários sobre os fluidos.

Do ponto de vista da ciência oficial, fluido é a denominação da fase não sólida da matéria. O dicionário Aurélio traz a seguinte informação: *Diz-se das substâncias líquidas ou gasosas.*

À luz do Espiritismo, este conceito se torna mais amplo.

A matéria, à medida que se torna mais rarefeita, fica invisível aos nossos olhos, tomando aspectos mais sutis, a que denominamos fluidos.

No livro, “Do Sistema Nervoso à Mediunidade”, o Dr. Ary Lex diz que:

À medida que se rarefaz, ganha (a matéria) novas propriedades, entre as quais uma irradiação progressivamente maior, tomando uma forma de energia. A física moderna praticamente derrubou a separação rígida entre a matéria e a energia, considerando-as substancialmente a mesma coisa, em graus de concentração e estrutura diferentes.

Assim, podemos dizer que fluido é um tipo de matéria ultra-rarefeita e formas de energia.

- **Fluido Cósmico Universal:** Como sabemos, toda a matéria que existe, é oriunda do “Fluido Cósmico Universal” que, segundo André Luiz, é o “plasma divino”.⁹¹ Sua natureza nos é desconhecida, e apresenta-se em estados que vão da imponderabilidade à condensação.
- **Fluidos Espirituais:** São os fluidos que formam a atmosfera do plano espiritual. Desses fluidos é extraída a “matéria” do mundo invisível.
- **Fluidos Perispirituais:** São os fluidos absorvidos, assimilados e individualizados pelo perispírito. Possuem características próprias, podendo por isto ser distinguidos dos demais. Esses fluidos circulam no perispírito sob o comando da mente. São eles que formam a “Aura”.
- **Fluido (ou Princípio) Vital:** É o agente da vida orgânica, e sua união com a matéria é que animaliza esta. Como todos os outros, também tem como fonte o Fluido Cósmico Universal.

Os Espíritos podem agir sobre os fluidos. É pelo pensamento que eles o fazem. Esta ação pode ser consciente ou inconsciente, visto que basta pensar para exercer influência sobre eles. E é através deste agir que podemos dar qualidade aos fluidos, que por si só são neutros.

Voltando ao conceito de passe, agora entendendo que o passe seja uma transfusão de fluidos de um ser para o outro.

⁹¹ “Evolução em Dois Mundos”, I Parte, cap I.

Este tratamento através dos fluidos, é utilizado desde as eras mais remotas da humanidade.

Para nos referirmos apenas à era cristã, vemos a utilização do passe com base das curas realizadas por Jesus, e depois pelos primeiros cristãos.

Mecanismo do Passe

Quanto ao mecanismo do passe, os fatos mais importante são: o pensamento (fazendo a sintonia com a espiritualidade encarregada do trabalho), a vontade e a condição receptiva tanto do passista, quanto do paciente.

Através do pensamento e da vontade, o passista capta os fluidos e os direciona para o assistido. Mas, se esse não estiver preparado no que diz respeito a uma boa condição receptiva, o passe torna-se sem efeito.

Além do preparo por parte de ambos, tem de haver um clima de confiança entre os dois, formando assim um elo, onde o auxílio possa se fazer na proporção do crédito de cada um.

Quanto à forma de se aplicar o passe, o fator externo pouco importa, o que vale mais, como já dissemos, é a sintonia, a vontade e a condição receptiva dos envolvidos no processo.

Preparo do Médium e do Paciente

É muito comum, quando se fala em passe, pensar no preparo só do médium. Mas e o paciente, é preciso um preparo também por parte deste?

Ora, se o passe é uma transfusão de energias fisiopsíquicas, é preciso que tanto o doador como o receptor estejam preparados, porque se não houver sintonia por parte de um dos envolvidos, este fica prejudicado por não poder fazer parte da cadeia espiritual, ficando desta forma isolado no processo.

O que é realmente importante como preparo?

Se estamos falando de coisas espirituais, o preparo deve ser espiritual. Como o passe é fisiopsíquico, temos de nos preparar tanto no campo físico como no espiritual.

Portanto, devemos cultivar:

- Boa vontade, sentimentos de amor, prece, mente equilibrada, fé, etc.. É importante também alimentação adequada, descanso físico e saúde equilibrada.

Como conseqüência, são fatores negativos:

- As mágoas, as paixões, alimentos pesados, alcoólicos, desequilíbrio nervoso, inquietude, entre outros.

Outro fator também muito importante é a disciplina no que diz respeito ao horário. Por se tratar de assunto que envolve também, e principalmente, a espiritualidade, a disciplina é fator essencial.

Tipos de Passe

No que diz respeito ao tipo, o passe ser classificado da seguinte forma:

- **Magnético:** Quando ministrado somente com os recursos magnéticos do passista, embora seja quase impossível a existência deste tipo de passe, pois o próprio Jesus afirmou: “Porque onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, aí estou eu no meio deles.” (Mateus, 18: 20)
- **Espiritual:** É o passe ministrado somente pelos Espíritos, usando seus próprios fluidos sem a colaboração de médiuns. Qualquer um de nós, desde que se faça merecedor, pode receber este passe. Basta orar e colocar-se em receptividade.
- **Humano Espiritual:** É o passe dado através da combinação de fluidos do Espírito e do passista. Este é o mais usual entre os tipos de passe. É através dele que o médium tem a grande oportunidade do trabalho.
- **Mediúnico:** É quando o Espírito desencarnado se manifesta durante o passe. Este tipo não é aconselhável, visto o ambiente do passe não ser ideal para manifestação mediúnica, pela falta de controle, por parte do dirigente, do teor das comunicações, entre outros motivos.

O passe ainda pode ser classificado sob o aspecto da presença ou ausência do paciente:

- **Direto**, o passe dado na presença física daquele que recebe.
- **À distância**, situação em que o enfermo está ausente. O médium, neste caso, ora e pede o passe em favor da pessoa que está distante, e a espiritualidade, conforme a vontade do Pai, aplica-o.

É importante, em um estudo sobre o passe, falar um pouco a respeito da água fluidificada, pois essa é um dos maiores recursos nos tratamentos fluidoterápicos.

Para tal, recorreremos a uma mensagem recebida por Francisco Cândido Xavier, em sessão pública na noite de 05/06/50 em Pedro Leopoldo, Minas Gerais:

A água fluidificada

E qualquer que tiver dado só que seja um copo d’água fria por ser meu discípulo, em verdade vos digo que, de modo algum, perderá o seu galardão. – *Jesus (Mateus, 10: 42)*

Meu amigo, quando Jesus se referiu à benção do copo de uma água fria, em seu nome, não apenas se reportava à compaixão rotineira que sacia a sede comum. Detinha-se o Mestre no exame de valores espirituais mais profundos.

A água é, dos corpos, o mais simples e receptivo da Terra. É como que a base pura, em que a medicação do Céu pode ser impressa, através de recursos substanciais de assistência ao corpo e à alma, embora em processo invisível aos olhos mortais.

A prece intercessória e o pensamento de bondade representam irradiações de nossas melhores energias.

A criatura que ora ou medita exterioriza poderes, emanções e fluidos que, por enquanto, escapam a nossa análise da inteligência vulgar e a linfa potável recebe a influencição, de modo claro, condensando linhas de força magnética e princípios elétricos que aliviam e sustentam, ajudam e curam.

A fonte procede do coração da Terra e a rogativa que flui no limo da alma, quando se unem na difusão do bem, operam milagres.

O Espírito que se eleva na direção do céu é antena viva, captando potências da natureza superior, podendo distribuí-las em benefício de todos os que lhes seguem a marcha.

Ninguém existe órfão de semelhante amparo.

Para auxiliar a outrem e a si mesmo, bastam a boa vontade e a confiança positiva.

Reconheçamos, pois, que o Mestre, quando se referiu à água simples, doada em nome da sua memória, reportava-se ao valor real da providência, em benefício da carne e do Espírito, sempre que estacionem através de zonas enfermas.

Se desejas, portanto, o concurso dos Amigos Espirituais, na solução de tuas necessidades fisiológicas ou dos problemas de saúde e equilíbrio dos companheiros, coloca o teu recipiente de água cristalina à frente de tuas orações, espera e confia. O orvalho do Plano Divino magnetizará o líquido, com raios de amor, em forma de benção, e estarás, então, consagrando o sublime ensinamento do copo de água pura, abençoado nos Céus.⁹²

Considerações Finais

O passe é um recurso de emergência para tratamento de todos os tipos de doença. Mas como toda terapia não deve ser usada indiscriminadamente, remédio não deve ser tomado a toda hora, mas só no momento necessário.

Quanto à cura propriamente dita, esta só se dá pela recuperação do Espírito através da evangelização na busca da reforma íntima.

Lembremos assim da afirmativa de Jesus ao paralítico de Betesda:

Olha, já estás curado; não peques mais, para que não te suceda coisa pior.
(*João, 5: 14*)

⁹² “Passes e Curas Espirituais”, pág. 140.

Módulo XII

Influência dos Espíritos na Nossa Vida

1 - Influência dos Espíritos em Nossos Pensamentos

Influem os Espíritos em nossos pensamentos e em nossos atos? Esta pergunta foi feita pelo iluminado Codificador do Espiritismo, Allan Kardec, aos Espíritos quando da elaboração de “O Livro dos Espíritos”, ao que eles responderam:

Muito mais do que imaginais. Influem a tal ponto, que, de ordinário, são eles que vos dirigem.⁹³

Analisando a resposta dos Espíritos, vemos que, na maioria das vezes, nós encarnados, agimos sob influência de entidades do plano espiritual que se acham em afinidade conosco. Isto de certa forma já acontece entre os encarnados. Emmanuel afirma que:

nossas emoções, pensamentos e atos são elementos dinâmicos de indução.

E – complementa – todos exteriorizamos a energia mental, configurando as formas sutis com que influenciemos o próximo, e todos somos afetados por essas mesmas formas nascidas nos cérebros alheios.

Cada atitude de nossa existência polariza forças naqueles que se nos afinam com o modo de ser, impelindo-os à imitação consciente ou inconsciente.⁹⁴

Se isto ocorre entre os encarnados, natural é que ocorra da mesma maneira entre encarnados e desencarnados.

É pelo nível de nossos pensamentos que formamos nossa vibração, e é por esta que atraímos Espíritos que vibram no mesmo nível.

Este é o processo de indução mental a que estamos submetidos, e é por isso que os Espíritos Codificadores afirmam *que, de ordinário, são eles que vos dirigem*.

Voltando novamente a Emmanuel neste mesmo livro:

Assim também na vida comum, a alma entra em ressonância com as correntes mentais em que respiram as almas que se lhe assemelham.

Assimilamos os pensamentos daqueles que pensam como pensamos.

É que sentindo, mentalizando, falando ou agindo, sintonizamo-nos com as emoções e idéias de todas as pessoas, encarnadas ou desencarnadas, da nossa faixa de simpatia.

Estamos invariavelmente atraindo ou repelindo recursos mentais que se agregam aos nossos, fortificando-nos para o bem ou para o mal, segundo a direção que escolhemos (...)

O desejo é a alavanca de nosso sentimento, gerando a energia que consumimos segundo a nossa vontade.⁹⁵

⁹³ “O Livro dos Espíritos”, questão 459.

⁹⁴ “Pensamento e Vida”, cap. 9.

Neste texto de Emmanuel, vemos duas informações importantes:

1ª: Que os recursos mentais atraídos podem nos fortalecer para o bem ou para o mal.

É muito comum, ao analisarmos a influência dos Espíritos, falar só do aspecto negativo. Esquecemos que também os Espíritos afinados com o bem podem nos influenciar, portanto a questão é de escolha.

2ª: *O desejo é a alavanca de nosso sentimento...* Todavia, se quisermos mudar a faixa de influência, antes do nosso pensamento, é preciso mudar o que desejamos, porque o desejo é a base de nosso sentimento, e é esse o gerador de nossos pensamentos.

Como ilustração, citaremos um caso de influência no sentido de desencarnado para encarnado que encontramos em uma narrativa do Espírito André Luiz.

Em sua residência, o senhor Cláudio Nogueira descansava em um sofá, lendo um jornal vespertino e fazendo uso do cigarro em demasia. A essa altura surgiram dois irmãos desencarnados abordando-o e agindo sem cerimônia:

Um deles tateou-lhe um dos ombros e gritou insolente:

-Beber, meu caro, quero beber!

A voz escarnekadora agredia-nos a sensibilidade auditiva. Cláudio porém, não lhe pescava o mínimo som. Mantinha-se atento à leitura. Inalterável. Contudo, se não possuía tímpanos físicos para qualificar a petição, trazia na cabeça a caixa acústica da mente sintonizada com o paciente.

O assessor inconveniente repetiu a solicitação, algumas vezes, na atitude de hipnotizador que insufla o próprio desejo, reasseverando uma ordem.

O resultado não se fez demorar. Vimos o paciente desviar-se do artigo político em que se entranhava. Ele próprio não explicaria o súbito desinteresse de que se notava acometido pelo editorial que lhe apresara a atenção.

Beber! Beber!...

Cláudio abrigou a sugestão, convicto de que se inclinava para um trago de uísque exclusivamente por si.

O pensamento se transmudou, rápido, como a usina cuja corrente se desloca de uma direção para outra, por efeito da nova tomada de força.

Beber, beber!... e a sede de aguardente se lhe articulou a idéia, ganhando forma. A mucosa pituitária se lhe aguçou, como que mais fortemente impregnada do cheiro acre que vagueava no ar. O assistente malicioso coçou-lhe brandamente os gorgomilos. O pai de Marina sentiu-se apoquentado. Indefinível secura constrangia-lhe o laringe. Ansiava tranquilizar-se.

O amigo sagaz percebeu-lhe a adesão tácita e colou-se a ele. De começo, a carícia leve; depois da carícia agasalhada, o abraço envolvente; e depois do abraço de profundidade, a associação recíproca.

Integraram-se ambos em exótico sucesso de enxertia fluídica (...)

⁹⁵ “Pensamento e Vida”, cap. 8.

Ali, no entanto, produzia-se algo semelhante ao encaixe perfeito.

Cláudio -homem absorvia o desencarnado, à guisa de sapato que se ajusta ao pé. Fundiram-se os dois como se morassem eventualmente num só corpo (...)⁹⁶

Este é um caso simples de influência dos Espíritos em nossos pensamentos, mas que acontece todos os dias. Baseados neste acontecimento, vemos a importância da máxima evangélica : “Vigiai e Orai”.

⁹⁶ “Sexo e Destino”, cap. VI.

2 – Espíritos Protetores

Ensina a Doutrina Espírita que contamos com a ajuda dos Espíritos desencarnados, voltados ao bem, os quais, pela intuição, buscam nos orientar e auxiliar.

Constituídos por entidades amigas, Espíritos familiares, desta ou de outras existências, os Espíritos protetores incumbem-se de nos induzir ao esforço do bem e do progresso.

Dentre os Espíritos protetores, destacamos os chamados guias espirituais, que se vinculam, particularmente, a um indivíduo para protegê-lo. Estes Espíritos têm como missão guiar o seu tutelado pela senda do bem, além de auxiliá-lo com suas orientações, animá-lo e consolá-lo diante das dificuldades. Desde o nascimento até o momento do desenlace, e muitas vezes até depois deste, o guia está ligado ao seu protegido, buscando reerguê-lo espiritualmente.

Nos momentos difíceis compete a nós buscarmos o auxílio de nossos guias que, em nome da Providência Divina, vêm nos socorrer.

Mas não podemos ficar dependendo só de nossos anjos tutelares, é a nós que cabe a vitória ou a derrota diante de nossas imperfeições.

Sobre o auxílio de forma absoluta dos nossos guias, Emmanuel, em “O Consolador”, alerta:

Um guia espiritual poderá cooperar sempre em vossos trabalhos, seja auxiliando-vos nas dificuldades, de maneira indireta, ou confortando-vos, na dor, estimulando-vos para a edificação moral, imprescindível à iluminação de cada um; entretanto, não deveis tomar as suas expressões fraternas por promessa formal, no terreno das realizações do mundo, porquanto essas realizações dependem do vosso esforço próprio e se acham entrosadas no mecanismo das provações indispensáveis ao vosso aperfeiçoamento.⁹⁷

Na questão 226 da obra citada, o mesmo Emmanuel, completa:

Essa colaboração apenas se verifica como no caso dos irmãos mais velhos, ou de amigos mais idosos nas experiências do mundo.

Os mentores do Além poderão apontar-vos os resultados dos seus próprios esforços na Terra, ou, então, aclarar os ensinamentos que o homem já recebeu através da misericórdia do Cristo e da benevolência dos seus enviados, *mas em hipótese alguma poderão afastar a alma encarnada do trabalho que lhe compete, na curta permanência das lições do mundo (...)* (grifo nosso)

A palavra do guia é agradável e amiga, mas o trabalho de iluminação pertence a cada um (...)

Segundo orientação dos próprios Espíritos, se a criatura não escuta os conselhos de seu guia, este se afasta, mas não o abandona definitivamente, ficando atento para auxiliá-lo sempre que seu tutelado voltar ao caminho correto.

⁹⁷ “O Consolador”, questão 194.

Sobre a evolução dos guias espirituais, “O Livro dos Espíritos” esclarece, que são eles de natureza sempre superior, com relação ao seu protegido,⁹⁸ mas o bom senso diz que não poderão ser de natureza muito superior, porque senão não haverá possibilidade de sintonia.

A Doutrina Espírita alerta ainda que como os indivíduos, também os lares, as famílias e as coletividades têm seus Espíritos protetores, cuja elevação está sempre de acordo com a importância da tarefa a realizar.

Como exemplo, temos:

Jesus, o guia de nosso Orbe; Ismael, o guia de nosso país, e muitos outros que desconhecemos o nome, no entanto, temos a certeza de sua existência.

Sempre que iniciamos um trabalho em bases de amor, em nome do Cristo, a Espiritualidade vinculada à divulgação da Boa Nova entre os homens, destaca um Espírito afim ao trabalho, para que oriente os trabalhadores envolvidos no mesmo, com a finalidade de guiá-los para um melhor desenvolvimento deste. Assim temos os guias das nossas reuniões, das nossas campanhas de assistências, dos nossos centros espíritas, entre outros.

Concluindo, onde estiver a criatura, desde que esteja em sintonia com as forças do bem, jamais estará desamparada do auxílio desses enviados do Senhor, e nos momentos difíceis, como Jesus nos disse, também poderemos dizer:

Ou pensas tu que eu não poderia rogar a meu Pai, e que ele não me mandaria agora mesmo mais de doze legiões de anjos? (*Mateus, 26: 53*)

⁹⁸ “O Livro dos Espíritos”, questão 514.

3 – Obsessão

Do latim, **obsessione**, a palavra obsessão significa: impertinência, perseguição, vexação; Preocupação com determinada idéia, que domina doentamente o espírito, e resultante ou não de sentimentos recalçados; idéia fixa; mania.⁹⁹

Normalmente o termo obsessão é usado como significado de idéia fixa em alguma coisa, como a definir um estado mental doentio.

Após a Codificação Espírita, esta palavra ganhou um significado mais profundo:

A obsessão é a ação persistente que um Espírito mau exerce sobre um indivíduo. Apresenta-se caracteres muito diversos, desde a simples influência moral, sem perceptíveis sinais exteriores, até a perturbação completa do organismo e das faculdades mentais.¹⁰⁰

Com este conceito, Kardec, aproveitando o significado vulgar, aprofundou-o mostrando as suas causas. Temos então que a obsessão é um distúrbio mental gerado por influência negativa dos Espíritos, tendo suas causas no passado culposo da criatura através de comportamentos distantes da moral.

O Espírito Manoel Philomeno de Miranda chega a afirmar que somente há obsidiados porque há endividados espirituais.¹⁰¹

Segundo Emmanuel, a obsessão é o equilíbrio de forças inferiores, retratando-se entre si. E continua: Fenômeno de reflexão pura e simples, não ocorre tão somente dos chamados mortos para os chamados vivos, porque, na essência, muita vez aparece entre os próprios Espíritos encarnados a se subjugarem reciprocamente pelos fios invisíveis da sugestão.¹⁰²

Com isto, nosso querido mentor nos alerta que a obsessão é um processo de sintonia, e sempre de forma bilateral, porque é sustentada por um intercâmbio que funciona tanto de lá para cá, como de cá para lá.

Nesta mesma iluminada página Emmanuel diz que:

Toda obsessão começa pelo debuxo vago do pensamento alheio que nos visita, oculto.

Hoje é um pingo de sombra, amanhã linha firme, para depois, fazer-se um painel vigoroso, do qual assimilamos apelos infelizes.

Desta forma, vemos o caráter gradativo do processo obsessivo, e novamente a importância do “Vigiai e Orai”.

⁹⁹ Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa.

¹⁰⁰ “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, cap. XXVIII, Item 81.

¹⁰¹ “Grilhões Partidos”, Prefácio item 3.

¹⁰² “Pensamento e Vida”, cap. 27.

Mecanismo da obsessão

Manoel Philomeno de Miranda, pela mediunidade de Divaldo P. Franco, informa como se dá o processo obsessivo. Vejamos a narrativa:

Quando o Espírito é encaminhado à reencarnação, traz, em forma de “matrizes” vigorosas no perispírito, o de que necessita para a evolução. Imprimem-se, então, tais fulcros nos tecidos em formação da estrutura material de que se utilizará para as provações e expiações necessárias. Se se volta para o bem e adquire títulos de valor moral, desarticula os condicionamentos que lhe são impostos para o sofrimento e restabelece a harmonia nos centros psicossomáticos, que passam, então, a gerar novas vibrações aglutinantes de equilíbrio, a se fixarem no corpo físico em forma de saúde, de paz, de júbilo... Se todavia, por indiferença ou por prazer, jornadaia na frivolidade ou se encontra adormecido na indolência, no momento próprio desperta automaticamente o mecanismo de advertência, desorganizando-lhe a saúde e surgindo, por sintonia psíquica, em consequência do desajustamento molecular no corpo físico, as condições favoráveis a que os germens-vacina que se encontram no organismo proliferem, dando lugar às enfermidades desta ou daquela natureza. Outras vezes, como os recursos trazidos para a reencarnação, em forma de energia vitalizadora, não foram renovados, ou, pelo contrário, foram gastos em exageros, explodem as reservas e, pela queda vibratória, que atira o invigilante noutra faixa de evolução, a sintonia com entidades viciadas, perseguidoras e perversas, se faz mais fácil, dando início aos demorados processos obsessivos (...) ¹⁰³

Através deste valoroso ensinamento, vemos que o processo obsessivo só se completa com a permissão do elemento encarnado, quando este, invigilantemente, foge aos compromissos da renovação Cristã. Porque mesmo que as “matrizes” já estejam gravadas, cabe a ele restabelecer a harmonia pela vivenciação do bem, ou se entregar às tendências desequilibradoras, através do jornadaear nas frivolidades.

Variações do Processo Obsessivo

- **Obsessão Simples** – Segundo informação dos Espíritos, a obsessão simples é parasitose comum a quase todas as pessoas. Trata-se da simples influência negativa dos Espíritos em nossa vida. Para que isto aconteça, basta que nos sintonizemos com as forças contrárias ao bem, e, seja nos momentos de sono ou de vigília, os Espíritos sutilmente nos ditam as regras. Quase sempre todo processo de obsessão mais complicado, inicia-se em uma obsessão simples.
- **Fascinação** – É a ilusão produzida pela ação direta do Espírito obsidente, paralisando na criatura obsidiada o raciocínio. Nesse estado, a pessoa obsidiada perde a noção do ridículo e do discernimento. O Espírito obsessivo lhe inspira a agir de determinada maneira em disparate, e para ela, a forma é bem lógica. Ou seja, o obsedado nunca acha que está errado, e tenta provar com todos os argumentos que está certo. É sem dúvida uma das mais graves formas de obsessão.

¹⁰³ “Grilhões Partidos”, Prefácio item 3.

- **Subjugação** - À medida que se agrava o processo obsessivo, a vontade do obsessor vai aumentando o governo das ações do obsedado. A subjugação pode ser moral ou corporal:
 - **Moral:** Ocorre quando o invasor domina moralmente o hospedeiro, levando-o a tomar atitudes comprometedoras. Já não é a vontade deste que comanda, mas do elemento perturbador. Seria como que uma fascinação mais agravada.
 - **Corporal:** Dá-se quando o Espírito imanta-se a determinada pessoa, assenhorando-se dos centros do comando motor desta, e a domina fisicamente. Neste estado gravíssimo, a vítima fica inerte, cometendo atrocidades diversas.

Tipos de Obsessão

Se classificamos acima a obsessão quanto à forma de atuação dos Espíritos, podemos classificá-la também quanto ao elemento obsessor, ou seja, quanto a quem é o obsessor. Desta forma temos, a obsessão:

De encarnado para encarnado: É a obsessão realizada entre seres encarnados, através do domínio mental e até mesmo físico. Esse domínio muitas vezes é mascarado pelos termos ciúme, proteção, paixão, e até mesmo, o que é pior, amor. Mas amor nestas bases nós particularmente entendemos como “amor próprio”.

Acontece também sob o império do ódio ou outros sentimentos inferiores, como vingança, orgulho ferido etc..

De desencarnado para desencarnado: Há Espíritos que obsediam Espíritos. É a prova de que os sentimentos não mudam só pelo ato do desencarne. Quando um homem é de nível inferior, evolutivamente falando, será também, até que mude de postura, Espírito inferior. Há nas relações entre Espíritos verdadeiras relações de domínio de um em relação a outros que se acham em desvantagem. O livro *Libertação*, do Espírito André Luiz, sob a mediunidade de Francisco Cândido Xavier, é um dos que tratam este tema com muita propriedade.

De encarnado para desencarnado: A princípio, poderíamos achar esta hipótese um absurdo, mas podemos afirmar com segurança, que o fato é muito mais comum do que podemos pensar.

Acontece quando criaturas desavisadas ligam-se obstinadamente aos entes queridos que desencarnaram antes, fincando a elas jungidas seja pela revolta ante o fato, ou por sentimento de perda.

É fruto do amor egoísta e possessivo que domina nosso ambiente planetário, agravado ainda pela falta de informação e consciência de culpa, ou ainda pelo sentimento de ódio, inveja ou vingança.

De desencarnado para encarnado: Esse é o mais conhecido, e o que tratamos mais comumente.

O fator vigilância, para o obsedado, é de suma importância, porquanto o obsessor desencarnado leva vantagem de nem sempre ser visto ou percebido, agindo assim com mais tranqüilidade, pois, ao contrário, tudo vê e percebe.

Obsessão recíproca: Como já dissemos anteriormente, nenhuma obsessão é unilateral, mas podemos qualificar como obsessão recíproca, a que ambos os elementos

sentem-se dependentes um do outro, sendo muitas vezes até perigoso desligá-los rapidamente.

André Luiz narra um destes casos em sua obra, “Nos Domínios da Mediunidade”. É o caso de Libório, que obsediava a esposa por quem sentia verdadeira paixão, vampirizando-lhe o corpo físico. Esclarece desta forma o autor Espiritual:

O pensamento da irmã encarnada que o nosso amigo vampiriza está presente nele, atormentando-o. Acham-se ambos sintonizados na mesma onda. É um caso de perseguição recíproca (...) enquanto não lhes modificamos as disposições espirituais (...) jazem no regime de escravidão mútua, em que obsessores e obsidiados se nutrem das emanções uns dos outros.

Conclusão.

O processo obsessivo é uma característica de mundos ainda atrasados moralmente, pois é fruto do egoísmo, da maldade e da falta de perdão.

Tanto o tratamento como a profilaxia podem ser facilitados com o uso da prece, da água fluidificada, de passes, etc.. Mas o mais importante mesmo, o único remédio realmente eficaz, é a reforma íntima em bases de amor. Daquele amor ensinado pelo Meigo Rabi da Galiléia, nosso Querido Mestre: Jesus.

4 – Rituais, Símbolos e Feitiçaria

É de suma importância para quem inicia no estudo do Espiritismo, saber o que diz a Doutrina dos Espíritos sobre rituais, símbolos e feitiçaria. É muito comum ao leigo confundir Espiritismo com outras formas de espiritualismo, principalmente quando se trata de cultos que usam de muitos rituais quando da comunicação com os “ditos mortos”.

Chegam até a falar de “baixo Espiritismo”, “alto Espiritismo”, “Espiritismo de mesa” e “Espiritismo de terreiro” etc.. Isto mostra no mínimo falta de informação do que seja Espiritismo, pois não existe Espiritismo disso ou daquilo, o que existe é uma doutrina de caráter científico, filosófico e religioso, codificada por Allan Kardec, baseada em princípios que foram ditados pelos próprios Espíritos, e comprovados através do método experimental pelo Codificador.

Sobre a questão dos rituais, Deolindo Amorim nos afirma que:

As tentativas para fundamentar a introdução de rituais, incensos, imagens e outros objetos de culto material no meio Espírita invocam sempre um pressuposto espiritualista, como generalidade, ou fazem apelo à tolerância. Não há, entretanto, razão alguma para tais pretextos, **uma vez que o Espiritismo, pelas suas disposições doutrinárias, dispensa completamente qualquer forma de ritual ou peças litúrgicas (...)** ¹⁰⁴ (grifo nosso)

Como complemento desta afirmativa de nosso confrade, convidamos nossos irmãos à análise da questão 553 de “O Livro dos Espíritos”:

Que efeito podem produzir as fórmulas e práticas mediante as quais pessoas há que pretendem dispor do concurso dos Espíritos? Respondendo a esta pergunta feita por Kardec, os Espíritos nos disseram:

(...) Todas as fórmulas são mera charlatanice. Não há palavra sacramental nenhuma, nenhum sinal cabalístico, nem talismã, que tenha qualquer ação sobre os Espíritos, *porquanto estes só são atraídos pelo pensamento e não pelas coisas materiais.* ¹⁰⁵ (grifo nosso)

Seria desnecessário comentar esta questão, mas vamos somente lembrar, que o que vai contra uma doutrina, não pode fazer parte da mesma. Portanto tudo que é contrário à Codificação, não pode ser considerado Espírita. Assim sendo quando nos referirmos a rituais, símbolos etc., não estamos falando de Espiritismo.

Por termos em nosso passado militado em outras doutrinas religiosas que faziam uso de rituais, sacramentos, que valorizavam as questões materiais dentro do processo religioso, gravamos em nosso psiquismo estas necessidades místicas, e se não ficarmos vigilantes queremos a toda hora praticar o misticismo dentro da Doutrina Espírita, mas isso é incoerência. Não existe misticismo na água fluidificada, como não existe misticismo no passe ou nas comunicações mediúnicas. O que existe é atuação dos Espíritos nestes processos, atuação que pode ser comprovada pelo uso da lógica, da razão e do bom senso. Portanto não é aconselhável a nós Espíritas, dizer que temos que usar determinadas roupas em reuniões, destampar garrafas para que a água seja fluidificada, ou

¹⁰⁴ “O Espiritismo e as Doutrinas Espiritualistas”

¹⁰⁵ “O Livro dos Espíritos”, questão 553.

aplicar passes desta ou daquela maneira, porque como nos afirmam os Espíritos, eles só são atraídos pelo pensamento, e não pelas coisas materiais.

Sobre a feitiçaria, os Espíritos nos afirmam que o que denominamos feitiçaria, muitas vezes, é a mediunidade posta em ação. Há pessoas que têm sensibilidade mediúnica, outras que têm força magnética, outras que têm as duas, e nos dias de hoje quando a Doutrina Espírita tanto nos esclarece, não é mais cabível falar em feitiçaria. Mas é bom lembrar que a mediunidade, é uma faculdade neutra e nós é que damos a ela o uso devido ou indevido de acordo com a nossa posição evolutiva, e por tal somos responsáveis. Não é culpa do Espiritismo se algum “*dito Espírita*” contrariar seus princípios fazendo uso indevido desta Bendita faculdade.

Só para finalizar, gostaríamos de deixar para meditação, a questão 557 de “O Livro dos Espíritos”:

Podem a benção e a maldição atrair o bem e o mal para aquele sobre quem são lançadas?

Deus não escuta a maldição injusta e culpado perante ele se torna o que a profere. Como temos os dois gênios opostos, o bem e o mal, pode a maldição exercer momentaneamente influência, mesmo sobre a matéria. Tal influência, porém, só se verifica por vontade de Deus como aumento de prova para aquele que é dela objeto. Demais, o que é comum é serem amaldiçoados os maus e abençoados os bons. Jamais a benção e a maldição podem desviar da senda da justiça a Providência, que nunca fere o maldito, senão quando mau, e cuja proteção não acoberta senão aquele que a merece.

Módulo XIII

Novo Testamento

1 – Por que e para que estudá-lo à luz da Doutrina Espírita ¹⁰⁶

“O Evangelho não se reduz a breviário para genuflexório. É roteiro imprescindível para a legislação e administração, para o serviço e para a obediência.”

(Emmanuel, “Caminho, Verdade e Vida”, Introdução)

“O Evangelho é o Sol da Imortalidade que o Espiritismo reflete, com sabedoria, para a atualidade do mundo”

(Emmanuel, “Vinha de Luz”, Introdução)

Informa a questão 132 de “O Livro dos Espíritos”, que o objetivo da encarnação do Espírito é fazê-lo atingir a perfeição.

Pelo que já estudamos anteriormente, vimos que evolução, no que diz respeito às questões espirituais, é a desmaterialização da criatura, e como conseqüência a aproximação desta do Criador. É o deixar de ser filho de Deus, para fazer-se Filho de Deus.

Em momento algum deve ser cobrado do espírita nos níveis atuais de nossa evolução a perfeição moral, mas todos nós devemos primar pela coerência. E são os próprios Espíritos que afirmam, na questão 625, de “O Livro dos Espíritos”, que Jesus é o tipo mais perfeito que Deus nos ofereceu para nos servir de guia e modelo.

E o que Jesus veio nos trazer foi simplesmente o caminho para atingir o nosso objetivo, em nível de encarnação. Ele mesmo afirmou: *Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida; ninguém vem ao Pai, senão por mim.* (João, 14: 6)

Em consonância com o que a doutrina afirma sobre o evoluir, Ele, o nosso Mestre Maior, já dizia, quando em visita às irmãs de Lázaro: *Marta, Marta, estás ansiosa e afadigada com muitas coisas, mas uma só é necessária; Maria escolheu a boa parte, a que não lhe será tirada* (Lucas, 10: 41 e 42), mostrando que a parte mais importante é aquela que nos conduz ao nosso aperfeiçoamento espiritual.

Ora, se Jesus é o nosso guia e modelo, e ninguém vai ao Pai senão através Dele, consideramos obrigatório para todo espírita, o estudo do Evangelho, que é onde encontra-se toda a sua Moral.

Ademais, Ele mesmo, quando se referiu ao Consolador, alertara:

“Mas aquele Consolador, o Espírito Santo, que o Pai enviará em meu nome, esse vos ensinará todas as coisas, e vos fará lembrar de tudo quanto vos tenho dito.” (João, 14: 26).

¹⁰⁶ Este estudo teve como base o livreto nº 5 da série Espiritismo e Evangelho, editado pela União Espírita Mineira.

Portanto, vemos que um dos objetivos do Espiritismo é fazer lembrar aos homens os ensinamentos cristãos, e como fazer isso sem conhecer o conteúdo do Novo Testamento?

Allan Kardec, ao brindar a Humanidade com *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, não quis, em hipótese alguma, tornar desnecessário o estudo do Novo Testamento; sua intenção foi fazer, através desta, que é sem dúvida uma das obras mais importantes de todos os tempos, uma ligação definitiva entre a Doutrina Espírita e a moral cristã. Quis nos dar a chave para interpretar as sábias lições do Novo Testamento.

É ele mesmo o grande Codificador do Espiritismo quem diz:

Se o Cristo não pôde desenvolver o seu ensino de maneira completa, é que faltavam aos homens conhecimentos que eles mesmos só podiam adquirir com o tempo e sem os quais não o compreenderiam; há muitas coisas que teriam parecido absurdas no estado dos conhecimentos de então. *Completar o seu ensino, deve-se entender no sentido de explicar e desenvolver, não no de ajuntar-lhe verdades novas porque tudo nele se encontra em estado de gérmen, faltando-lhe só a chave para se apreender o sentido das palavras.*¹⁰⁷ (Grifo nosso)

Podemos afirmar que o Evangelho é o manual de vida do homem.

Quando compramos um carro, ou um eletrodoméstico, recebemos do fabricante um manual que nos proporciona, se lido e colocado em prática, um melhor desempenho do aparelho. Se contrariarmos as determinações do fabricante, podemos estragar o bem e comprometermos a sua real finalidade.

Desta forma é o Evangelho. Deus permitiu que o Cristo encarnasse entre nós, para nos dar o manual da Vida Eterna.

“Eu vim para que tenham vida, e a tenham com abundância.” (João, 10: 10).

Toda vez que contrariamos seus ensinamentos, colocamo-nos em xeque, comprometendo-nos diante das leis universais. Por isso, estudar o Evangelho e vivenciá-lo, é encurtar o caminho da nossa evolução.

Portanto, afeiçoemo-nos ao Evangelho, pois o Espiritismo não é simplesmente um campo de experimentação fenomênica. Conforme o dizer de Emmanuel,

o Espiritismo, sem Evangelho, pode alcançar as melhores expressões de nobreza, mas não passará de atividade destinada a modificar-se ou desaparecer, como todos os elementos transitórios do mundo.

É imprescindível conhecer o bem para que os ensinamentos do bem nos aperfeiçoem a vida íntima.

Nós os Espíritas vinculados com Allan Kardec ao Cristianismo puro, não podemos prescindir do contato com o Divino Mestre, através das lições com que nos dirige a renovação para as Esferas Superiores.

Estudemos pois o Evangelho (...) ¹⁰⁸

¹⁰⁷ “A Gênese”, cap. I, item 28.

¹⁰⁸ “Estudando o Evangelho”, Prefácio.

2 – Introdução ao Novo Testamento

“O Evangelho não é o livro de um povo apenas, mas o Código de Princípios Morais do Universo, adaptável a todas as pátrias, a todas comunidades, a todas as raças e a todas as criaturas, porque representa, acima de tudo, a carta de conduta para a ascensão da consciência à imortalidade.”

(André Luiz - “Mecanismos da Mediunidade”, cap. XXVI.)

A Bíblia

A Bíblia é o texto sagrado do Cristianismo e das religiões que nele tiveram origem; como a Igreja Católica, as que se formaram com o advento da Reforma, entre outras.

A origem da palavra é grega, originado da palavra Bíblia, plural de *Biblion*, o qual tem sentido de papel, carta, pequeno livro, coleção de livros.

Divide-se em:

1. **Velho Testamento**
 - Leis, profecias, história e sabedoria.
2. **Novo Testamento**
 - 4 Evangelhos: Mateus, Marcos, Lucas, João
 - Atos dos Apóstolos
 - 21 Epístolas: 14 de Paulo, 1 de Tiago, 2 de Pedro, 3 de João e 1 de Judas.
 - Apocalipse ou Revelação.

Os livros que compõem a Bíblia são divididos em capítulos, e estes em versículos. Os capítulos são textos maiores; os versículos são subdivisões menores, numerados seqüencialmente, com o objetivo de facilitar o estudo e a pesquisa nos textos. O número de capítulos e versículos varia de livro para livro. Normalmente a indicação de determinado texto bíblico é feita na seguinte ordem: nome do livro, capítulo e versículo.

Ex.: João, 3:1, expressa: Evangelho de João, capítulo 3, versículo 1.

É comum em algumas versões bíblicas a inserção de referências após o título das passagens, como no exemplo citado abaixo, que se encontra em Lucas, 13: 18 a 21:

Ex.: Parábolas do grão de mostarda e do fermento (Mat., 13: 31 a 33), isto significa que o assunto é repetido neste livro, segundo esta indicação.

São ainda encontrados em outras versões referências mediante a colocação de pequenos números no desenvolvimento da narrativa, que correspondem a números iguais colocados habitualmente ao pé da página, em que consta a indicação de outros livros da Bíblia e respectivos versículos que tratam do assunto.

Ex.: Seja, porém, o vosso falar: ⁽³³⁾ Sim, sim; não, não; porque o que passa disso é de procedência maligna. Jesus – Mat.,5:37.

Procurando o número “33” ao pé da página, encontramos: Colossenses, 4:6, que narra o seguinte:

“A vossa palavra seja sempre agradável, temperada com sal, para que saibais como convém a cada um.”

Temos ainda Tiago, 5:12, que nos traz a seguinte narrativa:

“Mas sobretudo, meus irmãos, não jureis, nem pelo céu, nem pela terra, nem façais qualquer outro juramento, mas que a vossa palavra seja sim, sim, e não, não: para que não caiais em condenação.”

Como vemos, ambas as referências se vinculam ao referido texto de Mateus.

Novo Testamento

Como já vimos, o Novo Testamento é a Segunda parte da Bíblia. É onde encontramos os textos relativo à passagem de Jesus em nosso Orbe. No Novo Testamento é que se fundamenta a Doutrina Cristã. As divergências entre elas é devido às diferentes interpretações do mesmo texto.

O nome mais comumente usado para se referir ao Novo Testamento é *Evangelho*. Este termo vem do grego *euaggélion*, que quer dizer boa nova.

“Boa Nova do Reino de Deus”, é como Jesus denomina sua mensagem ao mundo. Esse termo, como substantivo, ocorre no Novo Testamento com a seguinte frequência:

60 vezes nas epístolas paulinas

08 vezes em Marcos

4 vezes em Mateus

2 vezes nos Atos dos Apóstolos

1 vez na 1ª Epístola de Pedro

1 vez no Apocalipse

Em Lucas só aparece na forma verbal.¹⁰⁹

Origem dos Evangelhos

A tradição eclesiástica atribui os evangelhos a Mateus, Marcos, Lucas e João, e diz que eles foram escritos nesta mesma ordem. Há uma hipótese levantada por estudiosos contemporâneos que considera o de Marcos como o texto evangélico primitivo. Emmanuel, no livro “Paulo e Estevão”,¹¹⁰ afirma a existência de anotações de autoria de Levi, que não era outro, senão o apóstolo Mateus, já no ano 34 de nossa era. Este fato dá a entender que o texto de Mateus é que é o primeiro, mas esta divergência não altera em nada o conteúdo desta, que é a maior e mais importante obra de todos os tempos.

¹⁰⁹ “O Novo Testamento – Um Enfoque Espírita”, cap. III.

¹¹⁰ “Paulo e Estevão”, cap. VII.

O Livro *Ato dos Apóstolos* é de autoria de Lucas; as Epístolas têm cada uma seu próprio autor, conforme já citamos acima, e o *Apocalipse* é de autoria mediúnica, cujo médium foi o evangelista João.

A língua original em que foi escrito os evangelhos é o grego, exceção ao de Mateus que teria sido escrito em “língua hebraica”, isto é, em aramaico, tendo sido depois traduzido para o grego.¹¹¹

Traduções do Novo Testamento

A primeira tradução dos escritos para a língua portuguesa foi realizada por D. Diniz, rei de Portugal (1279 – 1325). Grande conhecedor do latim clássico e leitor da Vulgata Latina, o rei resolveu traduzir as Sagradas Escrituras para o português. Porém, faltou-lhe perseverança e só conseguiu traduzir os vinte primeiros capítulos de Gênesis.

Hoje, muitas são as traduções para o português, da Bíblia e do Novo Testamento. Quem primeiro traduziu o Velho e o Novo Testamento de forma completa para este idioma, foi o pastor protestante português chamado João Ferreira de Almeida. Após esta surgiram muitas outras, nem todas confiáveis.

Nós particularmente usamos várias quando do estudo do Evangelho. Entre as que podemos recomendar estão as da Bíblia de Jerusalém, que é considerada uma das melhores segundo os estudiosos, por basear-se em manuscritos anteriores ao "Texto Recebido", e por isso menos deturpados; a de João Ferreira de Almeida (Corrigida e Fiel), que apesar de basear-se no "Texto Recebido" é de certa forma neutra e preserva o sentido geral dos ensinamentos; e a de André Chouraqui por manter "a alma semita" das palavras proferidas por Jesus.

Para finalizar esta breve introdução, gostaríamos de acrescentar que, apesar de todas as adulterações sofridas pelo texto evangélico com o decorrer dos tempos, seu valor moral continuou intacto, atravessando todas as barreiras e nos dirigindo sempre na conquista de dias melhores. "As cruces mudaram de forma e as suas traves são invisíveis; a fogueira é interior e o circo aumentou as dimensões alcançando todo o planeta".¹¹²

É por esta e outras que nosso mentor André Luiz afirma ser o Evangelho código da mais pura moral em todos os mundos do Universo.

¹¹¹ Ver “A Bíblia de Jerusalém”, Introdução aos Evangelhos Sinóticos.

¹¹² “Trigo de Deus”, Introdução.

3 – Como estudar o Evangelho à luz da Doutrina Espírita

“Jesus é a porta. Kardec, a chave.”

(Emmanuel, “Opinião Espírita”, cap. 2)

Os ensinamentos contidos na Boa Nova de Jesus, se assimilados, nos conduzirão à renovação espiritual de que tanto necessitamos. Mas para tal, é necessário bom senso e lógica no estudo e na interpretação destes mesmos ensinamentos.

Para todos nós, aprendizes que somos no trato com as coisas evangélicas, é imperativo entender o Evangelho, e nos adaptarmos a ele buscando vivenciá-lo, e não adaptarmos o seu conteúdo aos nossos caprichos e interesses pessoais, ou acharmos que os ensinamentos nele contidos são para o outro e não para nós.

Este breve estudo não tem o objetivo de formar doutores no exame dos textos bíblicos, mas mostrar a importância deste estudo, e como fazê-lo de uma forma mais produtiva no que diz respeito às nossas conquistas individuais no campo do Espírito.

Desta forma, apresentamos a seguir um esquema simples, elaborado com a finalidade de nos ajudar a entender a mensagem do Cristo em “Espírito e Verdade”.

Esquema

Verificar no texto em estudo:

- Seu sentido geral.
- Sentido particular de cada versículo, expressões palavras...evidenciando:
 - Deus
 - Jesus
 - Demais criaturas, buscando observar a situação humana, condição espiritual e aspectos evolutivos.
 - É importante ainda, observarmos expressões ou palavras isoladas indicadoras de:
 - Lugar (e aspectos geográficos)
 - Ambiente (físico ou psíquico)
 - Época (e aspectos históricos)
 - Tempo (dia, hora, circunstâncias)
 - Atitudes e gestos
 - Ação < Demais termos, observando o seu sentido no texto.

Alguns exemplos em que a observação destas expressões nos auxiliam no estudo:

Lugar (aspectos geográficos) – o conhecimento dos fatos históricos e posições geográficas podem proporcionar uma melhor apreensão do sentido espiritual dos ensinamentos evangélicos.

Ex.: E respondendo Jesus disse: Descia um homem de Jerusalém para Jericó e caiu nas mãos dos salteadores (...) (*Lucas, 10: 30*)

No estudo da parábola do Bom Samaritano sempre exaltamos o valor da verdadeira caridade, e o exemplo dado pelo habitante de Samaria. Mas se ficarmos atento aos fatos podemos identificar muitos outros valores trazidos pelo Mestre com o objetivo de nos ensinar.

A cidade de Jerusalém e a de Jericó representando geograficamente pontos e interesses diferentes, muito auxiliam nas questões do dia a dia no que diz respeito aos estudos do Evangelho. Jerusalém, centro de cogitações religiosas e espirituais, onde se erguia o templo de Salomão, é o nosso objetivo. Jericó, cidade próxima de Jerusalém, famosa por vasto movimento comercial, representa os nossos interesses materiais e transitórios, nossos valores imediatistas que devemos abandonar.

Notamos que o homem “descia” de Jerusalém para Jericó, quando foi assaltado por salteadores. É o que acontece conosco quando descemos de uma posição favorável espiritualmente, para uma posição em busca de aventuras no campo das sensações materiais. É neste instante que somos assaltados pelos salteadores do plano invisível, que vulgarmente chamamos de obsessores.

Ação, Atitudes e Gestos

E, tendo Jesus entrado em Jericó, ia passando. E eis que havia ali um varão chamado Zaqueu; e era este um chefe dos publicanos, e era rico. E procurava ver quem era Jesus, e não podia, por causa da multidão, pois era de pequena estatura. E correndo adiante, subiu a uma figueira brava para o ver; porque havia de passar por ali. E quando Jesus chegou àquele lugar, olhando para cima, viu-o e disse-lhe: Zaqueu, desce depressa, porque hoje me convém pouso em tua casa. (*Lucas, 19: 1 a 5*)

Estes cinco versículos escritos pelo evangelista Lucas trazem uma quantidade enorme de ensinamentos, mas nos prendendo só ao campo das ações, observamos que para ver Jesus, Zaqueu teve que “subir”, mas para ficar com Jesus ele teve que “descer”. Isto significa para enxergarmos o Cristo, temos que elevar a nossa vibração acima das questões materiais (multidão), mas para ficarmos com Ele, temos que descer ao nível dos nossos semelhantes operando em favor do bem comum, conforme Ele exemplificou. Ou seja, nada de nos isolarmos, mas *amarmo-nos uns aos outros*. E amar é sempre atuar em favor dos outros e com os outros.

Outras considerações importantes:

Chave

Atentando à observação de Emmanuel, no texto em epígrafe, na página anterior, consideramos a Doutrina Espírita como elemento essencial para o entendimento dos ensinamentos evangélicos. Mediunidade, reencarnação, imortalidade da alma, entre outros, são instrumentos que facilitam em muito o estudo do Novo Testamento. Portanto, no

estudo do Evangelho, devemos sempre levar em conta os princípios da Doutrina Espírita.

Extraír o Espírito da Letra

Devemos sempre separar o que é puramente literal, do sentido espiritual a que a mensagem evangélica pode nos conduzir. Se nos apegarmos puramente à letra, poderemos ser conduzidos a caminhos complicados e muitas vezes contrários à mensagem cristã.

Ex.: Se alguém vier a mim, e não aborrecer a seu pai, e mãe, e mulher e filhos, e irmãos, e irmãs, e ainda também a sua própria vida, não pode ser meu discípulo. (*Lucas, 14: 26*)

Seria um absurdo da nossa parte, pensar que Jesus, o Espírito mais nobre que habitou nosso planeta, e que pregou o amor aos inimigos, viesse dizer que devemos aborrecer nossos pais e todos os nossos familiares. Com este dizer, o Mestre deseja que deixemos para trás nossos valores negativos, velhos, e que nos trazem tantos problemas. Nossos vícios e imperfeições não deixam de ser nosso pai, nossa mãe e irmãos, porque, na realidade, eles que como formadores da nossa personalidade, é que são os verdadeiros construtores da nossa realidade atual.

Situar-nos na mensagem, para exemplificá-la

Nos localizar na narrativa evangélica, despidos dos interesses transitórios e buscando novos aprendizados, nos facilitará a melhor assimilação da verdades Cristãs, como vemos no exemplo abaixo:

E aconteceu que, chegando ele perto de Jericó, estava um cego assentado junto do caminho mendigando. E ouvindo passar a multidão, perguntou que era aquilo. E disseram-lhe que Jesus Nazareno passava.

Então clamou, dizendo: Jesus, Filho de Davi, tem misericórdia de mim.
(...)

E Jesus lhe perguntou:

Que queres que te faça? E ele lhe disse: Senhor que eu veja. (*Lucas, 18: 35 a 38 e 41*)

Notamos na passagem acima, duas posições que merecem destaque em nosso estudo:

A de Jesus: “chegando ele perto de Jericó”. Jesus estava sempre em constante movimentação construtiva. Chegando, partindo, parando para ensinar, curando, levantando etc.. Essa deve sempre ser a nossa busca, estarmos a todo instante vinculado ao trabalho do bem, através do serviço ao nosso semelhante.

A do cego: *assentado junto do caminho mendigando*. Estar a viver na ociosidade, dependendo da esmola e da caridade alheia, é mais condizente com a nossa atual posição evolutiva. Desta forma temos que fazer como o cego de Jericó, que quando Jesus passou em sua vida, soube aproveitar o momento e detectando o cerne do problema, pediu ao Médico Mor, que lhe desse condição de ver.

Conclusão

Os Espíritos disseram ser Jesus nosso guia e modelo. Allan Kardec, em *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, nos ensinou a dar os primeiros passos de forma segura no estudo da Boa Nova, mostrando-nos ainda que o Evangelho não é uma obra só para ser lida, mas estudada, meditada e vivenciada. Portanto cabe a nós dirigirmos nossos esforços no sentido de melhor entendermos, para, exemplificando, ensinarmos o conteúdo evangélico a todos, porque só no dia que houver *um só rebanho e um só Pastor* seremos felizes.

Indicações Bibliográficas Para o Estudo Evangélico

Devido à complexidade de muitos trechos do Novo Testamento, a seguir citamos algumas obras auxiliares que podem ajudar na melhor compreensão do Evangelho.

Livro	Autor	Editora
O Evangelho Segundo o Espiritismo	Allan Kardec	Várias
Caminho, Verdade e Vida	Francisco C. Xavier / Emmanuel	FEB
Pão Nosso	Francisco C. Xavier / Emmanuel	FEB
Vinha de Luz	Francisco C. Xavier / Emmanuel	FEB
Fonte Viva	Francisco C. Xavier / Emmanuel	FEB
Livro da Esperança	Francisco C. Xavier / Emmanuel	CEC
Palavras de Vida Eterna	Francisco C. Xavier / Emmanuel	CEC
Segue-me	Francisco C. Xavier / Emmanuel	O Clarim
Bênção de Paz	Francisco C. Xavier / Emmanuel	GEEM
Estudando o Evangelho	Martins Peralva	FEB
Na Seara do Mestre	Vinícius	FEB
Nas Pegadas do Mestre	Vinícius	FEB
Gotas de Paz	João Nunes Maia / Carlos	Fonte Viva
Médiuns	João Nunes Maia / Miramez	Fonte Viva
O Reino de Deus	João Nunes Maia / Miramez	Fonte Viva
O Mestre dos Mestres	João Nunes Maia / Miramez	Fonte Viva
O Cristo em Nós	João Nunes Maia / Miramez	Fonte Viva
Parábolas e Ensinos de Jesus	Cairbar Schutel	O Clarim
Luz Imperecível	Honório O. Abreu (coordenação)	G.E.E.

Anexo 1

Estudo e Interpretação do Evangelho¹¹³

Estudar o Evangelho deve ser tarefa diária nossa, buscando interpretá-lo em *espírito e verdade*.

Devido a certas dificuldades daqueles que se iniciam neste processo de interpretação, relacionamos abaixo alguns itens que, se adotados, podem facilitar este necessário estudo.

É importante salientar, que este breve texto não tem a pretensão de ser um manual de interpretação evangélica, mas o simples relato de alguns exemplos, visando um melhor entendimento do *como* estudar o Evangelho à luz da Doutrina Espírita, lembrando sempre o Apóstolo Pedro quando nos afirma: *Sabendo primeiramente isto: que nenhuma profecia da Escritura é de particular interpretação.* (2 Pedro, 1: 20)

- 1) Devemos no primeiro instante, ler o texto a ser estudado, procurando entender o seu aspecto literal. Sendo auxiliado por dicionários e outros livros que nos dêem um melhor entendimento das expressões, costumes da época, cargo profissões, lugar etc.
- 2) Sendo necessário interpretarmos o Evangelho à luz da Doutrina Espírita, temos de ter o hábito do estudo constante dos princípios básicos da mesma, através das obras básicas e das subsidiárias.
- 3) Extrair de cada passagem o conteúdo espiritual do Evangelho: Jesus, por ser o Educador Maior da Humanidade, ensinava ao Espírito eterno. Desta forma, temos que ter não apenas olhos para as questões transitórias, mas capacidade de enxergarmos o que verdadeiramente educa o nosso Ser espiritual. *...as palavras que eu vos disse são espírito e vida* (João, 6: 63), nos alerta o Cristo, segundo anotações de João; ao que Paulo complementa: *O que nos fez também capazes de ser ministros de um novo testamento, não da letra, mas do espírito; porque a letra mata, e o espírito vivifica.* (2 Coríntios, 3: 6)

Devemos ainda ter por base que Jesus pertence àquela categoria de Espíritos Puros, sobre a qual a codificação nos orienta, terem eles passado por todas as fases da evolução e, desta forma, atingiram a perfeição, não sofrem mais a influência da matéria, e não sendo admissível, portanto, o erro em suas ações. Se alguma coisa achamos estranho em qualquer dos posicionamentos do Mestre, não é falha de Sua parte nem dos textos evangélicos, mas sim de nossa falta de capacidade interpretativa, capacidade que temos que desenvolver com o estudo, o trabalho de reeducação, e o desenvolvimento da nossa sensibilidade.

Quando analisamos as ações do homem comum, vemos que quanto mais possuidor de sabedoria, mais suas ações expressam objetividade, ou seja, o que faz não é aleatório: tudo tem sua razão de ser.

¹¹³ Este estudo foi realizado tendo como base o livro “Luz Imperecível”, editado pelo Grupo Emmanuel de Belo Horizonte – MG, e foi escrito para ampliar a apostila do Curso de Espiritismo e Evangelho.

Em se tratando de Jesus, o Sábio dos sábios, notamos que todo seu ensinamento está ligado à sua forma de ser e agir. Esta forma possibilita valiosos ensinamentos para todos que desejarem aprender com o Mestre por isso, através do seu modo de agir ou do lugar em que se dá a ação ou, ainda da circunstância em que esta se apresenta, podemos muitos ensinamentos tirar.

Baseado nisto fizemos o esquema abaixo, buscando entender a didática do Mestre, que encontra-se implícita nas circunstâncias em que aconteciam suas ações.

Quando?...

O momento da ação, a circunstância, nos apresenta valiosos ensinamentos se procurarmos responder a: Quando?

Dia - Momento de claridade interior, discernimento, momento adequado para realizações no campo do bem.

Noite - Ignorância, treva, momentos em que nos encontramos em dificuldade por estarmos vibratoriamente afastado Criador

Sábado - O sábado nos dá o entendimento de um fim de um ciclo evolutivo, sendo portanto momento de aferirmos aquilo que já conquistamos. Era nesse dia que Jesus operava inúmeras de suas curas, como a definir o fim daquela etapa e a abertura de novos lances em relação às necessidades do Espírito.

Naquele dia - Momento ideal de acordo com a possibilidade de cada um para atuar no instante certo.

Logo - Momento necessário de tomarmos atitudes sem mais delongas.

Ex: E havia entre os fariseus um homem chamado Nicodemos, príncipe dos Judeus. Este foi ter de noite com Jesus... (*João, 3: 1 e 2*)

Literalmente falando, Nicodemos procurou Jesus à noite. É que sendo personalidade de destaque em Israel, talvez tenha ficado preocupado com a repercussão que poderia ter um *príncipe dos Judeus* ir buscar Jesus.

Espiritualmente, relacionamos a expressão *noite* com a nossa ignorância. São os momentos difíceis que nos achamos por encontrarmo-nos distanciados do Criador. Então perguntamos, por que Nicodemos procurou Jesus à noite? Por que não O procuramos durante o dia? É que nos momentos difíceis é que sentimos necessidade de procurarmos algo que nos fale dos Valores Reais da Vida. No nosso grau evolutivo é preciso estar doente para valorizar a saúde, ter fome para dar valor aos alimentos. Ademais *de dia* não procuramos o Mestre, porque já estamos com Ele.

Quem?...

Usando Jesus de simbologia para expressar Seus ensinamentos, podemos dar sentido a certas menções feitas por Ele a personagens vividas na época, pois refletem as ações negativas ou positivas que precisamos corrigir ou assimilar em nossa conduta.

Os personagens referidos nos textos evangélicos sempre nos fornecem a possibilidade de um novo momento de aprendizado, proporcionando-nos uma identificação com as várias maneiras de atuarmos. É o *conhece-te a ti mesmo*, que devemos trabalhar a todo instante.

Fariseus - Eram observadores das práticas exteriores do culto e das cerimônias.¹¹⁴ Honravam a religião com as palavras, não preocupando em vivenciá-las. Nos falando da hipocrisia destes, o Mestre nos alertava para cuidados que devemos ter em nosso dia a dia.

Saduceus - Os Saduceus não acreditavam nem na imortalidade nem na ressurreição, apesar de acreditar em Deus. Eles se prendiam ao texto da lei antiga, não admitindo nenhuma interpretação destas. Desta forma Jesus trabalha o termo *saduceus*, referindo-se ao extremismo, ao fanatismo, e às posturas incoerentes que devemos evitar.

Cego - O cego é aquele que não enxerga. Há cegos físicos que enxergam melhor os valores espirituais do que muitos que têm os olhos sãos. *Tendo olhos não vedes*, nos dizia sempre o Senhor, como a caracterizar a nossa falta de visão para os valores do Espírito.

Muito ainda podemos aprender com a capacidade de mudanças de um *Levi*, A fé do *Centurião*, a insensibilidade do *jovem rico* e outros citados nos textos.

Ex: E Jesus Disse-lhes: Adverti, e acautelai-vos do fermento dos fariseus e saduceus. (*Mateus, 16: 6*)

A propriedade do fermento é conhecida de todos nós. Quando o Mestre nos alerta para termos cuidado com o *fermento dos fariseus e saduceus*, quer Ele nos mostrar o perigo que corremos quando nos deixamos influenciar pelo modo de agir destes. Desta forma temos que identificar quem são os “fariseus modernos” e nos livrar de sua influência. Atentando principalmente para as nossas próprias ações quando ditadas pela hipocrisia, pela falsidade e pela incoerência. Porque conforme nos diz o apóstolo da gentildade: *um pouco de fermento faz levedar a massa toda*. (I Coríntios, 5: 6)

Onde?...

Lugares, ambientes, cidades muito podem nos auxiliar no entendimento das lições evangélicas, se tivermos devidamente sintonizados com a busca dos valores espirituais. Jesus, como Mestre por excelência, definia locais para os Seus ensinamentos de tal forma que nos pudessem trazer valiosos ensinamentos.

Desta forma temos:

Jerusalém - Cidade onde se situava o templo de Salomão, centro religioso de então, nos dá a idéia de ambiente voltado para os padrões superiores da vida, é o centro de nossas cogitações espirituais.

Jericó - Cidade próxima a Jerusalém, famosa por seu vasto movimento comercial, representa nossos interesses no campo material ou transitórios.

Galiléia - Simplicidade

Tiro e Sidon - Representação da falta de padrões reeducativos

Samaria - Posturas dogmáticas ou intransigências

Monte - Representa nossos momentos de elevação espiritual

Junto do caminho - É o lugar em que estamos próximos, mas ainda não dentro daquele caminho que nos conduz à elevação espiritual.

¹¹⁴“O Evangelho Segundo o Espiritismo”, Introdução.

Alfândega ou recebedoria -Como lugar arrecadador de impostos, nos sugere acomodação, desvio dos recursos em favor do nosso egoísmo, cobrança severa dos débitos alheios. Ex: *Ver interpretação do texto narrado em Lucas, 10: 30, mais à frente neste estudo.*

Como?...

Este questionamento nos leva a analisar a ação propriamente dita e a forma como ela se dá. É importante realizar, mas é muito mais importante o *como* se realiza.

Os verbos e seus tempos, os advérbios, os adjetivos, são elementos importantíssimos a nos sugerir atitudes de renovação no trabalho em favor da nossa reeducação.

Saiu, chegando, subindo... são expressões que nos induzem a analisar o constante dinamismo de Jesus nos indicando a necessidade de adotarmos uma postura de trabalho em todos os instantes da nossa vida. Ao contrário, ao analisarmos *o assentado, clamando, pedindo...* identificamos nossa posição comodista, ociosa, de estarmos sempre aguardando a solução do problema de fora para dentro.

Ex: Ver posicionamento de Levi e de Zaqueu nos textos interpretados a seguir.

Exemplos de interpretação do Evangelho à luz da Doutrina Espírita:

E respondendo Jesus disse: Descia um homem de Jerusalém para Jericó e caiu nas mãos dos salteadores. (*Lucas, 10: 30*)

E respondendo Jesus disse... Jesus responde sempre. Desde que estejamos comprometidos com o processo reeducativo ensinado pelo Mestre, Ele nos atende em todas as nossas necessidades.

Na dor, é o Médico a tratar-nos com o Seu Amor.

Na indecisão, nos indica caminho seguro

Na aflição, nos alivia esclarecendo.

Notamos que, conforme nos mostra as anotações do evangelista, Jesus ao responder *disse*, ou seja, sua palavra era sempre usada com o objetivo de consolar ou ensinar. Não havia de sua parte, falatório, mas resposta segura a nos encaminhar para a verdadeira libertação.

Cabe a nós, desta forma, pensarmos: como temos respondido às expectativas do Mestre? Como temos usado o nosso verbo?

Descia um homem de Jerusalém para Jericó e caiu nas mãos dos salteadores -A cidade de *Jerusalém*, como já dissemos, é onde situava o templo de Salomão, sendo por isto centro dos movimentos religiosos. Tirando o espírito da letra, podemos entendê-la como centro de nossas cogitações religiosas ou, ainda, como nossas realizações superiores espiritualmente falando.

Jericó, por sua vez, como sendo centro do comércio, nos leva a interpretá-la como sendo um momento nosso ligado às conquistas dos valores transitórios que são os bens materiais propriamente ditos.

Notamos que Jesus nos diz que *descia um homem de Jerusalém para Jericó*.

O verbo *descer* expressa o movimento de um lugar mais alto para outro mais baixo. *Um homem*, quer dizer que qualquer um que assim proceder, estará sujeito a tais conseqüências. *Descer de Jerusalém para Jericó*, analisado conforme estamos propondo, nos leva a ver o perigo que corremos, ao deixarmos nossas buscas maiores, em termos de espiritualidade (Jerusalém), para nos situarmos na busca tão somente dos valores do mundo (Jericó), expressos nas conquistas monetárias, sensuais ou de qualquer outro valor em que valorizamos mais a matéria que o Espírito.

Quando assim procedemos, incorremos em queda, conforme expressa a palavra *caiu*. E na mão dos salteadores podemos entender, como ser dirigido por aqueles que nos roubam do trabalho pelas conquistas espirituais, sendo eles encarnados (“amigos” que nos induzem às conquistas não cristãs) ou desencarnados (obsessores), que de uma forma ou de outra nos trazem grandes prejuízos.

“E depois disto, saiu e viu um publicano, chamado Levi, assentado na rebedoria, e disse-lhe: Segue-me. E ele deixando tudo levantou-se e o seguiu.”
(Lucas, 5: 27 e 28)

Esta passagem em que o Mestre convida Levi para fazer parte de seu apostolado, nos induz a interessantes observações.

E depois disto, saiu e viu um publicano, chamado Levi -a expressão *depois disto*, nos mostra o constante dinamismo do Cristo, a operar de forma consciente e seqüenciada, ou seja, Jesus nunca esteve ocioso. Isto é confirmado pelo verbo *saiu*, nos indicando o movimento daquele que sabe que sua vida tem uma razão de ser, não havendo tempo para perder. Assim aprendemos que, no apostolado do Senhor, devemos sempre agir desta forma.

Saiu e viu, Jesus não fazia por fazer, era plenamente consciente e observador de tudo, *saiu e viu* nos mostra que Ele sempre sabia o que fazia, e nada lhe passava despercebido. Por experiência sabemos que a nossa visão está diretamente ligada com o que possuímos interiormente, isto é, com o nosso estado d’alma. A visão do Mestre era sempre motivo para mais ensinamentos. E nós o que temos visto? A que temos vinculado nossos olhares?

Jesus *viu um publicano chamado Levi*. Os Publicanos eram os arrecadadores de impostos para o Império Romano, eles ganhavam uma comissão dos impostos que recebiam, assim muitos tornaram ricos e odiados pelos judeus, pois estes, que já não aceitavam o domínio romano, muito menos ainda aceitavam ter que pagar-lhes tributo. Eram tido, portanto, como pessoas de má vida e que conseguiam o enriquecimento de forma ilícita.

Jesus, grande conhecedor da alma humana, não nos analisa pelo cargo que ocupamos, mas sim pelo que somos ou ainda pelo potencial que temos. Desta forma Ele não viu em Levi o publicano, mas a possibilidade que este tinha em ser Seu seguidor e divulgador da Boa Nova, desde que atuasse de forma correta no encaminhamento de suas ações.

Quantas vezes perdemos grandes oportunidades no relacionamento com as pessoas ou no trabalho diário, simplesmente porque julgando nossos semelhantes com os nossos olhos defeituosos, os desqualificamos para determinadas ações? É importante separarmos o pecado do pecador, Jesus nunca aceitou o erro, mas nunca negou amor àquele que erra..

...assentado na recebedoria, e disse-lhe: Segue-me. -A *recebedoria*, conforme citado, é o ambiente onde se coleta os impostos. Aquele que se encontra nesta posição está à espera de receber. Espiritualmente falando podemos entendê-la como sendo a faixa onde atuamos, quando determinados pelo egoísmo. É onde realizamos nossas cobranças no campo particular: “Fulano me deve”, ou ainda, -“Ciclano me prejudicou, ele não perde por esperar”. São posicionamentos constantes nossos que mostram a faixa em que nos situamos, muitas vezes nos qualificando de “cobradores do Senhor”, tendo, segundo nosso entendimento, nos capacitado a sermos instrumentos da Vontade Divina. Desta forma, estamos *assentados*, ou seja, ociosos, no aguardo de só receber, em nossa *recebedoria* particular.

Mas vem o Mestre *a dizer* em nossa intimidade: *Segue-me*, isto é, deixe as faixas de cobrança em que se encontra, e vem trabalhar na minha vinha que é toda Amor. *É dando que se recebe, é compreendendo que se é compreendido*. Todos somos devedores, portanto necessitados da Misericórdia Divina. Lembremos o que Ele mesmo nos disse:

“Bem aventurados os misericordiosos, porque eles alcançarão misericórdia.”

E ele deixando tudo levantou-se e o seguiu.-Durante a nossa existência milenar, muitas têm sido as vezes que o Senhor tem nos chamado a atender o *segue-me*, através das circunstâncias em que nos achamos envolvidos. Ele mesmo nos afirmou:

“...toda vez que destes de comer a um destes pequeninos foste a mim mesmo que o fizeste.”

Mas como temos comportado a este chamado?

A atitude de Levi ao convite do Mestre é digna de menção, por externar o amadurecimento do futuro discípulo do Senhor: *...ele deixando tudo levantou-se e o seguiu*. *Deixando tudo* mostra o desapego deste às posições da retaguarda, aos convites do mundo, às situações em que o privilégio atual nos afasta dos valores definitivos da Vida. Por isso ele diferentemente do *jovem rico*, deixou tudo seguindo o Cristo em busca das conquistas superiores da Alma.

A expressão *levantou-se*, fala-nos do dinamismo necessário a fim de atendermos ao chamamento divino, é preciso trabalharmos conscientemente pela nossa cristianização, e *o seguiu*, é o que definiu a sua opção de escolha como exercício do livre-arbítrio. Quantas vezes quando convidados a aderir aos trabalhos renovadores, não temos levantado, não para seguir o Mestre, mas para agredir ou ofender os que nos trazem o passaporte para a libertação?

“E tendo Jesus entrado em Jericó, ia passando. E eis que havia ali um varão chamado Zaqueu; e era este um chefe dos publicanos, e era rico. E procurava ver quem era Jesus, e não podia, por causa da multidão, pois era de pequena estatura, e, correndo adiante subiu a uma figueira brava para o ver; porque havia de passar por ali. E quando Jesus chegou àquele lugar, olhando para cima, viu-o e disse-lhe: Zaqueu, desce depressa, porque hoje me convém pouso em tua casa.” (Lucas, 19: 1 a 5)

E tendo Jesus entrado em Jericó, ia passando... -Jericó como já dissemos representa nosso campo de ação, visando a conquista dos bens materiais. É importante notar que Jesus tinha *entrado* em Jericó, mas ia *passando*, como a nos mostrar que o Seu campo de ação não é restrito. Ele atende em todos os ambientes, mas sem deixar

jamais se envolver com as conquistas transitórias. Isto é, Jesus *entra* em Jericó, mas não fica lá, *vai passando*.

Trazendo este ensinamento para a nossa experiência diária, vemos a importância de sermos cristãos onde estivermos, não discriminando quem quer que seja. É muito comum em matéria de religião, nos fazermos “santinhos” somente no templo em que dedicamos as orações, porém, no dia a dia, seja no trabalho ou no lar, somos verdadeiros alagozes daqueles que convivem conosco. Esse não é o ensinamento do Mestre, Ele foi o Representante Maior do Pai em todas as circunstâncias, viveu no mundo, sem ser mundano.

A nossa Jericó íntima precisa mais do que nunca do Cristo, conviver com os valores materiais é uma necessidade do processo evolutivo, mas não esqueçamos de *ir passando*.

E eis que havia ali um varão chamado Zaqueau; e era este um chefe dos publicanos, e era rico –...*havia ali*, morava ali, tinha se estruturado ali um *varão*, ou um homem respeitável, isto é, já uma personalidade formada, conhecidos de todos como *Zaqueau*.

Na vida encontramos muitos que, por falta de personalidade, não se definem diante dos acontecimentos, ora tendem para um lado, ora para outro. A estes, falta amadurecimento espiritual. Para ingressarmos no trabalho em nome do Senhor temos que ter vontade, determinação e consciência do que queremos. Zaqueau era um destes que possuía estas qualidades, por isso, o evangelista o denomina, o destaca.

... *e era este um chefe dos publicanos, e era rico*. Zaqueau tinha uma posição no mundo, não só era publicano, mas também, chefe destes. Era também detestado pelos Judeus, por causa da sua profissão, fato a que já nos referimos. ...*era rico*, além de posição, possuía bens. Não importa o cargo ou o saldo da nossa conta bancária, o que realmente vale, é o “como” exercemos nossos encargos.

E procurava ver quem era Jesus, e não podia, por causa da multidão, pois era de pequena estatura. – A vida verdadeira é a do Espírito, buscar os dons da alma imortal deve ser a nossa tônica, mas muitos de nós nos deixamos levar pelas conquistas do mundo, e dificultamos nossa história evolutiva. Entretanto, há um momento em que nos saturamos da ilusão, e, sentindo a necessidade de buscarmos os Valores Verdadeiros, procuramos quem nos possa oferecê-los. Por isso ele *procurava ver quem era Jesus*. Já havia nele esta necessidade. Mas o texto nos diz que ele *não podia, por causa da multidão, pois era de pequena estatura*. A *multidão*, formada por Espíritos em evolução no orbe, representa a somatória de nossas imperfeições, são os nossos muitos erros e vícios. Foi ela quem condenou Jesus, há dois mil anos, é ela quem nos afasta Dele, hoje. É que realmente quando sintonizados com os valores por ela representados, não conseguimos perceber Jesus em nossas vidas. Sendo de pequena estatura espiritual, não conseguimos estar acima de nossas deficiências.

... **e, correndo adiante subiu a uma figueira brava para o ver; porque havia de passar por ali.** – Zaqueau é realmente a representação daquele que quer mudar de vida e seguir o Cristo. O verbo correr no gerúndio –*correndo* –, expressa sua ação determinada para vencer as imperfeições a que achava-se preso. Não ficou ele parado, reclamando, ou achando-se incapaz. Tendo-lhe faltado os recursos para ver Jesus, tratou de consegui-los. ...*correndo adiante*, ou seja, para frente *subiu a uma figueira brava*, isto é, elevou-se, aumentou seu estado vibratório, só assim podemos enxergar Aquele que é o Caminho, a Verdade, e a Vida.

A conjunção *porque*, indica a causa que determina a ação. Os passos Daquele que é o Modelo para a Humanidade são primados na objetividade, são frutos de programação anterior, por isso Zaqueau, ponderando em bases de fé raciocinada, pôde saber que Ele *havia de passar por ali*. E desta forma, fez por onde vê-Lo ; e o viu...

E quando Jesus chegou àquele lugar... -A nossa pouca fé, muitas vezes, leva-nos a duvidar da Providência, induzindo-nos ao desespero. E não são poucas as vezes em que esse estado doentio, falando mais alto em nossa intimidade, leva-nos a ações complicadoras a determinar séculos de corrigendas. Apesar disso, o amparo nunca falta, e o Cristo sempre chega para acalmar nossas inquietudes. Mas isso só acontecerá, *quando aquele lugar*, reservado em nossa intimidade para Ele, estiver preparado.

...olhando para cima, viu-o – Zaqueau estava preparado, tinha elevado-se para encontrar Jesus, assim Ele *olhando para cima, viu-o*. Aquele que possui em si a superioridade moral, sempre olha para cima, mesmo quando volta seus olhos para baixo, enxerga o que há de melhor para ver. É daquilo que vemos, é como usamos o nosso olhar é que definimos qual a nossa condição espiritual. Jesus olhou para cima e seus olhos depararam um *publicano*, mas o que Ele viu, foi um Espírito necessitado, disposto a encontrá-Lo, chamado Zaqueau.

...e disse-lhe: Zaqueau, desce depressa, porque hoje me convém pousar em tua casa. – *e disse-lhe*, Jesus disse-lhe, usava o verbo com autoridade, quando falava sempre dizia, não usava a palavra aleatoriamente. *Zaqueau*, o Mestre distinguiu este-Zaqueau porque era quem estava preparado. Havia várias pessoas, uma multidão, mas foi em Zaqueau que Jesus viu condições de frutos urgentes.

...desce depressa, porque hoje me convém pousar em tua casa. -Muito significativa esta observação de Jesus. Para vê-lo Zaqueau teve que *subir*, mas para que o Mestre *pousasse em sua casa*, isto é, para que permanecesse com ele, teve que *descer e depressa*. *Descer*, porque, para estarmos com Jesus, é preciso que Ele esteja em nós. E Jesus não opera distante das pessoas, mas em favor delas. Se quisermos ser seus seguidores, não podemos nos enclausurar, afastar-nos da multidão para não nos contagiarmos. Não podemos sintonizar com ela, mas devemos nos aproximar para ajudá-la, para elevá-la. É nesse sentido que Ele disse: *desce depressa*. *Depressa* porque é urgente. A partir do momento em que somos sabedores, temos a necessidade imediata de vivenciar o que sabemos.

Outras considerações sobre o estudo evangélico:

Opinião de Chico Xavier

Entrevista feita pela Dra. Marlene Nobre a Chico Xavier, publicada pelo jornal Folha Espírita em abril de 1974.

Dra. Marlene – “Tendo em vista esse caráter vanguardeiro do Espiritismo, qual seria a contribuição mais importante do movimento espírita na atualidade?”

Chico Xavier – “Estamos convencidos, segundo as afirmativas dos nossos benfeitores espirituais, que a mais elevada função da Doutrina Espírita é a de restaurar os ensinamentos de Jesus com as elucidações de Allan Kardec, para a felicidade real das criaturas.”¹¹⁵

¹¹⁵“Lições de Sabedoria”, pág. 53.

Opinião de Alcione¹¹⁶

“Em nosso grupo familiar de Castela-a-Velha, meu tutor dizia que o estudo das letras santas é comparável a uma pesca de luzes celestiais. O rio da vida, afirmava, está sempre correndo e é indispensável energia serena e vontade ardente, a fim de mergulharmos na coleta dos valores divinos. Enquanto o homem se mantiver tíbio, desencantado, indiferente ou pessimista, dificilmente poderá encontrar no evangelho algo mais que os sublimes apelos do Senhor. Em tais condições negativas, recebemos os convites do Cristo, mas freqüentemente ficamos ignorando a tarefa; somos chamados ao banquete da verdade e da luz, mas comparecemos como comensais bisonhos, mal sabendo como iniciar o suculento repasto. O ensinamento de Jesus é vibração e vida, e como o estudo mais simples demanda o esforço de comparação, não podemos versar o Evangelho sem esse esforço. Muitos procuram, nestas páginas, somente motivos de consolação, esquecendo a essência do ensino. Mas seria um contra senso vir o Mestre a nós, dos espaços gloriosos da imortalidade, apenas para nos adoçar o coração onusto de perversidades e fraquezas humanas. Jesus é fonte de conforto e da doçura supremos. Isso é inegável. No entanto reconhecemos que uma criança, que somente receba consolações e mimos paternos, arrisca-se a envenenar o coração para sempre, na sede insaciável dos caprichos. Não; não devemos acreditar que o Cristo só haja trazido ao mundo a palavra revigoradora e afetuosa, senão também um roteiro de trabalho, que é preciso conhecer e seguir, em que pesem às maiores dificuldades. Para isso, é indispensável tomar nossos sentimentos e raciocínios como campo de observação e experiência, trabalhando diariamente com Jesus na construção da arca íntima de nossa fé. Naturalmente que essa edificação não prescinde do material adequado, constituído pelas virtudes e conhecimentos nobres que adquirimos no curso da vida. São esses os elementos que procuramos, em nossa pesca das luzes celestiais, para que, recebendo as consolações de Jesus, sejamos igualmente operosos trabalhadores.”¹¹⁷

“Lá na Espanha – explicou a jovem delicadamente – líamos apenas um versículo de cada vez e esse mesmo, não raro, fornecia cabedal de exame e iluminação para outras noites de estudo. Chegamos à conclusão de que o Evangelho, em sua expressão total, é um vasto caminho ascensional, cujo fim não poderemos atingir, legitimamente, sem conhecimento e aplicação de todos detalhes. Muitos estudiosos presumem haver alcançado o termo da lição do Mestre, com uma simples leitura vagamente raciocinada. Isso contudo, é erro grave. A mensagem do Cristo precisa ser conhecida, meditada, sentida e vivida. Nesta ordem de aquisições, não basta estar informado. Um preceptor do mundo nos ensinará a ler; o Mestre, porém, nos ensina a proceder, tornando-se-nos, portanto, indispensável a cada passo da existência. Eis por que, excetuados os versículos de saudação apostólica, qualquer dos demais conterà ensinamentos grandiosos e imorredouros, que impende conhecer e empregar, a benefício próprio.”¹¹⁸

¹¹⁶ Personagem do livro “Renúncia”, de autoria do Espírito Emmanuel.

¹¹⁷ “Renúncia”, pág. 331.

¹¹⁸ “Renúncia”, pág. 333.

Bibliografia

- A Bíblia de Jerusalém*, Introdução aos Evangelhos Sinóticos. 2ª impressão, SP, Edições Paulinas, 1992.,
- ABREU, Honório Onofre. *Evolução* (artigo), Temas da Atualidade Belo Horizonte, Grupo Espírita Evolução
- ABREU, Honório Onofre (Coordenador) Luz Imperecível, 1ª ed. B.H, Grupo Espírita Emmanuel, 1997
- ALMEIDA, João Ferreira. *A Bíblia*, 74ª Impressão. Rio de Janeiro, Imprensa Bíblica Brasileira, 1991
- AMORIM, Deolindo. *O Espiritismo e as Doutrinas Espiritualistas*, 3ª ed., RJ, Livraria Ghignome, 1992..
- ARGOLLO, Djalma Motta. *O novo Testamento – Um Enfoque Espírita*, 2ª ed., SP, Mnêmio Túlio, 1994
- *Possibilidades Evolutivas*, 1ª ed., São Paulo, Mnêmio Túlio, 1994
- ARMOND, Edgar. *O Redentor*. 10ª ed., SP, Aliança, 1989
- BARBOSA, Pedro Franco. *Espiritismo Básico*, 3ª ed., Rio de Janeiro, FEB, 1987
- DELANNE, Gabriel. *A Reencarnação*. 9ª ed., Rio de Janeiro, FEB, 1994
- DENIS, Léon. *Cristianismo e Espiritismo* 10ª ed.. Rio de Janeiro, FEB, 1994
- Depois da Morte*, 18ª ed., Rio de Janeiro, FEB, 1994..
- DOYLE, Arthur Conan. *História do Espiritismo*, São Paulo, Pensamento, 1978
- DUARTE, João. *Jesus o Homem de Nazaré*, 3ª ed., Rio de Janeiro, Petit/ FEB 19..
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário Eletrônico*, versão 1.4., Nova Fronteira, 1994
- FRANCO, Divaldo Pereira. *Direito de Liberdade*, Salvador, ed. Alvorada, 1970
- FRANCO, Divaldo P./Amélia Rodrigues. *Trigo de Deus*, 1ª ed., Salvador, Espírita Alvorada, 1993
- Pelos caminhos de Jesus*, 1ª ed., Salvador, LEAL, 1988
- FRANCO, Divaldo P. / Joanna de Ângelis. *Estudos Espíritas*, 5ª ed., Rio de Janeiro, FEB, 1991
- FRANCO, Divaldo P./MIRANDA, Manoel P.. *Grilhões Partidos*. 8ª ed., Salvador, Leal, 1993
- FREIRE, Antônio. *Ciência e Espiritismo*. 3ª ed., Rio de Janeiro, FEB, 1987..
- KARDEC, Allan. *A Gênese*. 26ª ed, RJ, FEB, 1984
- O Evangelho Segundo o Espiritismo. 104ª ed., Rio de Janeiro, FEB, 1991
- O Livro dos Espíritos*. 50ª ed., Rio de Janeiro, FEB, 1980
- O Livro dos Médiuns*. 44ª RJ, FEB, 1981..

- O Que é Espiritismo*. 30ª RJ, FEB, 1985..
- Obras Póstumas*. 27ª ed., Rio de Janeiro, FEB, 1995..
- O Céu e o Inferno*. 28ª ed., RJ, FEB, 1992
- MELO, Jacob. *O Passe*. 5ª ed., Rio de Janeiro, FEB, 1993
- PERALVA, Martins. *Estudando o Evangelho*. 6ª ed., Rio de Janeiro, FEB, 1992..
- O Pensamento de Emmanuel*. 5ª ed., Brasília, FEB, 1994..
- PIRES, J. Herculano. *O Espírito e o Tempo*. 3ª ed., São Paulo, Edicel, 1977
- REVISTA *O Reformador*. RJ, FEB, 1996
- REVISTA *O Reformador*. RJ, FEB, 1993
- VÁRIOS. *Apostila de Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita N° 5*, RJ, FEB, 1983..
- WANTUIL, Zeus. *As mesas Girantes e o Espiritismo*, 2ª ed. RJ, FEB, 1978..
- WANTUIL, Zeus/Francisco Thiesen. *Allan Kardec*, 3ª ed., RJ, FEB, 1987..
- XAVIER, Francisco C./André Luiz. *Ação e Reação*, 6ª ed., Rio de Janeiro, FEB, 1978
- Entre a Terra e o Céu*. 11ª ed., RJ, FEB, 1986..
- Missionários da Luz*. 24ª ed., Rio de Janeiro, FEB, 1993..
- Nosso Lar*. 41ª ed., Rio de Janeiro, FEB, 1994..
- Obreiros da Vida Eterna*. 8ª ed., Rio de Janeiro, FEB, 1971..
- Os Mensageiros*. 12ª ed., Rio de Janeiro, FEB, 1980..
- XAVIER, Francisco C. / Emmanuel. *A Caminho da Luz*, 10ª ed., Rio de Janeiro, FEB, 1980..
- Emmanuel*, 15ª ed., Rio de Janeiro, FEB, 1991..
- O Consolador*, 16ª ed., Rio de Janeiro, FEB, 1993..
- Paulo e Estevão*, Rio de Janeiro, FEB, 19..
- Pensamento e Vida*, 9ª ed., Rio de Janeiro, FEB, 1991..
- XAVIER, Francisco C./Hilário Silva. *A vida Escreve*, Rio de Janeiro, FEB, 19..
- XAVIER, Francisco C./Humberto de Campos. *Boa Nova*, 14ª ed., Rio de Janeiro, FEB, 1982..
- XAVIER, Francisco C./ Neio Lúcio. *Jesus no Lar*, 15ª ed., RJ, FEB, 1987..
- XAVIER, Francisco C. / Irmão X. *Cartas e Crônicas*, 8ª ed., RJ, FEB, 1991..
- XAVIER, Francisco C./ Vieira, Waldo/Luiz, André. *Evolução em Dois Mundos*, 13ª ed. RJ, FEB, 1993..
- *Sexo e Destino*, 16ª ed., RJ, FEB, 1993..